

ESCOLA DO ALTRUISMO

UM IMPULSO PARA O FUTURO



DANIEL BURKHARD

ESCOLA DO ALTRUISMO

UM IMPULSO PARA O FUTURO



ANTROPOSÓFICA

São Paulo – SP 2020

Direitos desta edição reservados à
Editora Antroposófica Ltda
www.antroposofica.com.br — editora@antroposofica.com.br
Rua da Fraternidade, 180 — 04738-020 São Paulo, SP
Tel: Fax(11) 5687-9714

Preparação de texto: Luciana Soares da Silva
Revisão: Jonas Bach
Diagramação: Raul Gonzalez
Capa: Raul Gonzalez

ISBN 978-65-5756-001-3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burkhard, Daniel
Escola do altruísmo : um impulso para o futuro /
Daniel Burkhard. -- São Paulo : Antroposófica, 2020.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5756-001-3

1. Autoconsciência 2. Autodesenvolvimento
3. Antroposofia 4. Altruísmo 5. Espiritualidade
I. Título.

20-40229

CDD-299.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Escola de altruísmo : Antroposofia 299.935

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Sumário

Prefácio	7
Primeira Parte	9
Introdução: A História.....	9
A Escola.....	19
A missão da Escola	19
O processo descendente e a conquista da autoconsciência.....	22
A metamorfose dos velhos para os novos mistérios ..	23
O processo ascendente e a possibilidade da liberdade e do amor	24
A formação	31
Primeira palestra: Por que uma formação?.....	31
Segunda palestra: O nível dos processos	41
Terceira palestra: A chave para o senso de verdade no social.....	56
Quarta palestra: A formação de grupos.....	66
Quinta palestra: A jornada do autodesenvolvimento.....	77
Sexta palestra: Formação de comunidades modernas..	90

Segunda Parte.....	107
Sétima palestra: Questões da estratégia.....	110
Oitava palestra: Compreensão social, Liberdade no pensar e Reconhecimento espiritual	120
Nona palestra: A direção a seguir	132
Décima palestra: Arte na estratégia e na didática.....	144
Décima primeira palestra: O pensar vivo	151
Décima segunda palestra: Estratégia e conteúdo do programa de desenvolvimento do Mediador de Transformação Social.....	161
Palavras finais.....	172
Anexos	174
Anexo 1: Homem ou mulher da Paz	174
Anexo 2 : A arte do diálogo	176
Anexo 3: Preparando a Sexta Época.....	180
Anexo 4: A Escola do Altruísmo e a Trimembração do Organismo Social	200
Bibliografia	203

Prefácio

*“Ainda não é tempo de colher.
O tempo agora é de semear,
Semear as sementes que trarão seus frutos no futuro.”*

Bernard Lievegoed

Este livro é fruto do trabalho de um grupo de pessoas que, juntas, decidiram fundar a Escola do Altruísmo como um impulso da nossa época para o devir¹ da humanidade.

Esta obra também pode ser considerada uma continuação do meu livro anterior Nova consciência, altruísmo e liberdade, lançado em novembro de 2015, pela Editora Antroposófica, que pode ser baixado gratuitamente como e-book no site da Escola do Altruísmo (www.escoladoaltruismo.com.br). A leitura do primeiro livro não é condição necessária para a compreensão deste, embora possibilite um entendimento mais profundo dos conteúdos aqui apresentados.

Com exceção do texto da primeira palestra, todos os demais são resultado de reflexões, de perguntas que recebi, de pesquisas na literatura antroposófica, de discussões e crises pelas quais o grupo passou ao longo de três anos e de doze workshops de três dias cada um. Sem isso, este livro não poderia ter sido escrito.

Fizemos, como grupo, ao longo dessa jornada, um caminho com a cara e a coragem rumo ao desconhecido, primeiro criando os elementos que consideramos deveriam fazer parte de um programa de formação para, por último, elaborar um conjunto de propósitos, diretrizes e estratégias para a Escola

¹ Movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes; o vir a ser.

do Altruísmo, que no fim se tornaram uma imagem harmoniosa e não uma colcha de retalhos.

O tema altruísmo é tão vasto e multifacetado que merece inúmeras obras a serem escritas. Por essa razão, pretendo aqui apresentar apenas os principais conceitos elaborados à luz da Ciência Espiritual (Antroposofia) de Rudolf Steiner.

Minha expectativa também é de que o conteúdo dessas palestras seja a referência básica de inspiração para cada um dos módulos do Programa de Formação da Escola do Altruísmo. Espero também que todos que tomarem contato com este material possam olhar o tema altruísmo enriquecido como mais uma perspectiva inspiradora para o nosso futuro como indivíduos, grupos, humanidade e do próprio planeta.

Ao reescrever as palestras para o livro, coloquei no fim de algumas um adendo para expandir os conceitos apresentados. Neste sentido, também, no fim de cada tema relevante formulei algumas questões para a reflexão do leitor sobre o que foi lido, visando maior fixação e aprofundamento dos conceitos.

Dividi o livro em duas partes. A primeira servirá para contextualizar o leitor com um resumo da história da Escola do Altruísmo e seus fundamentos cósmicos. Apresento também nessa primeira parte o conteúdo das palestras de 1 a 6 que cria as bases para a segunda parte (Palestras 7 a 12).

Boa leitura a todos!

Daniel Burkhard

Florianópolis, verão de 2020.

Primeira Parte

Nesta primeira parte, pretendo resumir a história da Escola do Altruísmo para contextualizar o leitor quanto aos seus propósitos.

Introdução: A História

Para contar a história do início da escola vou reproduzir a carta convite que escrevi em novembro de 2014 e enviei a várias pessoas que, eu achava, poderiam ouvir meu apelo. Eu não conhecia todos os convidados pessoalmente e Adma Garzeri, que acabara de entregar o cargo de presidente do Instituto EcoSocial² para seu sucessor, me ajudou com um entusiasmo contagiante na montagem de um grupo de pessoas. A escolha foi tão feliz que todos os convidados aceitaram o convite e estão trabalhando juntos até os dias atuais sem uma única desistência. Infelizmente, Adma teve de desistir de participar dos encontros do grupo por questão de saúde. Os voos para Florianópolis são uma verdadeira calamidade em termos de conexões para outros destinos. Adma tornou-se o primeiro membro honorário da Escola.

Na carta convite adotei alguns termos que, para alguns leitores, podem ser novos. Mesmo assim, resolvi publicar a carta em seu teor original (com pequenas alterações para melhor compreensão) para deixar transparecer o estado de espírito com a qual foi redigida. Os termos eventualmente desconhecidos se esclarecerão ou longo da leitura do livro.

2 O Instituto EcoSocial é uma iniciativa criada em 2002 pela Adigo Consultores, empresa de consultoria que fundei em São Paulo, em 1988, para levar ao mundo corporativo os conceitos do Nederlands Pedagogisch Instituut (NPI), que se baseiam na Antroposofia de Rudolf Steiner.

Reprodução da carta convite que descreve o início da história:

Caro amigo,

Quero convidá-lo para, comigo e com mais algumas pessoas escolhidas, fundar a Escola do Altruísmo, para o que estou convidando personalidades com o seguinte perfil:

- Estar razoavelmente resolvido consigo mesmo;
- Ter demonstrado um impulso de doação;
- Ter uma real preocupação com o destino da Humanidade;
- Ter uma imagem de credibilidade e respeito;
- Ter experiência de colocar projetos no mundo; e
- Ter uma firme base antroposófica.

Vou contar um pouco de meu histórico.

Em 26 de abril de 2013, fiz um passeio de automóvel com minha esposa Gudrun e o veículo capotou, de modo que as rodas ficaram no ar. O veículo teve perda total, como um milagre, não sofremos nenhum arranhão sequer e o veículo parou de deslizar a menos de um metro de um penhasco. Ambos ficamos pendurados de cabeça para baixo, presos pelo cinto de segurança, do qual tivemos de nos soltar para sair do veículo. Fora do carro, nos abraçamos e tivemos um dos momentos mais felizes de nossa vida. Isso me proporcionou intensa vivência interior de luz, muita luz!

Parecia que alguém tinha virado o veículo em sua mão de tão suave que foi a queda e começamos a nos questionar sobre qual tarefa o destino ainda tinha para nós.

No fim de 2013, Jair Moggi me perguntou se eu teria certa palestra de Rudolf Steiner³ e, ao encontrá-la em alemão, me

3 GA 185, 26.10.1918

ofereci para traduzi-la. Essa palestra aborda os desafios da “quinta época pós-atlântica” cuja tarefa é desenvolver a Alma da Consciência, o que exige uma integração tão intensa das pessoas que me parecia até estranha, tão longe o cenário descrito está da realidade atual, em que predomina o isolamento cada vez maior do indivíduo. A palestra me despertou para uma realidade apavorante: a Humanidade marcha no sentido contrário da evolução e isso significa cair no abismo.

A partir de tal momento eu sabia o que tinha de fazer! Investi todo o meu tempo disponível em pesquisa e busca de respostas para essa apavorante descoberta. E tentarei resumir as cem páginas que escrevi até agora em quatro ou cinco para lhe dar uma ideia daquilo de que estou falando.

Analisei nossa situação atual resumindo-a em:

- Estamos sujando a água de que necessitamos para beber.
- Estamos sujando o ar de que necessitamos para respirar.
- Estamos destruindo a natureza de que necessitamos para sobreviver.
- Estamos provocando o aquecimento global do planeta.
- Estamos correndo atrás de dinheiro para consumir coisas de que não precisamos e que logo estarão nos lixões que contaminam o solo e, com isso, completamos o perverso serviço de destruição do planeta, roubando das futuras gerações o direito de viver com saúde.

Analisando essa triste realidade, cheguei às três causas principais que se escondem atrás de toda esta loucura:

Materialismo

Egoísmo

Perda dos preceitos morais.

Em seguida comecei a reunir as informações de Rudolf Stei-

ner a respeito da quinta época pós-atlântica e dos obstáculos que dificultam a conquista da Alma da Consciência. Analisei os cinco textos de Steiner que descrevem a nossa situação atual partindo de cinco pontos de vista diferentes e cheguei ao seguinte resumo:

Primeiro ponto de vista

Materialismo

Egoísmo

Perda dos valores morais

Segundo ponto de vista

Egoísmo exacerbado

Isolamento social

Inclinação para o mal

Terceiro ponto de vista

Mecanização do pensar

Vegetalização do sentir

Animalização do querer

Quarto ponto de vista

Seduções de Lúcifer

Imposições de Árimã

Efeito destruidor dos Azuras

Quinto ponto de vista

Autodefesa no pensar perante o pensar do próximo.

Julgamento do outro por simpatia e antipatia no sentir, intensificando-se para a atração ou a aversão no querer, o que determina a nossa ação.

Podemos verificar, então, que os pontos de vista a partir dos quais olhamos para a nossa situação são diferentes (educação, liderança, saúde etc.), mas as causas mais profundas dos problemas são sempre as mesmas:

Materialismo

Egoísmo

Perda dos valores morais

Tais são os nossos “pés de chumbo” que trazemos do nosso passado e dos quais já devíamos ter nos livrado para podermos alçar voo para níveis de consciência mais elevados ao enfrentar os desafios do desenvolvimento da Alma da Consciência que temos pela frente.

Os desafios para o desenvolvimento da alma da consciência são os seguintes:

1. Conquistar uma visão espiritual do Ser Humano superando o materialismo.
2. Conquistar uma visão espiritual do mundo para poder entender os fenômenos e as tendências a partir de uma visão global e integrada que engloba a vida físico-econômica, anímico-social e espiritual-cultural.
3. Trazer o inconsciente instintivo de nossa natureza à luz da consciência, transformando-o em virtudes.
4. Aprender a lidar com o egoísmo e com a solidão.
5. Conquistar a **liberdade interior**, que na alma racional é **liberdade exterior**.
6. Conhecer e entender o mistério da morte.
7. Conhecer e entender o mistério do mal.
8. Estabelecer contato consciente com o Eu superior.
9. Abrir-se para o encontro com o Cristo no mundo etérico.
10. Desenvolver a consciência para a realidade do Carma.

Conscientizando-me da nossa situação atual como Humanidade, com os nossos “pés de chumbo”, de um lado, e os desafios que temos pela frente, de outro, cheguei a desenvolver um sentimento de total impotência e angústia, quando deparei com o seguinte texto de Rudolf Steiner:

É necessário adquirir a consciência da necessidade de uma Escola do Altruísmo para a nossa época atual. Uma renovação moral, um aprofundamento da vida ética, somente pode surgir através do treinamento para o altruísmo. Devido às circunstâncias da época atual, a Escola do Altruísmo só pode tornar-se realidade mediante um profundo conhecimento do significado do altruísmo. Em toda a evolução não há outro exemplo para o altruísmo tão penetrante como o aparecimento do Cristo na terra. Reconhecer o Cristo significa absorver a escola do altruísmo. Reconhecer o Cristo significa conhecer todos os impulsos que ao longo da evolução humana gotejaram dentro da nossa alma de modo que estes aquecem e inflamam em nós tudo que tem uma predisposição para o altruísmo.

Sob a influência do materialismo, o altruísmo perdeu-se na humanidade de um modo que apenas gerações vindouras terão a possibilidade de avaliar. Mas, com o aprofundamento no Mistério do Gólgota, com toda a nossa alma, podemos restabelecer uma cultura do altruísmo. O que o Cristo fez tem como impulso básico o altruísmo e o que ele pode ser para o desenvolvimento consciente da alma humana é o conteúdo da Escola do Altruísmo.

GA 152, Basileia, 1º de junho de 1914⁴

Um dia, em uma época longínqua do passado, fomos expulsos do Paraíso com a missão de povoar e conhecer a terra e conquistar a nossa autoconsciência. O objetivo dos Deuses é formar a décima hierarquia e acrescentar ao cosmo o princípio da liberdade. Os outros princípios, como amor, harmonia, movimento, sabedoria etc., já existem no cosmo.

⁴ GA, do alemão Gesamtausgabe, pode ser traduzido por “Edição Geral”. Todas as citações de Rudolf Steiner são referenciadas neste livro pelo número da GA, o local e a data em que as palestras foram proferidas.

A figura 1, a seguir, sintetiza a evolução da consciência humana desde os primórdios até a atualidade:

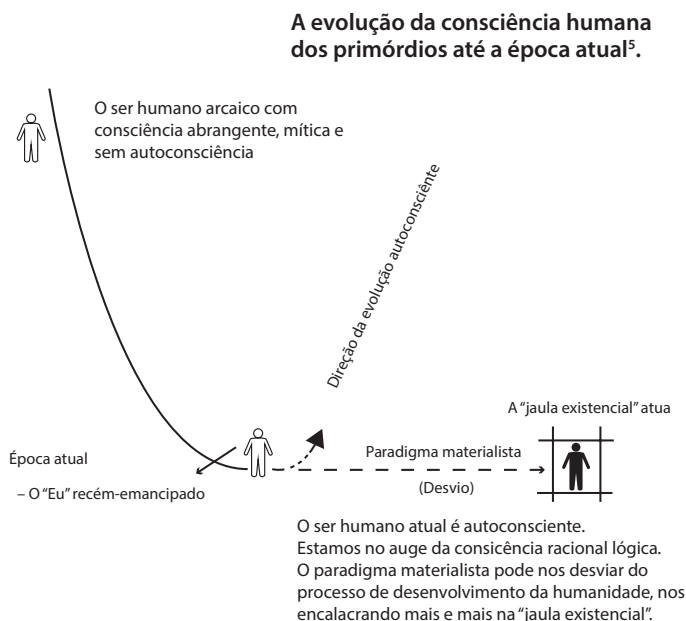


Figura 1

Quando, com tal processo de **diferenciação e individualização** impulsionado cada vez mais intensamente pelo **egoísmo**, chegamos a um ponto crítico, houve o Mistério do Gólgota para inverter a direção do processo de descendente para ascendente, quando o egoísmo deve ser substituído pelo **altruísmo**, promovendo o impulso de **integração** que reconduz a Humanidade ao mundo espiritual, mas agora de modo autoconsciente e livre.

Caro amigo, esta foi a centelha e o consolo, a esperança e a vontade de tomar mais uma vez uma iniciativa para promover um despertar nas pessoas.

5 MOGGI, Jair & BURKHARD, Daniel. Como integrar liderança e espiritualidade. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001.

O altruísmo pode ser treinado e compreendido por qualquer um.

Há dezenas de milhares de pessoas trabalhando para melhorar o mundo e uma não sabe da outra. Se conseguíssemos unificar os diferentes impulsos em torno de uma imagem espiritual objetiva, independentemente da crença ou da religião de cada um, daríamos uma enorme contribuição para direcionar a evolução da consciência humana na direção certa.

Nossa escola deve ter uma grande visibilidade e presença em todos os estados do Brasil e servir de farol para que seja visível a grande distância.

A Escola deve disseminar o altruísmo como alternativa real e praticável no mundo atual, oferecendo uma fundamentação espiritual e conceitual para novas iniciativas, assim como pode reorientar muitas iniciativas existentes e já atuantes no âmbito social, se assim o desejarem. Imagine o que isso pode significar para uma pessoa ou um grupo que trabalha no social, combatendo a pobreza e, de repente, descobre, por intermédio da Escola do Altruísmo, que seu trabalho pode ter, espiritualmente, um significado muito mais abrangente.

A Escola quer ensinar o que os livros não ensinam e desenvolver formas didáticas que favoreçam o desenvolvimento da nova consciência e do altruísmo.

Não queremos apenas conscientizar, queremos também mobilizar, treinar, acompanhar e apoiar.

A Escola ainda se encontra no mundo das ideias e para poder aterrissar precisa de um berço.

Tenho a expectativa de que dentro de uma ou duas gerações a Escola do Altruísmo seja reconhecida como garantia de qualidade e respeitabilidade para muitas atividades humanas.

Subscrevo esta carta na esperança de encontrar ouvidos e corações abertos para cada um decidir, em plena liberdade, se é o momento dele e se ele encontra no exposto a motivação para investir tempo e energia em um projeto dessa envergadura.

Estou ciente de meus próprios problemas de egoísmo e não me sinto chamado para pregar moral para quem quer que seja, mas vejo um caminho muito objetivo e lógico que pode influenciar a vida de muitas pessoas, inclusive a minha, de pessoas que sentem o impulso de dar a sua contribuição para a Humanidade encontrar o seu rumo. Caminhando juntos vamos aprendendo.

Um grande abraço.
Florianópolis, 28 de novembro de 2014.
Daniel Burkhard

Essa era a carta convite e as respostas foram surpreendentes. Graças ao excelente trabalho da Adma Garzeri, em pouco tempo o grupo estava montado e o primeiro encontro, marcado.

Os membros fundadores são:⁶

1. Adma Garzeri, Consultora da Adigo e ex-presidente do Instituto EcoSocial.
2. Alfredo Rheingantz, professor waldorf e, na época, um dos gestores da Sociedade Antroposófica.
3. Amauri Falsetti, fundador e diretor do grupo de teatro Paideia.
4. Daniel Burkhard, fundador e ex-diretor da Adigo Consultores.
5. Gudrun Burkhard, médica responsável pela introdução da medicina antroposófica no Brasil, fundadora da Clínica Tobias, iniciadora do trabalho biográfico e escritora.
6. Jair Moggi, diretor da Adigo Desenvolvimento.
7. João Luiz de Souza, diretor da Lumo.
8. José Mario Ferreira, consultor e ex-presidente do EcoSocial.

6 O minicurrículo de todos pode ser visto no site da Escola do Altruísmo: <www.escoladoaltruismo.org.br>.

9. Leandro Kao, consultor e, então, presidente do EcoSocial.
10. Martha Azevedo Barreto, cardiologista e aconselhadora biográfica.
11. Milene Mizuta, fundadora do projeto Líder de Si e aconselhadora biográfica.
12. Macione Pessoa Baroni, empreendedora social e fundadora do ComViver e da Graúna.
13. Rodrigo Ventre, fundador do Instituto Economia Viva e CEO do Grupo Eppo.
14. Silvio Urbano, um dos iniciadores do Projeto Germinar.

De 5 a 7 de março de 2015, houve o nosso primeiro encontro no Sítio dos Tucanos, em Florianópolis, e começamos a trabalhar.

O primeiro desafio era concluir o livro⁷ para o grupo poder providenciar a revisão, a edição e o lançamento. Para mim essa foi uma experiência incrível de alívio, de sentir de repente o apoio de um grupo, pois o peso que eu carregava sozinho naquele momento foi distribuído com os doze ombros. O grupo também financiou a produção do livro, cujo lançamento ocorreu em 11 de novembro 2015, em Florianópolis, data que consideramos também a de fundação da escola.

7 BURKHARD, Daniel. Nova consciência, altruísmo e liberdade. São Paulo: Editora Antroposófica, 2015.

A Escola

Para estabelecer a visão e a missão da Escola do Altruísmo precisamos definir, primeiro, o contexto no qual estamos inseridos e queremos atuar. Já há clareza no grupo de que o altruísmo, assim como o aquecimento global ou a poluição dos oceanos abrange toda a humanidade. Precisamos, cada vez mais, aprender a pensar a humanidade como um todo que habita um planeta único e tem um destino em comum. Achamos frutífero buscar em primeiro lugar respostas para as seguintes questões:

Quem somos?
De onde viemos?
Onde estamos?
Para onde vamos?
Que sentido tem tudo isto?

Veremos adiante que essas cinco questões são uma grande ajuda para penetrar com o nosso pensamento um novo nível de consciência, que chamo de consciência do nível dos processos, superando as limitações do pensamento ligado apenas a objetos e ao espaço. A essas cinco perguntas dediquei uma palestra inteira

A missão da Escola

Um dia, em um passado longínquo, fomos expulsos do Paraíso com a missão de conhecer e povoar a terra e conquistar a nossa autoconsciência. O objetivo era formar a décima hierarquia⁸ para acrescentar ao cosmo o princípio da liberdade.

No Paraíso, Adão e Eva, como representantes da huma-

⁸ Sobre as hierarquias ver GA 11, A crônica do Akasha. São Paulo: Editora Antroposófica, 2017; e GA 13, A ciência oculta. São Paulo: Editora Antroposófica, 2006.

nidade, ainda viviam entre os deuses e se comunicavam com eles, mas não tinham autoconsciência.

O mundo espiritual era uma realidade para eles. Já o mundo físico, vivenciavam ainda vagamente como em sonho. Apenas depois de comer o fruto da árvore do conhecimento perceberam que estavam nus. A expulsão do Paraíso é o início de uma longa peregrinação da humanidade rumo à Terra. Sua missão é se defrontar com todos os obstáculos terrestres para desenvolver a autoconsciência e por meio desta o princípio da liberdade. No Cosmo já há nove hierarquias portadoras dos seguintes princípios:

Serafins	Espíritos do amor
Querubins	Espíritos da harmonia
Tronos	Espíritos da vontade
Kyriotetes	Espíritos da sabedoria
Dynamis	Espíritos do movimento
Exusiai	Espíritos da forma
Arqueus	Espíritos do tempo
Arcanjos	Espíritos guia dos povos
Anjos	Espíritos protetores dos indivíduos

A grande missão da humanidade é desenvolver no cosmo o décimo princípio que é o princípio da liberdade. E, assim, se tornar a décima hierarquia, a portadora deste princípio no cosmo. A realização dessa missão só pode acontecer na Terra e os deuses dependem do princípio da liberdade para o seu próprio desenvolvimento.

A figura 2, a seguir, mostra a jornada da humanidade no cumprimento de sua grande missão.

A missão cósmica e o caminho da Humanidade

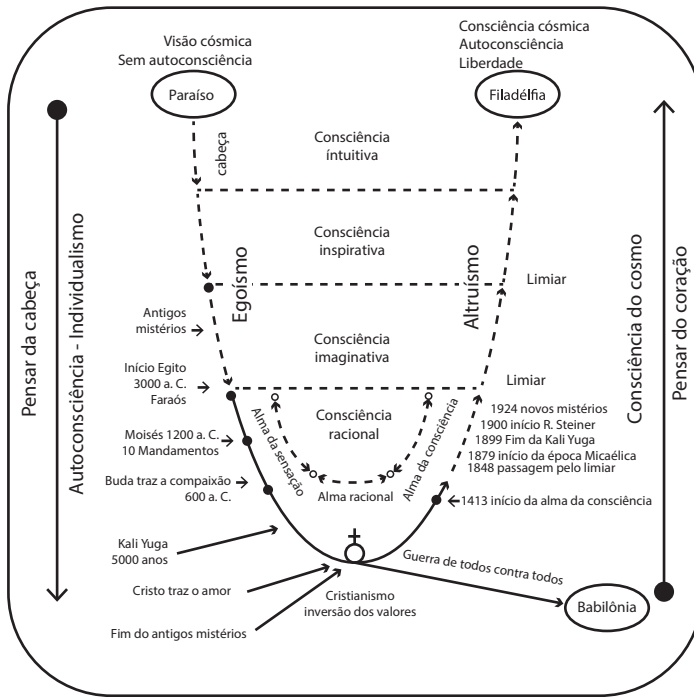


Figura 2

O processo descendente e a conquista da autoconsciência

Em sua descida do Paraíso rumo à terra, a humanidade passou por vários estágios de consciência. Durante um longo período, seres espirituais a guiavam, ensinando-lhe o cultivo de alimentos, uma língua para se comunicarem, um pensar em imagens. Tais processos de ensinamento se davam originalmente nos oráculos, mediante a incorporação de seres espirituais em corpos humanos que guiavam a humanidade. Mais tarde, quando as incorporações já não eram mais possíveis devido ao endurecimento dos corpos físicos, o processo de ensinamento e liderança era feito por pessoas iniciadas, em locais especiais chamados de mistérios.

Em 3000 a.C. o desenvolvimento da consciência entra em sua fase histórica, isto é, a partir desse momento podemos constatar que já há documentos escritos. Encontramo-nos no início da época egípcia, em que no topo da pirâmide social e espiritual está o faraó, ainda meio deus, meio humano. Em 3000 a.C. também se registra o início do Kali Yuga, a época da escuridão espiritual, quando os seres espirituais começam a se retirar dos humanos na terra. O Kali Yuga durou cinco mil anos e terminou em 1899 d.C.

Na jornada da descida para a terra foram fundadas as religiões e as culturas, por meio de grandes iniciados como:

Zaratustra, cultura persa (5000 a.C.)

Moisés, cultura judaica (1200 a.C.)

Buda, cultura budista (600 a.C.)

3000 a.C. é também o início do desenvolvimento da alma da sensação da humanidade.

As Fases do desenvolvimento das almas humanas, segundo a Antroposofia, acontecem nos seguintes períodos culturais:

Alma da sensação, 2907 a.C.-747 a.C. – época egípcia, babilônica, hebraica.

Alma da razão e da índole, 747 a.C.-1413 d.C. – época greco-romana.

Alma da consciência, 1413 d.C.-3573 d.C. – época europeia.

A metamorfose dos velhos para os novos mistérios

Quando o processo de descida rumo à terra e o correspondente endurecimento dos corpos humanos chegou a um ponto crítico, surgiu na terra a figura de Jesus. Os velhos mistérios já tinham completado sua função, estavam vivendo um processo de decadência e não funcionavam mais. O Kali Yuga, a era da escuridão espiritual, ainda estava distante de seu término. Espiritualmente, a humanidade encontrava-se na escuridão. Conforme Rudolf Steiner, Jesus era um ser humano cuja organização física foi preparada pelo povo judeu ao longo de 42 gerações, descritas no Velho Testamento. Quando Jesus tinha 30 anos, ele se deixou batizar no rio Jordão por João Batista, momento em que o Cristo se ligou à organização física de Jesus (imagem da pomba que desce do céu). Assim, andou por três anos sobre a face da terra, foi crucificado aos 33 e ressuscitou depois de três dias.

Conforme Rudolf Steiner, tal evento, que ele denomina de Mistério do Gólgota, é o ponto mais importante de toda a evolução humana. Naquela época os deuses gregos ainda eram vaidosos, astutos, ciumentos e vingativos. O Cristo pregava o amor e o perdão: se alguém bater em você em uma face, ofereça-lhe a outra, uma inversão total de todos os valores praticados até então. Tais valores são espirituais e universais e orientam qualquer religião sobre a Terra. Nesse nível de consciência todas as religiões levam para o mesmo lugar, ainda que por caminhos diferentes.

O processo ascendente e a possibilidade da liberdade e do amor

O processo ascendente só se tornou possível graças ao evento do Cristo na Terra. O processo descendente já alcançara seu objetivo externo, que era a conquista da autoconsciência individual na dualidade: Eu em minha pele e o mundo fora de mim, o que consolidou como consequência natural o egoísmo.

Precisamos ter em mente que os iniciados fundadores de religiões como Zaratustra, Moisés e Buda eram seres humanos. O Cristo que se incorporou no Jesus de Nazaré, no batismo no rio Jordão aos trinta anos, não era um ser humano, mas um deus. Cristo foi crucificado, mas o princípio do amor que ele trouxe ficou sobre a terra, sendo tal princípio o fundamento para a liberdade. Sem amor não há a verdadeira liberdade e sem liberdade não há o verdadeiro amor. Os dois são irmãos e atuam acima de todas as religiões.

Sem o amor a humanidade não teria futuro. Impulsionada pelo egoísmo, pelo materialismo e pela perda dos preceitos morais, caminharia diretamente para a guerra de todos contra todos, o que no Apocalipse de João é denominado Babilônia.

Graças ao impulso do amor, os seres humanos conseguem alterar o movimento descendente da evolução para um movimento ascendente por meio da conquista do pensar do coração.

Podemos, então, verificar que há duas correntes distintas na evolução recente da humanidade. Uma vai para a Babilônia (a guerra de todos contra todos, mencionada no Apocalipse de João) e a outra, para a Filadélfia (ver figura 2). O caminho para a Babilônia é sustentado pela cultura do egoísmo, do materialismo, da exploração, da falta de preceitos morais, da mentira. No caminho para a Filadélfia podemos constatar uma sequência de datas, muito importantes, enumerada a seguir:

1413 – Início da época da Alma da Consciência
1842 – Início da passagem da humanidade pelo limiar
1879 – Início da época de Micael
1899 – Fim do Kali Yuga
1900 – Início da atuação pública de Rudolf Steiner
1913 – Fundação da Sociedade Antroposófica
1924 – Inauguração dos novos mistérios por Rudolf Steiner
1842 a 1872 – Passagem pelo limiar, quando a humanidade se torna adulta para poder avaliar as consequências de seus atos. Rudolf Steiner diz que a humanidade passou por esse limiar dormindo e que o acordar para a realidade espiritual é gradativo, tanto no nível individual quanto no coletivo.

O ano de 1879 marca o início da época em que Micael é o espírito do tempo, regendo até aproximadamente 2250 d.C., quando será substituído pelo arcanjo Orifiel.⁹ Os Arcanjos são sete e se alternam a cada 350 anos. Micael é o Arcanjo que mais se interessa pela evolução da humanidade, é o espírito solar, ao passo que os outros seis são ligados aos planetas que circundam o Sol.

1899 é o fim do Kali Yuga. A época da escuridão espiritual terminou. O Espírito pode começar a fluir do Cosmo para a Terra e da Terra para o Cosmo à medida que a humanidade acordar para a realidade espiritual.

1900 – Para possibilitar esse acordar, tem início a atividade pública de Rudolf Steiner que, em 1913, funda a Sociedade Antroposófica e, em 1924, os novos mistérios com a refundação da Sociedade Antroposófica.

Podemos verificar como em um intervalo de setenta anos ocorreram muitos eventos de importância e abrangência cós-

9 Os Arcanjos revezam-se desta forma: Micael, 550 a.C.-200 a.C.; Orifiel, 200 a.C.-150 d.C.; Anael, 150 d.C.-500 d.C.; Zacariel, 500 d.C.-850 d.C.; Rafael, 850 d.C.-1190 d.C.; Samael, 1190 d.C.-1510 d.C.; Gabriel, 1510 d.C.-1879 d.C.; Micael, 1879 d.C.-2300 d.C.

micas, os quais abrem as portas para uma nova cultura global sobre a Terra. Uma cultura baseada no amor, da qual a emancipação da mulher é um dos fenômenos mais importantes depois de cinco mil anos de patriarcado.

Assim, todos trabalhamos na construção da mesma catedral: uns, nos fundamentos, outros erguendo paredes, outros colocando as vigas do telhado, outros, na coordenação do projeto da catedral. Desse modo, cada grupo contribui para a grande obra da humanidade de acordo com suas habilidades e condições. O arquiteto da catedral é Micael, o grande protetor e guia da humanidade.

Albert Einstein afirmou: “O pensamento que criou os problemas é inadequado para solucioná-los.” Como podemos entender essas palavras aplicadas em nosso caso?

Vamos pensar um pouco juntos?

Se quero combater o egoísmo com o altruísmo estou combatendo um comportamento com outro. Se quero solucionar a questão altruísmo versus egoísmo de modo sustentável, preciso procurar a solução no pensamento (consciência) em um nível acima, ou seja, preciso substituir a visão de mundo materialista por uma visão de mundo que inclua o mundo espiritual. A esse respeito, Rudolf Steiner afirma de maneira categórica: A questão social não tem solução sem uma visão espiritual.

Outra revelação de Steiner diz que entre 1842 e 1872 a humanidade passou pelo limiar.¹⁰ O que isso significa? Até 1842 a humanidade, em termos globais, tinha consciência de si e do mundo, que batia contra os limites do limiar que há entre o mundo profano e o mundo espiritual (ver figura 2).

Nosso pensar intelectual está confinado aos domínios do mundo físico-sensorial e no momento em que ele passa pelo

10 GA 233, Dornach, 12.1.1924

limiar, adormece. Isso ocorre todos os dias quando vamos dormir.

Em 1842 os guias espirituais da humanidade abriram os portões para o mundo espiritual e a humanidade atravessou o limiar, mas continua dormindo. E, se não acordar, poderá errar muito e enfrentar muito sofrimento.

Para a Escola do Altruísmo isso significa:

A missão da escola do altruísmo

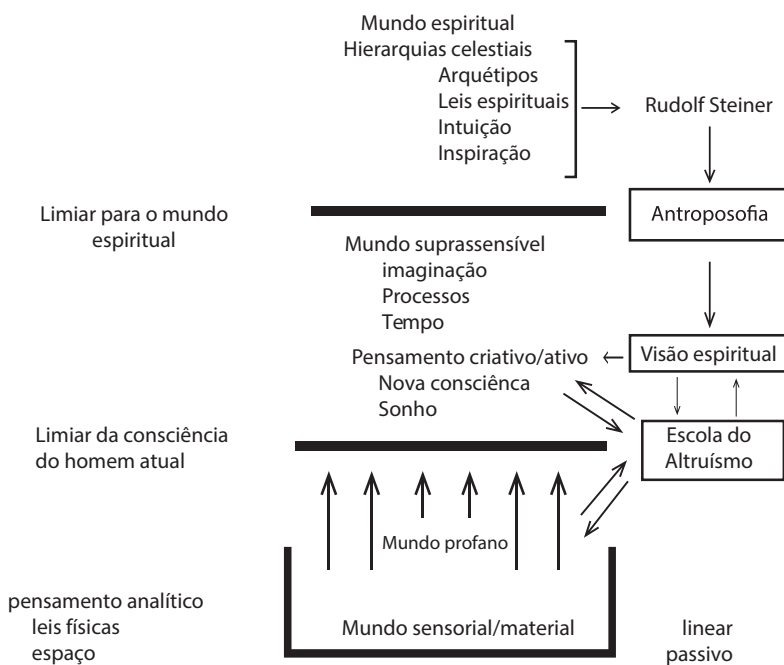


Figura 3

A questão do altruísmo encontra-se justamente no limiar entre o mundo profano e o suprasensível e tem por missão despertar os seres humanos para a cultura da nova consciência. O altruísmo manifesta-se no mundo profano pelos atos facilmente perceptíveis dos homens. Mas a inspiração para o altruísmo não se encontra no mundo profano; vem do mundo espiritual.

A Escola do Altruísmo, cuja incumbência é ajudar as pessoas a desenterrar, em sua alma, o impulso do altruísmo, tem, de um lado, um olhar constantemente dirigido ao mundo profano para reconhecer os problemas e suas causas e, de outro, para a visão espiritual, onde busca o rumo em um âmbito de evolução muito mais amplo. Pela Antroposofia, essa inspiração pode ser acessada e cabe à Escola traduzi-la para a linguagem profana para que todas as pessoas possam entendê-la. Esse é um desafio muito grande para os participantes responsáveis pelas Escolas.

O desafio

No mundo profano o pensamento é analítico e linear e se ocupa das coisas que existem fisicamente. Ele é orientado para o passado; é um pensamento passivo, que depende dos conceitos do mundo físico; está ligado ao espaço.

O pensamento imaginativo, ou criativo, ou ativo, ocupa-se de coisas que não existem fisicamente. Está ligado ao tempo, aos processos. Podemos ler um texto antroposófico inteiro sem nos deparar com um único conceito que aponte para um objeto físico. Quem não está treinado para esse tipo de pensamento, logo se cansa e costuma ficar sonolento após pouco tempo de leitura ou de palestra. Mas, quem se treina, pode haurir do pensamento criativo suas inspirações e a sonolência que era parte natural antes do treinamento, se torna inspiração entusiasmante, que aquece

os corações e a vontade para inovar e atuar no mundo. Um treino muito eficaz para entrar no mundo imaginativo é o exercício da retrospectiva, tal como é explicado no livro *O conhecimento dos mundos superiores*, de Rudolf Steiner.¹¹

Recorremos a uma alegoria.

Imagine que você mora na cidade de São Paulo e passou o fim de semana no litoral, curtindo uma praia. No domingo, precisa voltar para casa na capital. Já é noite e no pé da serra percebe que vai entrar em uma densa neblina. Densa neblina à noite, que horror! Mas os compromissos do dia seguinte o obrigam a viajar nessa noite. Então, a Polícia Rodoviária, que conhece cada curva da serra, mesmo à noite e com neblina, organiza um comboio para conduzir todos os motoristas em segurança. Chegando ao alto da serra a neblina ficou para trás e a visão está livre novamente. Você e todos os motoristas seguem novamente seu caminho em liberdade.

Essa é a função da Escola do Altruísmo.

- O objetivo final do nosso trabalho é o despertar das pessoas para a nova consciência.
- A bússola para caminhar na direção desejada é a ciência espiritual
- O veículo para locomoção é o altruísmo.

Em meu processo de autoeducação posso obrigar-me a atos de altruísmo. Posso estabelecer uma meta e determinar quanto altruísmo quero praticar. Aprendo a disciplinar e conduzir a minha vontade, na direção que quero. Altruísmo é uma escola para a vontade. Praticando-o, vocês farão uma descoberta incrível: em sua alma o amor irá despertar. O

11 GA 10, *O conhecimento dos mundos superiores*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2007.

amor pelo ser humano, o amor pela natureza, pelos animais, pela vida, pela criação, pela existência. O amor que posso sentir em minha alma não pode ser forçado como o altruísmo. O amor é uma dádiva do céu, que acontece mediante a prática do altruísmo.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Quais foram as consequências da expulsão do Paraíso?
2. Qual foi a inversão que ocorreu no processo de desenvolvimento humano com o “Mistério do Gólgota”?
3. A solução do dilema egoísmo *versus* altruísmo pode ser procurada em qual nível de consciência?
4. Qual é a missão da Escola do Altruísmo?

Sugestões para estudo em grupo

Primeiro passo: Leia e comente o texto em conjunto.

Segundo passo: Responda individualmente à pergunta: depois de ler este texto até aqui, quais ideias, sentimentos e impulsos emergiram em minha alma?

Terceiro Passo: Faça uma pintura com giz pastel seco, que expresse de algum modo o que vivenciei com a leitura.

Quarto passo: Apresente a pintura em plenário e comente-a.

A formação

Apresento, a seguir, em ordem cronológica, as palestras introdutórias referidas no prefácio. O conteúdo das palestras será trabalhado pelos participantes ao longo do Processo de Formação da Escola do Altruísmo. O conteúdo é resultado da minha pesquisa espiritual de décadas como antropósofo e de minhas vivências e práticas com o grupo fundador da Escola do Altruísmo até agora, janeiro de 2020.

Primeira palestra: Por que uma formação?

O altruísmo tem dois componentes fundamentais:

a) o componente espiritual, com uma envergadura cósmica, que dá sentido ao altruísmo e à existência humana sobre a terra; e

b) o componente social.

O altruísmo sempre inclui o outro e, nesse sentido, é um fenômeno eminentemente social. Do meu mestre Bernard Lievegoed com o qual, pela graça do destino, tive a oportunidade de conviver durante dois anos no NPI,¹² ouvi estas palavras:

“Da Antroposofia haurimos as ideias e os ideais espirituais”

“No mundo sofremos junto com a Humanidade.”

“É nossa tarefa traduzir e transformar esses ideais eternos em ideias socialmente compreensíveis e realizáveis, sem nos tornarmos missionários.”¹³

Partindo disso, quero concluir que a Escola do Altruísmo concentra sua missão e seu esforço sobre esses dois pilares: a ins-

12 NPI – Nederlands Pedagogisch Instituut, fundado em 1954 pelo professor Bernard Lievegoed, em Zeist, Holanda.

13 Missionário é quem dá respostas às perguntas não feitas.

piração espiritual e a atuação social, sendo que esta compreende todos os fenômenos e as formas da convivência humana.

Várias vezes recebi esta pergunta: Por que mais uma formação se já há tantas outras formações profissionais antroposóficas?

Tentativa de resposta:

A ideia da formação profissional nasceu com a ideia da Escola do Altruísmo. Precisamos lembrar que todas as formações antroposóficas existentes têm como objetivo a formação específica em determinada área da atividade humana.

O professor para a Educação Waldorf.

O médico para a Medicina Antroposófica, que deve ampliar a medicina oficial.

O agricultor para a Agricultura Biodinâmica.

O terapeuta artístico para a terapia com cores, sons, formas etc.

O aconselhador biográfico para a reorientação da biografia individual.

O consultor para o mundo corporativo e organizacional.

Todos têm foco em um campo específico, com programas de formação.

Ocorre que o social penetra em todos os campos e, conforme o processo de individuação vai acontecendo na humanidade, terá uma importância cada vez maior. Os profissionais das outras áreas em geral têm pouca consciência dos fenômenos sociais. A maioria das iniciativas antroposóficas e não antroposóficas que fecham, falham por problemas sociais. Nesse âmbito, estamos apenas no início de um acordar para a importância que os fenômenos sociais têm na convivência humana. Antigamente, tal convivência ocorria naturalmente conforme regras, costumes e tradições em uma ordem hierárquica. Atualmente, todos esses elementos perderam seu

significado e a convivência humana tornou-se o problema número um da humanidade.

Adotando o conceito clássico da formação profissional de “Aprendiz > Artífice > Mestre”, identifico três estágios de formação profissional, sendo importante que um profissional habilitado em determinado nível tenha absorvido os níveis anteriores.

Os níveis profissionais seriam estes:

1. Nível do aprendiz (conhecer os instrumentos de ensino e aprender a usá-los).

Corresponde ao nível de formação de consultores internos da Adigo, com cinco módulos de quatro dias cada um, que oferece os instrumentos básicos para a atuação no social e habilitação como monitor ou algo parecido. Entende-se que quem já promove seminários de formação deve continuar essa atividade, que será reconhecida pela Escola do Altruísmo, quando corresponde qualitativamente a um nível conveniente e introduz aspectos explícitos do altruísmo no programa.

2. Nível do artífice (tornar-se hábil em manejar com destreza os instrumentos e entender a origem deles).

Formação que corresponde, mais ou menos, ao Programa de Aprofundamento Antroposófico da Adigo ou à formação biográfica, ou à Jornada da Lumo, cujo título poderia ser: Mediador de Transformação Social, ou algo semelhante. Também aqui formações eventualmente existentes serão reconhecidas para a habilitação profissional quando atenderem às exigências qualitativas e introduzirem aspectos explícitos de altruísmo no programa.

3. Nível do mestre (tornar-se espiritualmente criativo).

Formação ainda inexistente, destinada a pessoas que queiram aprofundar-se na Ciência Espiritual e trazer ao mundo soluções inéditas e criativas que só podem emergir do conhecimento espiritual. É um processo contínuo e sem fim. O mestre entra em uma jornada de autoeducação permanente.

A Alma da Consciência ainda é uma grande desconhecida e exigirá novas ações que nem conseguimos imaginar. Tornar-se criativo a partir do espírito transformando ideais espirituais em objetivos terrestres é o grande desafio.

Tudo isso só será possível se agirmos realmente com altruísmo, sem preconceitos, sem simpatias e antipatias, retraindo qualquer julgamento e deixando os fenômenos se expressarem.

Não é todo dia que descobrimos um novo instrumento. Às vezes, precisamos viver com uma pergunta durante longo tempo para um dia sermos maduros para podermos receber o “presente”.

Visualizo grupos de “mestres” espalhados pelo Brasil, que se reúnem periodicamente por três dias, para a troca de ideias e experiências. Cada grupo pode escolher um projeto de estudo em um esforço constante de inovação.

Neste momento, quero apresentar um caminho concreto que poderia nos conduzir para dentro de uma formação que atenda a essas demandas do futuro que está emergindo no horizonte.

Lembro-me destas afirmações de Rudolf Steiner:

“Somente percebo aquilo para o qual tenho um conceito, o restante passa despercebido por mim.”

“Só posso reconhecer no outro aquilo que tenho dentro de mim.”

“A sina do antropósofo é atuar” (eu diria, a sina do micaelita).¹⁴

Partindo dessas três afirmações de Steiner surgiu, em mi-

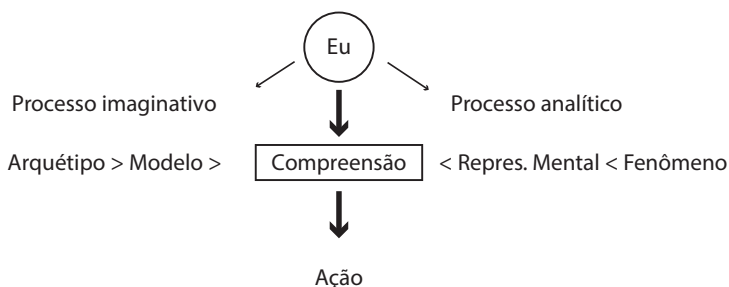
14 Micaelitas são pessoas que se sentem trabalhando de acordo com o espírito do tempo, Micael, que desde 1879 d.C. conduz os destinos da humanidade. Sua regência tem duração aproximada de 350 anos, quando será substituído por Orifiel. Há muita literatura antroposófica a respeito. Aprendemos a trabalhar para Micael através do estudo e da prática da Antroposofia.

nha cabeça, a proposta de fazer uma tentativa de construir um fio orientador que possa nos conduzir para dentro dos conteúdos do Programa de Formação para Mediadores de Transformação Social.

Trata-se da apresentação de uma lista de modelos de caráter arquetípico, inspirados por Rudolf Steiner e desenvolvidos por alunos dele, ao longo de décadas, a partir da Ciência Espiritual e das minhas experiências concretas no trabalho e na vida como consultor organizacional e em trabalhos com a biografia humana.

Arquétipos são abrangentes e podem ser aplicados em muitas situações. Os modelos derivam dos arquétipos e são mais específicos para o entendimento de certos fenômenos e possibilidades de atuação. Tais fenômenos podem aparecer nas mais variadas situações.

Podemos, então, constatar este processo:



Pelo estudo da Antroposofia, a pessoa traz para sua consciência os arquétipos já existentes no inconsciente de todos os seres humanos. Esse estudo lhe dá condições para reconhecer e entender imediatamente os modelos que as outras pessoas já criaram com um processo imaginativo, partindo da visão antroposófica.

Ao observar ou vivenciar determinada situação, repetitiva ou não, o profissional, depois de algum treino, consegue identificar imaginativamente o modelo arquetípico presente

e através deste, as forças atuantes na situação ou no contexto no qual a situação está inserida.

Parece-me que estamos realizando uma máxima de Steiner, quando ele diz: “Não há matéria sem espírito e não há espírito sem matéria.”

No processo analítico

observamos determinada situação achando os fenômenos e criamos uma representação mental.

No processo imaginativo

identificamos o modelo e achamos o arquétipo correspondente.

Muitas vezes, usaremos o modelo, desde o início, como lente de observação.

A meu ver, a estratégia de ensinar com a ajuda desses modelos tem várias vantagens. O aluno recebe logo um conteúdo da ciência espiritual que pode aplicar de imediato na prática como ferramenta. Ele ainda não entende o sentido mais profundo do modelo, mas recebe uma ferramenta com a qual pode treinar e atuar dentro de certos limites e sentir a segurança que a posse de uma ferramenta com qualidade arquetípica lhe confere. Toda a sua eventual experiência pode ser aproveitada no contexto em que está envolvido.

Outra vantagem seria que o aluno, em seu processo de formação, é conduzido para o “Olimpo” arquetípico a partir da vivência concreta, podendo ver em cada passo a relação dos modelos com a realidade vivenciada.

Uma outra vantagem seria que o aluno pode segurar-se em uma corda de segurança para galgar o topo da montanha, onde se encontra o arquétipo, sem o perigo de desvios ou quedas.

Podemos separar os modelos em dois tipos: estruturais e temporais.

Vou escolher dois exemplos concretos da nossa área de atuação (social).

Primeiro exemplo:

Tente visualizar o nosso modelo de quatro níveis em uma organização viva.

Recursos, processos, relações e identidade.

O consultor, que tem esse modelo profundamente incorporado em sua consciência, pode fazer esta experiência: em uma reunião de trabalho um grupo discute diversos problemas de qualidade dos produtos. Provavelmente o grupo irá procurar as causas e as soluções para essas falhas no nível do pensamento em que apareceram (recursos).

O consultor que acompanha e observa o grupo pode chegar rapidamente à seguinte conclusão, por exemplo:

O problema ocorre por falta de controle do processo.

O processo está falhando por falta de uma comunicação adequada.

A comunicação está falha por causa de conflitos pessoais.

Os conflitos acontecem por falta de diretrizes claras.

Através de algumas perguntas bem colocadas e algumas explicações, o consultor pode dar uma enorme ajuda para o grupo identificar as verdadeiras causas de seus problemas, evitando horas de discussões infrutíferas e acusações mútuas ou de soluções superficiais que não vão às causas fundamentais.

Segundo exemplo:

Tente visualizar o método de solução de problemas em grupo.

Como observador do trabalho em grupo o consultor visualiza imediatamente: conteúdo, interação e procedimento e as fases do procedimento: planejamento, formação de imagem, fase do julgamento, fase da decisão. Com algumas perguntas

adequadas e as devidas explicações podemos conscientizar o grupo das leis que regem o fluxo de uma reunião.

Com esquemas e modelos arquetípicos traduzimos o conhecimento espiritual para o pensar racional, a fim de aplicá-lo em situações concretas. Trazemos o espírito para dentro da matéria para ordená-la de acordo com conceitos espirituais. Através deles podemos entrar logo em ação no mundo sem ter de esperar que nos tornemos iniciados.

Apresento a seguir os principais modelos arquetípicos pesquisados no contexto da Antroposofia.

Modelos estruturais

1. Bimembração

- a) Polaridades
- b) Masculino *versus* Feminino
- c) Pensar analítico *versus* Pensar criativo
- d) Árimã *versus* Lúcifer etc.

2. Trimembração (Trindade)

- a) Corpo, Alma, Espírito
- b) Pensar, Sentir, Querer
- c) Conteúdo, Interação, Procedimento
- d) Vida espiritual, Social, Econômica (Organização Social)
- e) Os três subsistemas da organização

3. Quadrimembração (Gênesis)

- a) Quatro elementos
- b) Quatro temperamentos
- c) Quatro reinos da natureza
- d) Quatro éteres
- e) Quatro corpos do homem
- f) Modelo estrutural

4. Heptamembração (Sistema Solar)

- a) Sete Planetas
- b) Sete atitudes anímicas
- c) Sete corpos do Homem
- d) Sete tipos de sombra
- e) Sete níveis de consciência
- f) Sete níveis da organização

5. Eneamembração (hierarquias)

- a) Nove hierarquias de seres espirituais
- b) A eneamembração do Ser Humano

6. Dodecamembração (Zodíaco)

- a) Doze signos
- b) Doze pontos de vista
- c) Doze sentidos
- d) Doze virtudes

Modelos processuais

- a) Passado *versus* Presente *versus* Futuro
- b) Caminho de análise *versus* Caminho da decisão
- c) Unicidade *versus* diferenciação *versus* integração
- d) Processo de solução de problemas
- e) Processo decisório
- f) Modelo estratégico de desenvolvimento
- g) A busca do caminho do meio
- h) Escalada de conflitos e sua solução
- i) As fases de desenvolvimento do ser humano
- j) Os sete processos vitais
- k) Os sete processos de aprendizado
- l) As fases de desenvolvimento do grupo
- m) As fases de desenvolvimento da organização
- n) As fases de desenvolvimento da consciência

- o) As fases de desenvolvimento da Humanidade
- p) Caminho da instrução e caminho da descoberta
- q) Os sete estágios da evolução planetária

É, sem dúvida, uma paleta grande, mas não precisamos aprender tudo de uma vez. Podemos estabelecer prioridades para o aluno poder começar com sua atuação o quanto antes. Isso explica a divisão da formação em três níveis: aprendiz, artífice e mestre.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Quais são os principais componentes do altruísmo?
2. Por que podemos afirmar que “o social” penetra todos os campos das atividades humanas?
3. Quais são os níveis de aprendizado buscados por uma Formação de Mediadores de Transformação Social?
4. Por que os modelos arquetípicos com base na Ciência Espiritual (Antroposofia) são importantes para lidar com as situações sociais?
5. Quais dos modelos arquetípicos citados nas páginas acima não conheço e como posso procurar referências sobre eles?

Segunda palestra: O nível dos processos

Continuando minha primeira palestra, na qual tentei mostrar as razões para a formação de **Mediadores de Transformação Social**, quero apresentar hoje uma possível ideia geral sobre conteúdo e forma dessa formação.

O foco da formação é o despertar da humanidade para o fato de sermos uma grande comunidade em constante desenvolvimento, que em conjunto habita este planeta em busca de sua realização. Podemos encarar o planeta Terra como a grande escola da humanidade.

A escolha deste foco desperta naturalmente as seguintes questões na nossa consciência:

Quem somos?

De onde viemos?

Onde estamos?

Para onde vamos?

Que sentido tem a nossa existência?

Conforme nossa consciência vai evoluindo, essas cinco questões se tornam cada vez mais existenciais para a humanidade e, dependendo das respostas que lhes damos, escolheremos os caminhos para o futuro da humanidade que pode ser radiante ou terminar melancolicamente em um cemitério deserto, ressecado e sem vida, coberto de engenhocas destruídas e sem qualquer utilidade. À medida que nosso processo de individuação progride, as cinco questões acima emergem também na alma de cada ser humano individualmente e as respostas que cada um encontra para si têm uma profunda influência sobre sua biografia e seu destino. Provocar tais perguntas e estimular o processo de reflexão para achar repostas criativas e produtivas é um dos objetivos da nossa formação.

A visão é ampla e só nos resta seguir o velho conselho sábio: Pensar globalmente e atuar localmente.

Na figura 4, a seguir, vamos dar um primeiro conteúdo relacionado às cinco perguntas e ao trabalho da Escola do Altruísmo:

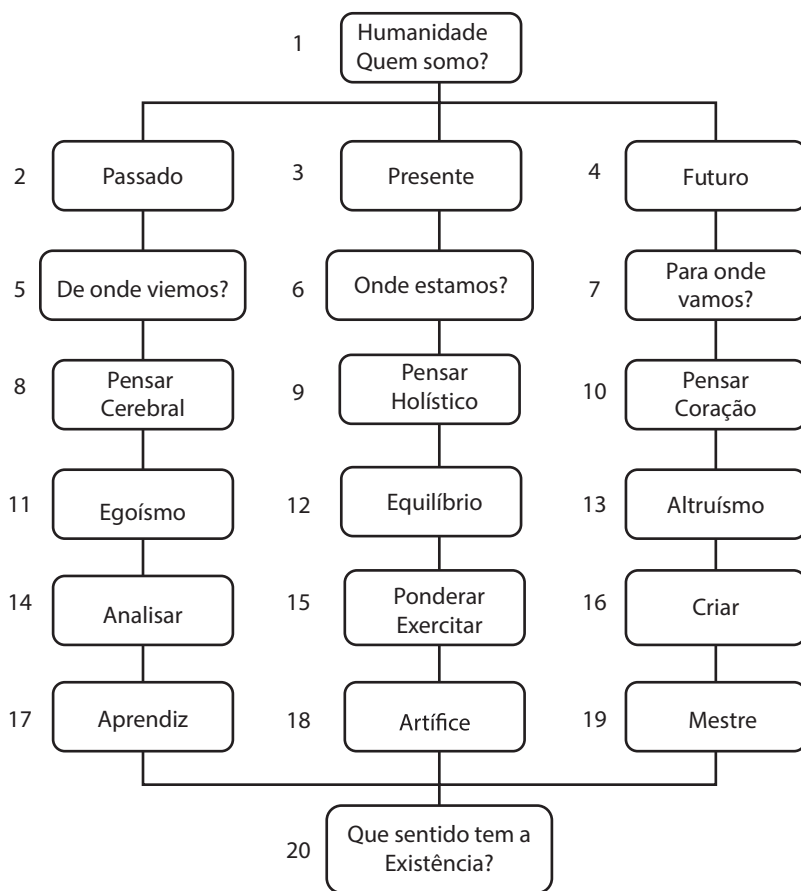


Figura 4

Ao falar sobre o passado-presente-futuro, com relação ao nosso trabalho, consideramos um espaço de tempo que se estende para o passado até a época greco-romana (747 a.C. a

1413 d.C.) e para o futuro até o fim da nossa época cultural, que teve início em 1413 e se estenderá até 3573. Antes da época grega, o ser humano tinha um pensar diferente do nosso e depois do fim da nossa época cultural terá outro, mais evoluído do que o nosso. Esse espaço de tempo encontra-se inserido em uma perspectiva muito mais ampla conforme podemos ver nos comentários para o esquema:

As perguntas nas caixinhas 1, 5, 6, 7 e 20 recebem uma grandiosa resposta através da leitura de dois livros de Rudolf Steiner: *A crônica do Akasha*¹⁵ e *A ciência oculta*.¹⁶ Ambas as obras descrevem o processo de evolução do cosmo, da Terra e da humanidade desde os primórdios até o fim dos tempos. Trata-se da visão espiritual de um iniciado moderno que coincide com os fenômenos descobertos pela ciência moderna, porém difere na sua interpretação. A leitura desses dois livros não é condição para a compreensão destas palestras, porém seu estudo permite uma enorme ampliação de uma visão global.

Caixinha 5: De onde viemos?

A pergunta que se relaciona com o nosso **passado** – de onde viemos? – é de importância fundamental. Faz uma enorme diferença se trabalho com um grupo, cujos participantes acreditam serem descendentes do macaco e de terem alcançado o topo de sua evolução ou se trabalho com um grupo cujos participantes se veem em constante processo de evolução, com perspectivas de desenvolvimento infinitas em direção ao ser humano arquetípico verdadeiramente livre. A resposta que damos a essa pergunta define, em grande parte, a resposta para a última das perguntas: Que sentido tem a nossa existência? Esta questão será comentada adiante.

15 GA 11, A crônica do Akasha. São Paulo: Editora Antroposófica, 2017

16 GA 13, A ciência oculta. São Paulo: Editora Antroposófica, 2006.

Caixinha 6: Onde estamos?

Quando falamos do **presente** falamos do aqui e agora, falamos de presença de espírito, de convivência humana, de confiança mútua, de encontro humano, de amor, de tolerância, de altruísmo, de verdadeiro interesse mútuo. Com relação ao presente já há uma boa consciência geral, mas entre a consciência e a realização há um vale profundo a ser atravessado.

Pelo fato de a Escola do Altruísmo trabalhar no social, o presente é sua área de atuação.

Tudo que acontece no social acontece no momento presente. A consciência das pessoas em geral é orientada para o passado com seus conhecimentos, as suas lembranças e feridas anímicas ou para o futuro com suas preocupações e esperanças. Mas o verdadeiro encontro entre seres humanos só é possível no presente. E aqui há uma grande tarefa para a Escola do Altruísmo atuar conscientizando, exercitando e desenvolvendo a competência social. Todas as mudanças só podem acontecer no presente. No passado, já se tornaram fatos, no futuro, ainda são expectativas.

Caixinha 7: Para onde vamos?

Quanto ao **futuro** estamos apenas tasteando, tentando entender o pensar do coração, que será o pensar do futuro. Um verdadeiro altruísmo que acontecerá naturalmente depende do pensar do coração. O pensar do coração deverá emergir de nosso pensar cerebral claro e transparente, que conquistamos em um longo processo de evolução. O desenvolvimento do pensar do coração passa necessariamente pelo pensar cerebral e representará o próximo estágio da evolução da humanidade. Desenvolver o pensar do coração significa devolver, através do nosso esforço interior, a inteligência cósmica para Micael.

As caixinhas 8, 9 e 10 descrevem o processo de evolução do pensar humano no passado, no presente e no futuro.

Caixinha 8: Pensar cerebral

O pensar dominante na cultura atual é o pensar intelectual, racional, lógico, que sustenta a ciência natural e que foi inaugurado pelos filósofos gregos. O pensamento de Aristóteles, que viveu no quarto século antes de Cristo, compõe a base do pensamento moderno, que já alcançou seu ponto culminante. O pensamento moderno científico não consegue dar respostas produtivas para a questão social, para as questões da alma humana e para a questão espiritual da humanidade.

Caixinha 9: Pensar holístico

Um passo importante no desenvolvimento do pensar humano foi dado com o aparecimento do pensar holístico, denominação ampla para diferentes estágios de pensamento. Quero mencionar apenas três, que, a meu ver, pertencem a essa denominação e mostram entre si também um processo de evolução do pensamento humano: O pensar sistêmico, o pensar orgânico e o pensar em imagens.

a) O pensamento sistêmico cria o contexto no qual um fenômeno ou um problema estão inseridos. Isso significa um grande progresso comparado ao pensamento cartesiano. Não olhamos mais para um problema isoladamente, mas para o todo, dentro do qual um fenômeno ou um problema se apresenta. A meu ver, a construção de redes tem como base o pensamento sistêmico. Estamos trabalhando no espaço.

b) O pensamento orgânico começa a ser necessário quando queremos compreender e conduzir processos sociais ou processos de desenvolvimento. Para o pensar orgânico, um grupo, uma família, uma comunidade ou uma organização são organismos vivos que têm uma identidade que pensa, sente e age e tem uma história. Tudo se relaciona com tudo. É como no corpo humano: uma dor de dente, um problema no fígado ou uma inflamação da garganta afetam o organismo todo.

c) O pensamento em imagens é a última manifestação do

pensar holístico (caixinha 9) e forma o pilar de uma ponte que existe para o pensar do coração (caixinha 10). O pilar do outro lado da ponte é o pensar imaginativo, que é o primeiro estágio do pensar do coração. A ponte precisa ser atravessada para chegar ao pensar imaginativo. Precisamos fazer uma diferença entre os dois. O pensar em imagens ainda se encontra no lado da pensar cerebral e seu condutor é a fantasia. (Arte)

Caixinha 10: Pensar do coração

O pensar imaginativo, ou pensar vivo, é o primeiro estágio do pensar do coração. A travessia sobre a ponte exige exercício. Sobre a ponte há um pedágio e junto a este há um portão chamado portão da morte, no qual devemos deixar para trás tudo que pertence ao mundo físico. Aí, a única coisa que ainda existe na nossa consciência é o conteúdo da nossa meditação, que começa a ganhar vida.¹⁷

Sobre este portal e o caminho do outro lado da ponte falarei em palestra mais adiante. O pensar do coração conduzirá a evolução da humanidade em seu processo ascendente de volta à pátria espiritual, autoconsciente e livre. (Ver a palestra inaugural.)

O pensar do coração passa por três níveis de consciência:

a) Pensar imaginativo:

Com a consciência imaginativa aprendemos a nos movimentar no nível etérico. Ao estudar uma palestra de Rudolf Steiner podemos não encontrar nenhum conceito pertencente a um objeto material. Lidamos apenas com imagens vivas. Ao absorver o conteúdo da palestra entramos no fluxo etérico do tempo, exercitando a consciência imaginativa. E no mundo etérico não há nascimento nem morte como no mundo físico, apenas metamorfose.

17 GA 157, Berlim, 2.3.1915

b) Pensar inspirativo:

O segundo nível, mais elevado do que o anterior, é o da consciência inspirativa.

c) Pensar intuitivo:

O nível máximo do pensar do coração é o pensar intuitivo.

Os itens b) e c) serão tratados com a questão do portal da morte.

As caixinhas 11, 12 e 13 descrevem as consequências dos três níveis de pensamento: passado, presente e futuro.

Caixinha 11: Egoísmo

O pensar intelectual foi absolutamente necessário para podermos nos tornar autoconscientes e nos emancipar da condução direta dos seres espirituais. Isso nos deu a vivência: eu em minha pele e o mundo fora de mim. Isso gerou um egoísmo necessário e justificável, mas quando este egoísmo se conectou ao materialismo começamos a ter problemas que podem ser verificados a cada passo que damos mundo afora. Na cultura moderna, dominada pelos aspectos econômicos, o egoísmo tomou formas tão drásticas que nem a destruição do planeta, que poderá inviabilizar a vida das futuras gerações, importa mais, desde que dê dinheiro.

Caixinha 12: Equilíbrio

A caixinha 12 trata do equilíbrio entre egoísmo e altruísmo. Enquanto vivermos em um corpo físico seremos egoístas; sendo assim, ninguém pode afirmar que é altruísta. Como em todas as outras características humanas, também aqui o desafio é a busca do caminho do meio, entre polaridades. A biografia do ser humano é uma caminhada sobre o fio da navalha, em uma constante busca do equilíbrio. Isso vale para toda a humanidade. No encontro, exercitamos novas competências

sociais, necessárias para a construção de novas formas sociais correspondentes às necessidades das sociedades do futuro. Uma sociedade justa e harmoniosa só será possível quando fundamentada em conceitos espirituais.

Caixinha 13: Altruísmo

O egoísmo foi o motor que nos possibilitou a jornada da conquista da autoconsciência. Para o futuro, o altruísmo deverá ser o motor que nos conduzirá, pela trilha do pensar do coração, para níveis de consciência mais elevados e de volta ao Paraíso. Um dia, no início da nossa história terrestre saímos do Paraíso em busca de nossa autoconsciência e pagamos um preço alto com a perda de nossa convivência direta com os deuses. Agora, com a autoconsciência conquistada, tornamo-nos presa do egoísmo e do materialismo, dos quais devemos nos desvencilhar para podermos nos empenhar na jornada de volta, reconquistando a convivência com os deuses, trazendo para eles os frutos de nossa longa jornada terrestre. O egoísmo foi o motor que nos permitiu a jornada da conquista da autoconsciência. Para o futuro, o altruísmo deverá ser o motor que nos conduzirá, pela trilha do pensar do coração, de volta à nossa pátria.

Caixinha 14: Analisar

O nosso pensar cerebral depende do mundo sensorial para existir. Por meio dele podemos, com a ajuda de nossas percepções e de nossa memória, adquirir e conservar o conhecimento. O pensar cerebral está restrito ao mundo físico.

Caixinha 15: Ponderar/Exercitar

Refletir sobre o passado, vivenciar conscientemente o presente, exercitar novas habilidades espirituais para o futuro.

Caixinha 16: Criar

Criar e difundir imagens guias para o futuro que queremos, baseadas nos arquétipos do ser humano e da sua evolução.

As caixinhas 17, 18 e 19 representam os três estágios da formação, conforme sugerido na palestra “Formação 1”.

Caixinha 20: Que sentido tem a existência?

A questão do sentido da existência da humanidade já foi abordada na palestra no lançamento do livro *Nova consciência, altruísmo e liberdade*, em Florianópolis, em novembro de 2015, e reproduzida na introdução deste livro.

Em seu processo de individuação, com sua crescente capacidade de introspecção e conseqüente autoconsciência, o ser humano busca cada vez mais o sentido das coisas, inclusive o sentido de sua própria vida. Respostas satisfatórias a essa pergunta devem ser fator importante para a saúde anímica e física das pessoas.

Há sentidos de vida em qualquer nível da consciência humana, dependendo da situação em que uma individualidade se encontra em um determinado momento da vida. Não há regras para alguém definir o sentido de sua vida. A miséria começa quando alguém não vê sentido nenhum na sua vida. Os consultórios psiquiátricos estão cheios de pacientes em depressão profunda, causada pela falta de sentido da vida.¹⁸

Com o progresso da tecnologia da informação, o encontro presencial entre seres humanos não é mais necessário e o isolamento do indivíduo se acentua cada vez mais, causando solidão, egoísmo exacerbado e falta de sentido. Pelas poucas experiências que fizemos até agora, pelo site da Escola do Altruísmo e em várias apresentações públicas, podemos constatar quanta necessidade existe nas pessoas de acharem um sentido da vida que vai além dos aspectos materiais. Há uma sede por espiri-

18 Frankl, Viktor. Em busca de sentido. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009.

tualidade. Para a maioria das pessoas o sentido da vida inclui outros seres humanos, seja na dimensão da pessoa amada, da família, do país, seja no da humanidade em sua globalidade.

Adendo 1

Até aqui trabalhamos com as cinco perguntas olhando para a humanidade e a Escola do Altruísmo. As cinco perguntas, porém, podem ou deveriam ser aplicadas sempre quando o assunto fosse uma questão social, anímica ou espiritual, para obtermos respostas mais verdadeiras que vão além da superficialidade que trata apenas dos sintomas. Querer solucionar problemas com o mesmo nível de consciência que os criou, só pode levar a respostas medíocres.

Para trabalharmos com as cinco perguntas não temos um método ou um manual. Precisamos ter certa criatividade para encontrarmos o caminho mais adequado a fim de descobrir os segredos revelados ou os segredos manifestos, eventos para os quais todos podem olhar, mas poucos os enxergam.

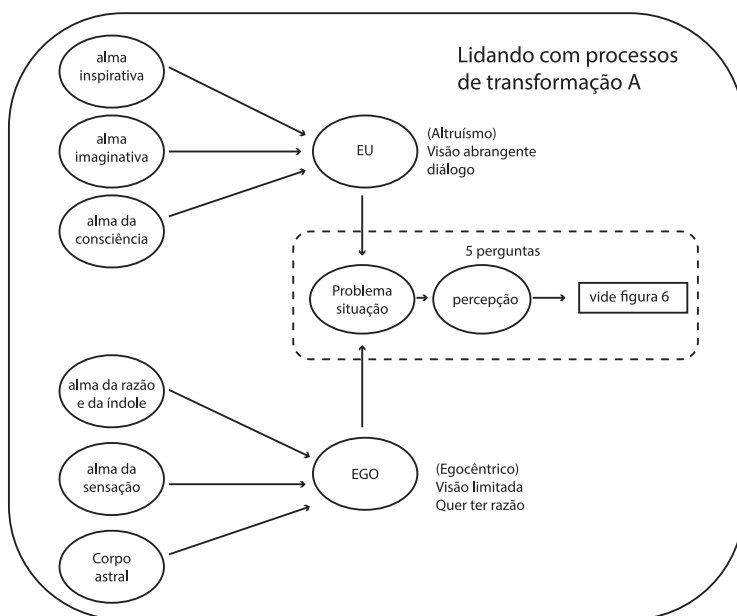


Figura 5

A figura 5 apresenta vários segredos revelados. No lado esquerdo da figura, de baixo para cima, vemos a sequência de seis estágios de desenvolvimento da alma humana, os mesmos estágios encontrados em épocas culturais pelas quais a humanidade passou ou vai passar. Na biografia humana, também podemos ver os mesmos estágios na sequência dos setênios, pelos quais passamos ao longo da vida, conforme a seguinte comparação:

Corpo astral – 14 a 21 anos – época persa;

Alma da sensação – 21 a 28 anos – época egípcia; e

Alma da razão e da índole – 28 a 35 anos – época greco-romana.

Esses três estágios da evolução sustentam o nosso EGO, que, por natureza, tem uma visão egocêntrica.

Em um nível mais evoluído encontramos os seguintes estágios:

Alma da consciência – 35 a 42 anos – época europeia;

Alma imaginativa – 42 a 49 anos – época russa;

Alma inspirativa – 49 a 56 anos – época americana; e

Alma intuitiva – 56 a 63 anos – primeira época da sexta raça raiz.

Estes estágios superiores de evolução sustentam o nosso EU terrestre, que tem condições de suportar uma atitude altruísta e de se assemelhar cada vez mais ao nosso EU superior. O EU superior não encarna no corpo físico, mas nos acompanha de uma encarnação à outra. Pelo fato de o ser humano ter conquistado certo grau de liberdade, seu desenvolvimento não acontece mais espontaneamente como em tempos antigos, quando a humanidade ainda era conduzida por entidades espirituais. Hoje, o desenvolvimento do ser humano depende do esforço consciente de cada um.

Na figura 5, entre o EU e o EGO há a nossa situação, problema ou questão, que queremos analisar e compreender. É evidente que as duas visões, a egocêntrica e a altruísta, veem a mesma situação de maneiras diferentes. Partindo de uma situação, no sentido horizontal para a direita, encontramos o processo baseado nas cinco perguntas. O modelo apresentado na figura 6, abaixo, me parece uma boa alternativa para trabalharmos com as cinco perguntas nos mais variados processos, como:

Elaboração de estratégias;

Trabalho biográfico;

Processos de desenvolvimento;

Processos de emancipação da mulher;

Processos sociais;

Processos de autoconhecimento; e

Processos não quantificáveis.

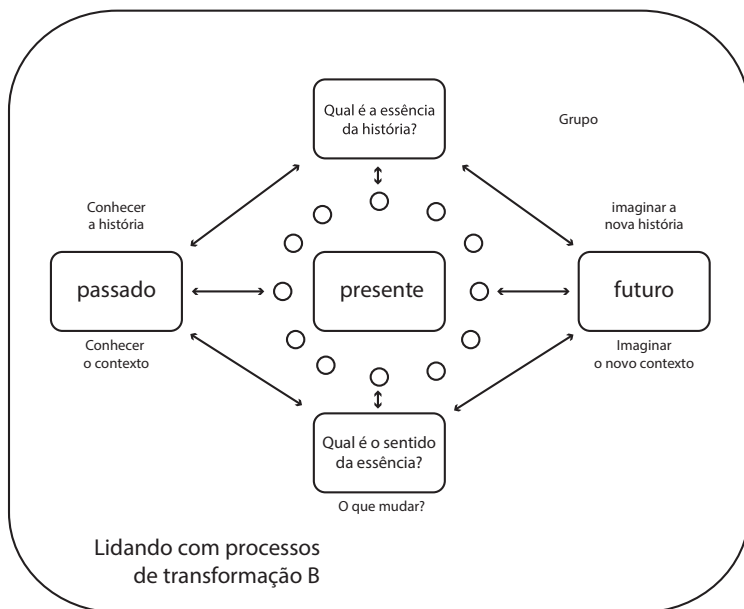


Figura 6

A operacionalização do que é mostrado nessa figura será cada vez mais facilitada à medida que os alunos já tenham conhecimento dos modelos básicos do trabalho em grupo, apresentados e treinados já a partir do primeiro módulo do programa de formação.

Para assuntos mais específicos, as cinco perguntas podem ser respondidas pela aplicação de um dos modelos, desenvolvidos pelo NPI (Nederlands Pedagogisch Instituut), cujo fundamento são as cinco perguntas essenciais, as quais serão apresentadas aos participantes dos grupos de formação da Escola do Altruísmo.

Os modelos são:

- O Procedimento “U”
- O Processo de análise e de decisão
- O Modelo de transformação organizacional e
- O trabalho biográfico

Por último, quero apresentar um exemplo pessoal da prática com as cinco perguntas. Como consultor para o desenvolvimento organizacional, ajudei várias empresas, em seu planejamento estratégico, a colocar no papel sua identidade na forma de sua Visão, Valores e Missão.

Hoje em dia, podemos encontrar nas paredes do hall de entrada de muitas empresas, grandes e pequenas, algumas sentenças a respeito, mas, na maioria dos casos, conversando com os funcionários, logo se percebe que aquilo que é apresentado em quadros emoldurados não vive na consciência e na motivação dos colaboradores. Em muitos casos, percebe-se que as frases são mero produto da cabeça de alguém. Às vezes, são tão banais que servem para qualquer empresa. Tais generalidades não esquentam o coração de ninguém.

Surge então a pergunta: Como podemos fazer do nosso planejamento estratégico um processo vivo, educativo, que mobiliza a vontade das pessoas do topo da organização até o nível operacional?

O segredo pode ser encontrado na aplicação das cinco perguntas, por meio das quais os envolvidos começam a vivenciar a transformação da imagem mecânica da empresa em uma imagem orgânica. A empresa começa a ser vivenciada como um ser vivo que tem um corpo, uma alma e uma identidade. É um ser que tem uma biografia; é um ser que apreende e se desenvolve. Esse é o passo fundamental sobre o qual se fundamenta todo o processo futuro.

A melhor forma de dar início ao processo foi: logo na

primeira reunião de planejamento pedi para o grupo da diretoria me contar a biografia da empresa, o que cabe ao participante do grupo com mais tempo de casa fazê-lo: ele começa então com as histórias do passado até o segundo participante com mais tempo se lembrar dos fatos narrados e aí é ele quem continua a narrativa até o terceiro com mais tempo se lembrar dos fatos narrados e assim por diante até chegarmos aos dias atuais. Dessa maneira, com a contribuição de todos, emerge no grupo uma entidade não visível, mas nitidamente perceptível por todos. A história fornece respostas para as cinco perguntas essenciais e provoca entre os participantes uma disposição para uma confiança mútua maior e a coragem para o grupo dar um passo decisivo em seu planejamento e desenvolvimento. Esse estado de espírito permeia os objetivos e as políticas transmitidas para os próximos níveis hierárquicos, criando um ambiente de mobilização geral. O processo permite que cada funcionário se torne consciente da contribuição que ele dá com seu trabalho para o todo.

Terceira palestra: A chave para o senso de verdade no social

Com este trabalho desejo apresentar um exemplo concreto da atitude altruísta, como pode ser desenvolvida pela alma da consciência e introduzida na prática da vida sem a mínima necessidade de pregar qualquer tipo de moral. Trata-se de um exemplo que pode ser adaptado a muitas outras situações da vida.

Pretendo fazer uma tentativa de transferir a vivência do processo cognitivo individual para a mesa de reuniões de um grupo com o objetivo de torná-lo visível, comparando os dois. Há uma clara correspondência entre o processo cognitivo individual e o processo cognitivo de um grupo, como na análise de um problema que podemos considerar um processo cognitivo do grupo.

Quero iniciar com uma citação de Rudolf Steiner:

“A primeira exigência que existe para você desenvolver o seu senso de verdade é distanciar-se de si mesmo.”¹⁹

Complementando as palavras de Rudolf Steiner:

Do contrário, você consegue apenas ter opiniões e essas dependem do ponto de vista de cada um e você consegue apenas ter julgamentos de acordo com as suas preferências, simpatias e antipatias.

Então, surge a pergunta: Como conseguimos nos distanciar de nós mesmos?

Com o advento da época da alma da consciência, o ser humano ganhou gradativamente a capacidade de observar o seu próprio pensamento, de modo que o paradigma de René Descartes: “Cogito, ergo sum”, se mostra ultrapassado. Atual-

19 GA 59, Berlim, 22.10.1909

mente, a maioria das pessoas já consegue observar seu próprio pensamento, fato que favorece o processo do distanciamento de si mesmo.

O Eu distanciado de si mesmo significa observar-se a si próprio como se fosse uma segunda pessoa a nos observar em nossos pensamentos, ponderações e atividades ao longo de cada dia.

Um exercício dado por Rudolf Steiner, conhecido como exercício da retrospectiva, nos permite fazer desfilar perante a nossa alma os eventos do dia, como se fôssemos observadores de nós mesmos, o que nos ajuda muito a conseguirmos realizar a tarefa. Os eventos são revistos de trás para a frente contra o fluxo do tempo. Na GA 10²⁰ o exercício é descrito minuciosamente.

Trata-se de um exercício de suma importância, que acelera o processo de aprendizado rumo ao distanciamento de si mesmo. Depois de alguma exercitação, podemos nos observar, durante o nosso próprio pensamento, sentimento ou ato.

O processo de auto-observação ganha qualidade à medida que a instância observadora consegue desenvolver empatia e ser altruísta até conseguir observar-se como uma pessoa estranha, o que significa ser livre de desejos próprios e de preconceitos.

Daqui em diante chamarei a instância observadora de “Eu Altruísta” e o ator observado, de “Ego”. A figura 7, a seguir, deve nos guiar para uma melhor compreensão. Considero o Eu terrestre e o Ego dois lados de uma mesma moeda, na qual o Eu é a parte purificada das qualidades negativas do Ego, que se deixa conduzir por instintos, apetites e paixões. Como anexo a esta palestra apresentarei, a título de aprofundamento, um resumo, extraído de uma palestra de Rudolf Steiner, das características dos três membros da nossa alma.

20 GA 10, Bibliografia Geral. O conhecimento dos mundos superiores. São Paulo: Editora Antroposófica, 2007.

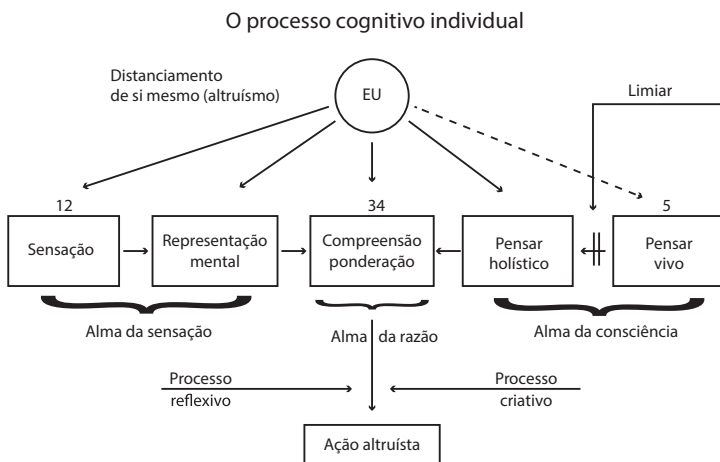


Figura 7

O nosso processo cognitivo atual tem seu início com uma sensação através dos sentidos (no corpo físico) (1).

O pensar capta a sensação e forma uma representação mental (2) em forma de uma imagem (no corpo etérico).

O sentir capta a imagem provocando na alma simpatia ou antipatia (no corpo astral) (3).

A simpatia ativa o querer, a antipatia ativa a memória e produz o conceito.

Entre a simpatia e antipatia há um constante vaivém, como um pêndulo, que permite ao Ego chegar a um julgamento.

Normalmente esse processo é automático e ocorre em nosso interior sem termos consciência dele, porque o Ego está mergulhado no processo. Quando nadamos no rio não percebemos a correnteza. Quando ficamos na margem do rio, que seria o caso de nosso Eu distanciado de si ou Eu altruísta, podemos observar tanto a correnteza do rio quanto o Ego atuando nele.

Se olharmos para a reunião de um grupo que já passou por algum treinamento, podemos observar que o grupo segue a mesma sequência lógica do processo cognitivo individual: formação de imagem, julgamento e conclusão.

A seguir, tentarei visualizar os processos anímicos internos, projetando-os para a mesa de reunião, onde os fenômenos interiores individuais se tornam exteriormente visíveis.

As caixinhas 1 e 2 do processo individual correspondem à formação de uma imagem conjunta do grupo.

Geralmente, o Ego mergulhado no processo tem a convicção de que a imagem por ele criada, a partir de sua percepção, é a única que corresponde à realidade. Em reuniões pode defendê-la “com unhas e dentes” provocando longas discussões desgastantes e infrutíferas. Ele acha que tem certeza porque viu com os próprios olhos. A questão é: Como ele viu? Geralmente, a falta de realismo é compensada pela intensidade da fala e pelo aumento da voz. Todo mundo conhece essas situações, basta participar de uma reunião de condomínio, por exemplo. Todos falam ao mesmo tempo; um verdadeiro desfile de Egos.

O Eu altruísta já aprendeu que qualquer fenômeno pode ser observado de vários pontos de vista.

Rudolf Steiner usou em várias ocasiões o exemplo da observação de uma árvore que precisa ser fotografada, no mínimo, de quatro lados diferentes para poder ser descrita em sua forma real.

Ninguém, de seu ponto de vista egocêntrico, pode descrever a verdade toda de qualquer fenômeno, o que vale tanto para o processo cognitivo individual quanto para o processo cognitivo do grupo.

A caixinha 3 na figura 7 é a caixinha central de nosso processo cognitivo individual e tem vários segredos dos quais tentaremos nos aproximar.

Anteriormente vimos que a simpatia ativa o querer, a antipatia ativa a memória e produz o conceito. Simpatia e antipatia alternam-se constantemente como um pêndulo. É como um respirar da alma. Quando o Ego agarra o pêndulo, amarrando-o em uma das polaridades, seja pelos próprios desejos, no

caso da simpatia, seja pelos preconceitos, no caso da antipatia, a alma não consegue respirar e o resultado é um julgamento precipitado, que resultará em atos impensados ou conclusões erradas. Conquistar o equilíbrio entre simpatia e antipatia mediante a ponderação é o momento mágico que abre o caminho para a liberdade. O Ego nunca poderá falar de liberdade, pois se encontra mergulhado no processo. Podemos verificar então que tanto na fase da formação da imagem (caixinhas 1 e 2) quanto na fase do julgamento (caixinha 3), os resultados do processo serão coloridos pelos preconceitos ou pelos desejos do indivíduo e, portanto, carecem de objetividade. O Ego é um mal condutor dos processos cognitivos conscientes que busquem a verdade, pois, por suas características, ele trabalha com:

pré-conceitos no pensar;
pré-julgamentos no sentir; e
prepotência no querer (ou medo).

O grupo protege o indivíduo de julgamentos precipitados baseados em um único ponto de vista, porém, mesmo no grupo, a prioridade do Ego é a preocupação consigo mesmo em detrimento da verdade. O máximo que um grupo nessas condições pode alcançar é o consentimento de opiniões, independentemente da verdade. O Eu distanciado de si vê todas essas tramoias do próprio Ego e dos Egos alheios. Infelizmente, é mais fácil enxergar as tramoias dos Egos alheios do que do próprio. Pelo exercício da positividade podemos conquistar a necessária tolerância para com os outros (ver GA 10).

Ao retermos os impulsos imediatos de julgamento, seja no âmbito individual, seja no grupal, criamos aquele espaço interior da liberdade, da compreensão e da ponderação. Livrar-se de desejos próprios e de preconceitos e tornar-se receptivo a outras imagens provenientes de outros pontos de vista é um verdadeiro treino para o fortalecimento do Eu altruísta. O es-

paço interior assim criado, quando blindado contra tensões e pressões externas e internas, cria a possibilidade de abertura de outros canais que propiciam a recepção de outras imagens, que ampliam a visão e aumentam a abrangência do contexto dentro do qual o assunto em questão está inserido.

Na figura 7 podemos verificar que a seta da caixinha 4 aponta para a caixinha 3; portanto, com sentido invertido, como se viesse do futuro. Denominei essa caixinha de pensar holístico. Nele podemos buscar os recursos para elevar o assunto tratado a um nível de consciência mais elevado.

O nível mais elevado abre para o Eu altruísta uma nova perspectiva de visão, aumentando as dimensões, horizontalmente em tempo e espaço e verticalmente em altura e profundidade. Isso vale sobretudo para questões humanas, sejam de ordem espiritual, anímica ou de convivência.

No momento em que conseguimos detectar a conexão de nosso assunto com um modelo arquetípico, nossas opiniões derretem como cubos de gelo ao sol, fazendo surgir a verdade procurada. Refiro-me aos modelos que listei na primeira palestra.

Por razões didáticas, precisei colocar o assunto em uma sequência lógica para descrever todo o processo, mas, na prática, dependendo do grau de conhecimento que temos dos arquétipos, esses podem emergir em nossa consciência já na fase da formação da imagem. Quando isso acontece, a verdade já foi revelada e o processo de análise pode ser encerrado com o resultado alcançado. Isso é possível para a Alma da Consciência enquanto a Alma da Razão e da Índole tem necessidade de percorrer a sequência das fases aqui descritas: Fase de formação de imagem > Fase de julgamento > Fase de conclusão.

O Ego tem uma perspectiva limitada de si e do mundo; é egocêntrico. A abrangência da sua autoconsciência termina com sua epiderme. Ele tem a nítida vivência de “Eu dentro da minha pele” e o mundo lá fora. Ele corre o perigo de tornar-se um torrão de desejos e criticismos, escuro e endurecido.

Idealmente, o Eu distanciado de si tem qualidade solar e pode iluminar todos os cantos e nichos da alma e, ao mesmo tempo, irradiar sua luz do coração para o mundo. Sem ficar preso pela delimitação física, pela epiderme. O Eu altruísta se vivencia além das limitações entre interno e externo. Ele se vivencia como parte de um todo.

Naturalmente, há muitos degraus de distanciamento, pois essa é uma jornada sem fim ao longo de toda a vida.

Agora, podemos imaginar uma reunião com todos os participantes imbuídos da ideia do Eu distanciado de si, que é a grande tarefa da Alma da Consciência. Esse grupo obtém os resultados esperados da reunião já na primeira fase da formação de imagem. A descrição dos fenômenos, partindo dos diferentes pontos de vista, já ilumina o objeto da reunião de tal maneira que a resposta, quando os Egos não atrapalham mais, se torna evidente. O grupo conseguiu deixar os fenômenos falarem e se revelarem.

Entre as caixinhas 5 e 4 da figura acima, há um limiar. Trata-se do limiar entre o mundo físico e o mundo espiritual. Depois de ter passado por esse limiar não precisaremos mais de modelos cuja função era traduzir arquétipos para a nossa linguagem atual racional. Agora entramos em contato direto com os arquétipos como entidades espirituais vivas. Para isso acontecer, precisamos desenvolver o pensar imaginativo, que é o primeiro passo do Pensar do Coração e a tarefa central do desenvolvimento da alma da consciência.

Finalmente, o título desta palestra é: “A chave para o senso da verdade.” Falamos do senso de verdade e não da verdade em si, pois há verdades em vários níveis e, dependendo do grau de nossa consciência, captamos a verdade em um determinado nível. Podemos dizer: captamos a verdade, mas não captamos toda a verdade. Essa humildade falta ao pensamento materialista que pensa responder aos enigmas da existência com a descoberta dos fenômenos materiais.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Por que a máxima “Cogito, ergo sum” de Descartes começa a ficar ultrapassada?
2. O que diferencia o “Eu altruísta” do “Ego terrestre”?
3. Quais são os segredos do nosso processo cognitivo individual?
4. Por que o caminho para a liberdade é possível a partir do equilíbrio entre a simpatia e a antipatia?
5. O que ocorre quando conseguimos detectar o tema de uma discussão por meio de um modelo arquetípico?
6. O que significa “o limiar” entre os conceitos 3 e 4 da figura 7?

Adendo 2

Resumo do desenvolvimento dos três membros da alma humana²¹

A Alma da sensação capta as impressões sensoriais e as conduz para o interior do ser humano. Ao fazer isso, reage com prazer ou desprazer, com alegria ou pesar. É nela que emergem os instintos, os impulsos, as paixões e as cobiças da natureza humana. O ser humano desenvolveu-se a partir da alma da sensação. Ele a penetrou com o seu pensar e com o seu sentir, que, por sua vez, também era conduzido pelo pensar. Assim chegamos ao nível da alma da razão e da índole. Nela não sobem mais sentimentos indefinidos a partir das profundezas da natureza humana, mas surge um sentir que gradualmente se deixa iluminar pela luz interior do pensar. Na alma da razão e da índole aparece gradativamente aquele ponto central na nossa alma

21 GA 59, Berlim, 28.10.1909 (tradução livre).

que denominamos de Eu humano, aquele ponto central que pode levar ao Self possibilita a purificação da alma a partir de dentro, de maneira a nos tornarmos senhores e condutores dentro de nossos impulsos volitivos e dentro de nossas vidas do sentir e do pensar.

Como já mencionei, o eu humano tem dois lados. Uma possibilidade do desenvolvimento é que o ponto central em sua alma se torne cada vez mais forte. Que aquilo que ele pode vir a ser para o seu ambiente, o que ele pode vir a ser para a vida, possa irradiar de maneira cada vez mais intensa a partir do seu Self.²² O preenchimento da alma com um conteúdo interior, que a torna cada vez mais valiosa para o mundo externo e a torna cada vez mais independente, é um lado do desenvolvimento do Eu. O lado oposto a esse desenvolvimento é o egoísmo. Um Eu fraco perde-se na vida, afoga-se no mundo externo. Um Self que só procura interiorizar os seus prazeres, os seus desejos, os seus pensamentos e o seu matutar endurece no egoísmo. Com isso descrevemos de maneira resumida o conteúdo da alma da razão e da índole. Vimos que os impulsos selvagens, como a ira, se tornam educadores para a alma quando superados pelo Eu que, com isso, se torna cada vez mais forte.

Vimos que a alma da razão e da índole se educa de maneira positiva através da verda-

22 Para os interessados em conhecer as características das três almas de modo mais aprofundado, há uma tradução de três palestras de Rudolf Steiner em meu livro *Nova consciência, altruísmo e liberdade*. Também podem ser encontradas em GA 59, Berlim, 21.10.1909; Berlim, 22.10.1909; e Berlim, 28.10.1909.

de, quando se entende como verdade algo que se encontra dentro de seu próprio ser, que deve ser sentida como propriedade perante a qual se presta conta a cada momento e que apesar de ser a propriedade mais íntima, nos conduz para fora, tornando o Eu cada vez mais forte e altruísta, através de si próprio. Até aqui vimos que meios temos à disposição para a autoeducação da alma da sensação e da alma da razão e da índole.

Agora surge a pergunta: Será que para a Alma da Consciência, que é o membro anímico mais elevado, também há um meio para o seu desenvolvimento? Há algo que é desenvolvido nele sem o nosso esforço, como é o caso dos impulsos e das cobiças para a alma da sensação? O que é desenvolvido a partir da inclinação natural, sem termos grandes possibilidades de melhorar se não tivermos já recebido naturalmente? É algo que sobressai da Alma da Razão para dentro da Alma da Consciência: É o pensar. É a força e a inteligência do pensar. Para desenvolver a sua Alma da Consciência, o ser humano precisa tornar-se um pensador. A Alma da Consciência precisa adquirir o saber sobre o mundo e sobre si próprio. Ela só pode ser desenvolvida através do elemento mais elevado do saber, que é o pensar.

Quarta palestra: A formação de grupos

Uma das maiores ameaças ao futuro da humanidade é caminhar cada vez mais para um individualismo egoísta, que gera o isolamento do indivíduo e o “cada um por si”.

Apesar de todos os meios modernos de comunicação, o encontro entre seres humanos é cada vez mais abstrato e superficial e cada vez mais o indivíduo entra em uma solidão existencial e um vazio interior no qual a vida perde o sentido. Podemos dizer que o radical “comum” presente na palavra “comunicação”, que é o ato de tornar comum o conhecimento que pode ser feito em grupo, cada vez mais é uma demanda da sociedade.

Os crimes executados por lobos solitários se multiplicam, mas, no fundo, todos nós corremos o risco de nos tornarmos, em maior ou menor grau, lobos solitários.

Uma sociedade será sadia à medida que haja confiança mútua entre seus membros. A tendência que podemos verificar atualmente é a de a confiança mútua desaparecer. As *fake news* proliferam e a sociedade se torna cada vez mais enferma.

Já que toda tendência leva a algum lugar, podemos nos perguntar: Para onde esses excessos de informação que vemos hoje vão nos levar? Para onde essa perda de confiança mútua vai nos levar?

A confiança mútua só pode ser construída no encontro presencial entre seres humanos.

Sugiro a leitura do Anexo 2 do meu livro: *Nova consciência, altruísmo e liberdade*, onde há trechos traduzidos de uma palestra de Rudolf Steiner em que afirma que, no futuro, nossa vida social deverá se fundamentar em uma interação tão intensa entre seres humanos que, olhando para a nossa situação atual, nem podemos imaginar como isso seria possível.

A competência social talvez seja a mais importante de todas as competências que desenvolvemos ao longo da vida. Adquirimos sua fundamentação na infância mediante a vi-

vência de que “o mundo é bom no primeiro setênio, é belo no segundo e é verdadeiro no terceiro” de nossa vida. Ter ou não ter adquirido esses fundamentos pode fazer toda a diferença entre um caráter aberto com uma vida plena de significado e um caráter mesquinho e defensivo com uma vida egoisticamente medíocre.

Geralmente, os currículos escolares de nossas crianças e jovens não incluem espaços formais para desenvolver competência social, o que, a meu ver, é uma grave falha na formação dos seres humanos que viverão no futuro. Tentamos corrigir essa falha com programas de educação de adultos cujo processo de aprendizado já é bem mais lento e os resultados, mais modestos.

Matérias como ouvir e falar, objetivo *versus* subjetivo, trabalho em equipe, presença de espírito para o momento presente, dar e receber, cooperação *versus* competição, conviver com as diferenças, direitos e responsabilidades do cidadão em uma democracia são elementos fundamentais para ajudar os jovens a se desenvolverem socialmente, para que na idade adulta possam movimentar-se no mundo com competência social. Abençoada a escola que permite e tem mestres preparados para transmitir essas competências aos seus alunos.²³

Comunicação, liderança, negociação, solução de problemas, decisões de consenso, lidar com conflitos e resiliência são alguns exemplos de competência social que podem definir o sucesso ou o insucesso de uma carreira inteira e o grau de contribuição positiva que uma pessoa é capaz de dar para a sociedade e para a humanidade.

O mais eficaz meio para treinar competência social é o aprendizado em grupos, pois o grupo é o grande auxiliador

23 Pode-se perguntar também como isso pode ser obtido, se é que pode, no fenômeno da proliferação dos encontros virtuais que a tecnologia digital cada vez mais propicia. Não estaremos com essa tendência caminhando para a pasteurização e a desumanização das relações?

para desenvolvermos conscientemente as competências sociais. Por tal razão, em nosso programa de formação, nos ocuparemos bastante com a arte de participar produtivamente de grupos.

Seguindo os preceitos da trimembração, podemos diferenciar três tipos de grupos:

Grupos de estudo	pensar;
Grupos de encontro	sentir;
Grupos de trabalho	querer.

A seguir apresento uma caracterização resumida desses três grupos, como fundamentação para o desenvolvimento de comunidades modernas.

O desconhecimento das características de cada tipo de grupo pode causar muitas dificuldades desnecessárias para seus membros e muito mais para os membros de uma comunidade em formação. Naturalmente essa descrição precisa ser adaptada à situação e aos objetivos de cada grupo.

Grupo de estudo

Neste grupo os participantes se reúnem com o objetivo de aprender alguma coisa; a relação deles é frouxa e superficial. O objetivo é o conteúdo estudado e cada um se esforça para extrair do estudo o máximo possível para si. Essa atitude é individual e naturalmente egoísta. Enquanto esse egoísmo se restringe ao nível do conhecimento é perfeitamente adequado. Há liberdade individual. O conhecimento adquirido é apropriado por cada um à sua maneira, em sua estrutura individual de conhecimento e ninguém tem nada a ver com isso. Essa é a **liberdade** na vida cultural.

Como diz um velho provérbio: ao se dividir um pão com outra pessoa, cada uma sai com meio pão. Mas, se dividir uma ideia com outra pessoa, cada um sai com duas ideias ou uma nova ideia maior.

Grupo de encontro

O objetivo deste grupo é cuidar da saúde anímica do próprio grupo e encontra-se, portanto, dentro do grupo. Nos grupos de encontro falamos sobre nós, sobre nossos sonhos, esperanças, dúvidas, incertezas, sobre o processo do grupo no passado, no presente e no futuro. Falamos sobre os nossos aprendizados e comemoramos nossas vitórias. Reafirmamos e reforçamos os laços que nos unem, limpamos eventuais mágoas. Criamos um ambiente que não deve ser perturbado por interferências externas.

Há muitas formas de grupos de encontro na terapia médica, na educação e na psicoterapia, mas todos trabalham com uma dimensão comum: o “aqui e agora”. A atenção desse grupo é orientada para a interação entre os seus participantes. O princípio que o rege é a **igualdade**.

Grupo de trabalho

Os participantes deste tipo de grupo procuram alcançar conjuntamente um objetivo que se encontra fora do grupo.

A autodisciplina dos participantes é exigida ao máximo. Cada membro coloca à disposição do grupo os seus talentos e habilidades individuais e os externa de acordo com as necessidades do grupo. O indivíduo esquece-se um pouco de si mesmo e dirige toda a atenção para o objetivo do grupo, que na vida cotidiana geralmente consiste na solução de um problema. Cada participante se esforça para doar ao grupo o que tem de melhor, mantendo para si os aspectos de seu ego, com os quais deve lidar sozinho, sem sobrecarregar o grupo. Isso exige um intenso autoconhecimento e autocontrole. O foco central desse grupo é o processo decisório, que exige coordenação para garantir o bom andamento do todo, pois agora são os impulsos individuais da vontade que se encontram no grupo e precisam ser potencializados até certo ponto para garantir a posterior execução, sem resistências, na fase

da realização. Neste grupo qualquer egoísmo atrapalha o andamento do todo. O impulso básico para esse tipo de grupo é a **fraternidade**.

Na figura 8 a seguir levantamos alguns aspectos para comparar as diferentes qualidades de grupos e podemos observar que as exigências de competência social vão aumentando da esquerda para a direita, até chegar ao máximo na quarta coluna, que representa o “**grupo de ação espiritual**”. A conquista das habilidades nos primeiros três grupos (área sombreada) é a preparação para podermos atuar no quarto grupo (áreas circundantes não sombreadas). O quarto grupo não inclui apenas os membros fisicamente presentes no grupo, mas as entidades espirituais que podem influenciar o que está sendo feito. Podemos dizer que as primeiras três são a preparação para o grupo poder se tornar produtivo no quarto estágio e caminhar rumo a uma Comunidade Espiritual Moderna,²⁴ quando recebe inspirações para se tornar espiritualmente criativo.

Os últimos sete itens de cada coluna (fora da área sombreada) mostram características do grupo de ação espiritual, que passa novamente pelos três tipos de grupo, mas em um nível de consciência superior e com um treinamento da competência social espiritualizado.

Em muitas situações, essas qualidades de grupo não ocorrem de maneira estanque, mas podem fluir de um a outro. É fundamental que cada participante tenha consciência, em cada momento, com que maré, com que vento e dentro de que correnteza o grupo está navegando.

24 A sexta palestra descreve as características de uma comunidade espiritual moderna, como nós a vemos.

	GRUPO DE ESTUDO	GRUPO DE ENCONTRO	GRUPO DE TRABALHO	GRUPO DE AÇÃO ESPIRITUAL
Objetivo	No indivíduo	No grupo	Fora do Grupo	No mundo
O que nos une?	Conhecimento	Aceitação (mútua)	Objetivo comum	Ideal comum
Contexto	Infinito	Sociedade	Local*	Humanidade
Energia	Pensar	Sentir	Querer	Todas
Tempo	Passado	Presente	Futuro	Todos
Ordenação (foco)	Conteúdo	Interação	Procedimento	Transcendente**
Qualidade	Liberdade	Igualdade	Fraternidade	Todas
Resultado	Conhecimento	Proximidade	Solução	Transformação
Comprometimento	Mínimo	Médio	Alto	Total
Confiança	Média	Crescente	Alta	Total
		GRUPO DE AÇÃO ESPIRITUAL		
Chacras	Passado	Presente	Futuro	
	Chakra 16 pétalas	Chakra 12 pétalas	Chakra 10 pétalas	
Exercício	8 passos Buda	6 exercícios colaterais	5 exercícios	* Local: pensar globalmente e atuar localmente
Faculdade	Entender o pensar e o ponto de vista dos outros (12)	Vivenciar o sentimento dos outros	Descobrir os talentos dos outros	
Carma	Revela o carma velho	Harmoniza o carma velho	Constroi o carma futuro	** Processo criativo, muda de uma coluna para a outra conscientemente conforme a necessidade
Desenvolve	Imaginação	Inspiração	Intuição	
	Ampliação de horizonte. 12 pontos de vista	Um carrega o outro. Encontro dos outros. Através das sombras e duplos encontros	O grupo se torna instrumento das hierarquias	

Figura 8

1. Como grupo de estudo

Para atuar produtivamente nesse grupo, seus participantes podem exercitar-se individualmente nos oito passos de Buda,²⁵ para desenvolver o chacra de dezesseis pétalas, situado na região da laringe. Esse exercício os levará a um pensar lúcido e claro, que no homem moderno já é relativamente desenvolvido. Através desse pensar conseguirão entender o pensar e o ponto de vista dos outros participantes. A lucidez desse pensar pode revelar-lhes o carma do passado.

2. Como grupo de encontro

Para atuar produtivamente nesse grupo, seus participantes podem exercitar-se individualmente nos seis Exercícios Colaterais para desenvolver o chacra de doze pétalas, situado na região do coração. Esse exercitar lhes permite vivenciar o calor ou a frieza anímica e uma profunda compreensão dos processos da natureza. No encontro com o outro poderão vivenciar o momento presente de maneira totalmente nova. O desenvolvimento do chacra de doze pétalas abre o portal para o pensar do coração.

3. Como grupo de Trabalho

Podemos desenvolver o chacra de dez pétalas, situado na região do plexo solar, por meio de uma sequência de cinco exercícios, também descritos por Rudolf Steiner na GA 10, e que nos permite descobrir os talentos dos outros.

Construiremos, assim, o carma do futuro.

Os exercícios são praticados na solidão e no silêncio interior. Seus resultados colocamos à disposição dos demais, na interação com os membros do grupo e com as outras pessoas em geral.

25 Os oito passos de Buda constam da GA 10, O conhecimento dos mundos superiores. São Paulo: Editora Antroposófica, 2007.

Quero chamar a atenção para um fato: o grupo de trabalho em geral busca solucionar um problema, o que significa que seu trabalho é orientado para um foco delimitado e bem definido no contexto a que pertence.

O grupo de ação espiritual lança a sua visão para o cosmo, para perspectivas amplas de tempo e espaço e os traduz para situações terrestres.

4. Como grupo de ação espiritual

Reunimo-nos em torno de um ideal comum que procuramos realizar no mundo.

A figura 8 tenta mostrar que esse grupo engloba todas as características dos outros três (quarta coluna). Em certas ocasiões somos um grupo de estudo ou de pesquisa, outras vezes, de encontro e, outras ainda, grupo de trabalho. Isso torna o bom funcionamento do grupo um desafio ainda maior, porque a variedade de expectativas entre seus membros, em cada momento, pode ser muito grande. Além desse fato, surgem nele outros aspectos que nos outros grupos permanecem no subconsciente e não são percebidos.

Podemos considerar a parte que descrevi até este ponto como trabalho a ser executado por nós como grupo de homens e mulheres terrestres. Pela perseverança em nosso exercitar individual e pela fidelidade ao impulso comum do grupo poderemos sentir, em um estágio futuro que nem precisa ser muito distante, a presença e a conexão com seres espirituais. E quando isso acontecer sentiremos que, ao nos separarmos depois de cada encontro, voltaremos para o mundo acompanhados e carregados de uma energia que transcende a energia que normalmente sentimos como indivíduos.

Podemos considerar cada reunião do grupo uma ocasião para renovar a energia gerada pelo encontro.

Quero lembrar as frases do professor Lievegoed,²⁶ já mencionadas anteriormente:

“Da Antroposofia podemos haurir as ideias e os ideais espirituais.”

“No mundo sofremos com a humanidade.”

É nossa tarefa traduzir e transformar tais ideais eternos em ideias socialmente compreensíveis e realizáveis, sem nos tornarmos missionários. Missionário é aquele que dá respostas a perguntas ainda não feitas.

Para encerrar este texto vamos ouvir as palavras de Rudolf Steiner a respeito. Trata-se de trechos de duas palestras diferentes: Berlim, 23.11.1905 e Berlim 1^o.6.1908.

Construindo União...

O Cristo disse: “Onde dois ou três se unem em meu nome estou no meio deles.”²⁷

Não se trata de um e do outro e do terceiro, mas de algo totalmente novo, criado pela união. As uniões humanas tornam-se locais de mistérios, nos quais seres espirituais superiores descem para atuar através de humanos individuais, da mesma maneira como a alma atua através o corpo físico...

E repito mais uma vez, não se trata apenas de uma imagem, mas de algo muito real. Feiticeiros são pessoas que atuam em união porque atraem para seu círculo seres superiores. Seres superiores se manifestam. Se entregarmos o nosso ego na união, fortaleceremos nossos órgãos físicos.

Este é o segredo do progresso futuro da humanidade, atuar pela união.

26 LIEVEGOED, Bernard. O homem no limiar. São Paulo: Editora Antroposófica, 1999.

27 Evangelho de Mateus, capítulo 18, versículo 20.

Ao se unirem em liberdade, os seres humanos se agrupam em torno de um centro.

Os sentimentos individuais que fluem para um centro comum criam oportunidades para seres espirituais superiores atuarem como uma espécie de alma de grupo.

Todas as antigas almas de grupo eram seres espirituais que não permitiam a liberdade do homem. As novas almas de grupo são compatíveis com a liberdade e a individualidade dos homens. Podemos dizer que elas, de certa maneira, existem graças à união dos seres humanos, e depende das almas humanas possibilitar ou não a descida dessas almas superiores.

Quanto maior for o número de uniões humanas, quanto mais existirem sentimentos de união, tanto mais almas superiores descerão para as uniões humanas e tanto mais rapidamente o planeta Terra será espiritualizado.

Observação:

A exercitação é individual e o banimento dos Egos acontece no encontro e cria o espaço para a presença de seres espirituais.

Rudolf Steiner legou-nos o seguinte mantra que nos inspira para os trabalhos em grupo:

Espírito vitorioso.

Inflama a impotência
das almas receosas.
Queima o egoísmo,
Acenda a compaixão,
para que o altruísmo,

o fluxo de vida da humanidade,
possa imperar como fonte
de renascimento espiritual.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Qual é uma das maiores ameaças ao futuro da humanidade na perspectiva do conteúdo apresentado?
2. Por que a competência social se torna cada vez mais importante?
3. No contexto do arquétipo da trimembração, quais são os três tipos de grupo?
4. Qual é a natureza ou quais são as características desses grupos?
5. O que caracteriza um “grupo de ação espiritual”?
6. Segundo Rudolf Steiner, o que pode significar a expressão de Cristo: “Quando dois ou três se reúnem em meu nome, estou no meio deles”?

Quinta palestra: A jornada do autodesenvolvimento

Encerrei a quarta palestra, que tem como subtítulo “A formação de grupos”, com a meditação oferecida por Rudolf Steiner e gostaria de tecer inicialmente alguns pensamentos a respeito.

1. Nesta meditação Rudolf Steiner descreve o altruísmo como o fluxo da vida da humanidade, que deve imperar como fonte de renascimento espiritual.

Quanto mais nos aproximamos do altruísmo, mais intensa torna-se a sua irradiação luzente para amplitudes cada vez maiores. Como um sol que, a partir do ponto onde o altruísmo é praticado, irradia para amplitudes incomensuráveis.

2. O altruísmo não é apenas uma questão moral, mas uma questão fundamental de sobrevivência da humanidade. Cada um de nós precisa, em algum ponto da vida, seja na atual, seja na próxima ou, ainda, na outra, morrer para renascer no espírito e o altruísmo é um ótimo guia nesse processo. O Ego precisa morrer para o renascimento do Eu no espírito.

3. Ao me debruçar sobre os conteúdos da formação da Escola do Altruísmo, a cada palestra ficou mais claro para mim que uma formação produtiva passa necessariamente pelo caminho do autodesenvolvimento espiritual de seus membros, onde o grupo é o meio para podermos acordar um no outro para o novo patamar de consciência de que a Alma da Consciência necessita. Dessa constatação podemos definir **objetivos internos** para o desenvolvimento do grupo e **objetivos externos** que queremos realizar no mundo com nossos alunos. Os objetivos externos dependem do grau de consciência que o grupo conquista internamente, porque a única coisa que convence o mundo é o exemplo. O apoio mútuo entre os membros do grupo os ajuda a acordar para um novo nível de consciência. Conforme avançávamos na dinâmica do grupo fundador da Escola do Altruísmo, percebemos que o

processo se tornava cada vez mais individualizado. Começou com generalidades e tornou-se cada vez mais individualizado. O processo de autodesenvolvimento é assunto para cada um individualmente e na época atual está intimamente ligado ao desenvolvimento da Alma da Consciência.

A figura 9 representa um processo de iniciação que começa com o encontro com a Antroposofia e se estende até o limite do que nos foi revelado por Rudolf Steiner até a sua morte, em 1925.

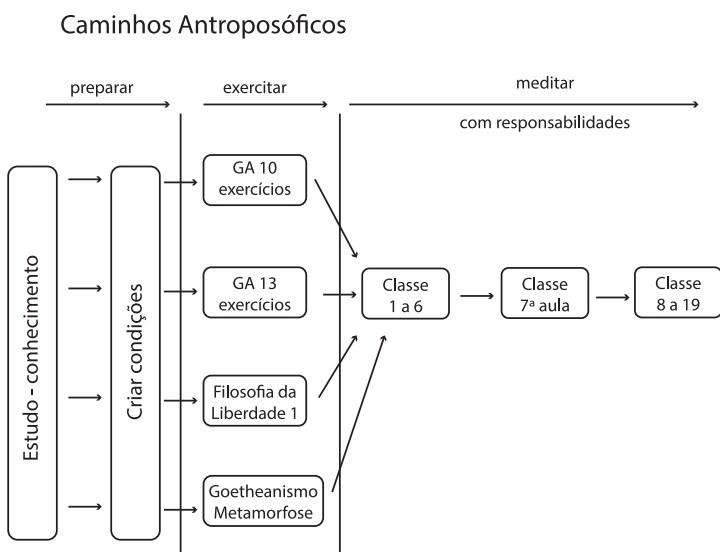


Figura 9

O processo está dividido em três grandes fases:

Preparação

Exercitação

Meditação (com responsabilidade)

O processo todo consiste em exercícios de concentração, de mudança de hábitos, de transformação de valores, de meditação, de aquisição de novas habilidades etc. Portanto, é um caminho de exercitação e não de especulação intelectual. Todos os exercícios aqui apresentados foram extraídos das seguintes obras de Rudolf Steiner: GA 10, *O conhecimento dos mundos superiores*, e GA 13, *A ciência oculta*.²⁸

As duas obras descrevem as duas primeiras fases da figura 9 (preparar e exercitar), que levam o aluno, pelo pensar imaginativo, até o portal do mundo espiritual, onde se encontra o guardião do limiar.²⁹ A passagem através do limiar para o mundo espiritual ocorre na terceira fase, por meio das aulas da Primeira Classe (não tratada aqui.) O exercitar-se conhece como caminhos alternativos o estudo da Filosofia da Liberdade ou o estudo da Obra Científica de Goethe (também não abordados aqui.)

O importante para o nosso momento atual são os exercícios sugeridos por Rudolf Steiner para as primeiras duas fases. Ao estudá-los e praticá-los perceberemos que representam o caminho perfeito para podermos adquirir a competência social necessária a fim de atuarmos como Mediadores de Transformação Social, com a devida autoridade moral.

Mesmo pessoas que não se preocupam com os destinos da humanidade nem com processos de iniciação, ao praticarem os exercícios sentem que eles são uma contribuição extrema-

28 Ambas publicadas pela Editora Antroposófica, respectivamente, em 2007 e em 2006.

29 O Guardião do Limiar é um ser angelical vestido com todas as nossas sombras, o que o torna uma aparição horripilante. Com nosso processo de purificação da alma, o Guardião se torna cada vez mais um ser brilhante que nos orienta em nossa jornada espiritual.

mente valiosa para seu autodesenvolvimento e sua competência social. Aquele que deseja elevar o altruísmo das meras palavras ou dos atos esporádicos de doação para um novo estilo de vida, com a conquista de uma nova felicidade, não escapa da necessidade de uma exercitação consistente. Os exercícios são de fácil compreensão, mas sua execução regular exige grande autodisciplina e perseverança. Esse já é o primeiro obstáculo a ser vencido.

A Preparação

Estudo – conhecimento

Muitas pessoas me perguntam com que livro começar o estudo da Antroposofia. Essa é uma questão delicada porque a indicação errada pode dificultar o acesso à Antroposofia, razão pela qual as três obras apresentadas na figura acima podem ser uma boa indicação.

O conhecimento dos mundos superiores trata mais dos aspectos interiores do ser humano.

A ciência oculta aborda os aspectos macrocósmicos da existência.

Já o Evangelho de Lucas era minha recomendação quando eu percebia que as questões importantes para as pessoas eram sobre como relacionar a Antroposofia e sua vida religiosa.

O início do estudo apresenta alguns problemas ao leitor desavisado pelo fato de a linguagem terrestre não oferecer os conceitos necessários para descrever as experiências espirituais do iniciado, que se vê na obrigação de usar conceitos da vida terrestre para circunscrever a experiência espiritual. Também surgem conceitos novos que não fazem parte da vida cotidiana. De início, ler Antroposofia é como aprender um novo idioma, mas, vencido esse obstáculo, o espírito pode começar a fluir.

As condições preliminares para o desenvolvimento espiritual

Cumpra-se frisar que de nenhuma das condições a seguir exige-se um integral cumprimento, apenas o aspirar a tal cumprimento já é um passo. Ninguém é capaz de cumprir integralmente as condições, mas todos podem pôr-se a caminho de seu cumprimento, o que já tem um grande valor.

Cuidar da saúde física e espiritual

Trata-se muito mais, em sentido físico, de afastar influências nocivas. Em nossa época o cuidado com a saúde física é um assunto do qual já se tem muita consciência. Mesmo assim os “fast food” e a obesidade continuam deteriorando a saúde de muitas pessoas.

Sentir-se um membro de toda a vida existente

Cultivar o sentimento de que sou apenas um membro de toda a humanidade e corresponsável por tudo que acontece. Por exemplo: se sou educador e meu aluno não corresponde ao que almejo, devo voltar o meu sentimento não contra o aluno, mas contra mim mesmo.

Pensamentos e sentimentos são realidades

Elevar-se à concepção de que pensamentos e sentimentos têm tanta importância para o mundo quanto as ações. Reconhecer o fato de que odiar seu semelhante é tão pernicioso quanto agredi-lo fisicamente. Terei de admitir que meu sentimento produz tanto efeito no universo quanto uma ação de minha própria mão.

Sentir-se como um ser anímico-espiritual

Sentir-se como um ser anímico-espiritual é um fundamento para a disciplina. Quem avança para tal sentimento será capaz de discernir o dever interior do resultado externo. De-

ve-se encontrar a correta posição central entre o que as condições exteriores impõem e o que se reconhece como certo para a conduta. Desenvolver em si próprio aquilo que se denomina na ciência oculta a “balança espiritual”, na qual em um dos pratos se encontra um “coração aberto” para as necessidades do mundo exterior e, em outro, a “firmeza interior e a perseverança inabalável”.

Perseverança

Perseverança na obediência a uma decisão tomada. Cada decisão é uma força e, mesmo que essa força não tenha êxito diretamente no lugar para onde é dirigida, atuará à sua maneira e causará seus efeitos. Atualmente, parece normal aceitar que o sucesso só é decisivo quando se realiza um ato por cobiça. Mas todos os atos realizados por cobiça são destituídos de valor perante o mundo espiritual.

Gratidão

Gratidão diante de tudo que é proporcionado ao ser humano. Estar ciente de que a própria existência e as circunstâncias em que estamos inseridos é um presente de todo o cosmo. Quanto não é necessário para que cada um de nós possa receber sua existência? Quanto não devemos à natureza e às outras pessoas? Quem não conseguir se abandonar a esses sentimentos não será capaz de desenvolver dentro de si aquele amor universal necessário para chegar à cognição superior. “Algo que eu não amo não pode se revelar a mim.” E cada revelação tem de preencher-me de gratidão, pois através dela me torno mais rico espiritualmente.

Integração

Todas as condições citadas têm de unir-se em uma sétima: compreender a vida incessantemente no sentido em que as condições o exigem. Por meio disso se cria a possibilidade de

dar à vida um caráter uniforme. Cada uma das manifestações da vida estará em harmonia recíproca e não em contradição.

Se alguém tiver a séria e honesta vontade de cumprir as condições indicadas anteriormente, poderá decidir-se pelo caminho da disciplina espiritual.

A exercitação

Os oito processos anímicos

Os oito processos anímicos são muito parecidos com os oito passos de Buda. Buda viveu 600 anos antes de Cristo e os exercícios tinham a função de apoiar o desenvolvimento de um pensar claro e preciso para promover a conquista da autoconsciência. Era o início do desenvolvimento da alma da razão e da índole. No homem moderno, essas qualidades já foram alcançadas em maior ou menor grau, dependendo do nível de desenvolvimento de cada um. A consolidação das oito qualidades compõe o fundamento necessário para os próximos passos do desenvolvimento da humanidade, individual e coletivamente.

Na lista a seguir apresento um resumo de cada exercício com a intenção de facilitar a busca e os comentários. Para sua exercitação é importante lê-los em sua descrição completa e original,³⁰ o que também vale para as condições preliminares descritas acima.

Os exercícios são:

1. A opinião certa

Prestar atenção às próprias representações mentais.

Ter apenas sentimentos significativos.

Aprender gradativamente a separar em seus pensamentos o essencial do fútil, o eterno do efêmero, a verdade da opinião.

30 Apresentada no GA 10 O conhecimento dos mundos superiores. São Paulo: Editora Antroposófica, 2007.

Ao ouvir a conversa das outras pessoas, tentar manter-se interiormente totalmente calmo e evitar acima de tudo as críticas internas.

2. O Julgamento certo

Tomar decisões e chegar a conclusões não depende de minha simpatia e antipatia. Decidir-se, mesmo nos assuntos mais insignificantes, partindo de deliberações plenamente refletidas e fundadas. Todo agir irrefletido, tudo o que for sem significado, deverá ser afastado da alma. Para tudo deverá haver razões bem fundamentadas.

3. A palavra certa

O terceiro processo anímico diz respeito à fala. Apenas o que tem sentido e importância deve sair dos lábios do aluno. Todo falar por falar o desviará do caminho. Nunca se falar sem uma razão. É preferível o calar. Deve-se tentar falar nem demais e nem de menos. Primeiro deve-se ouvir para, em seguida, elaborar a fala.

4. A ação certa

Organizar os atos de forma que estejam em sintonia com os atos dos semelhantes. Quando agir a partir de si, ponderar claramente sobre os efeitos de sua maneira de agir.

5. O ponto de vista certo

Procurar viver em conformidade com a natureza e com o espírito. Não precipitar nada e não ser indolente. Considerar a vida um meio de trabalho e organizar-se de acordo. Organizar o cuidado com a saúde.

6. A aspiração certa

Examinar suas faculdades, capacidades e proceder de acordo com tal autoconhecimento. Procurar não fazer nada

que esteja além de suas forças, tampouco deixar de fazer o que estiver de acordo com elas. Estabelecer objetivos relacionados com os ideais, com os grandes deveres de um ser humano.

7.A memória certa

Aprender da vida o mais possível. O que foi feito de maneira incorreta ou imperfeita será motivo para, mais tarde, fazer algo semelhante de maneira correta ou perfeita. Olhar os outros em ação com a mesma finalidade.

8. A contemplação certa

Lançar, de vez em quando, um olhar para seu interior, aprofundando-se em si próprio para formar e analisar os princípios de vida. Percorrer mentalmente os conhecimentos, ponderar os deveres e meditar sobre os conteúdos e os objetivos da vida.

Esses oito exercícios despertam o chacra de 16 pétalas localizado na região da laringe.

Os chacras são órgãos de percepção para fenômenos suprasensíveis. O chacra de 16 pétalas possibilita o discernimento clarividente do modo de pensar de outro ser anímico, bem como a observação mais profunda das verdadeiras leis dos fenômenos da natureza.

Os seis exercícios colaterais

1. Controle dos pensamentos

Trata-se de observar e controlar o fluxo dos pensamentos. Cada pensamento deve emergir do anterior e servir de base para o próximo, para que surja um fluxo coerente e sem desvios por outros assuntos.

2. Controle das ações

O mesmo controle exigido em relação aos pensamentos no

exercício anterior vale com relação às ações. Cada ação deve emergir da anterior em uma sequência coerente.

3. Perseverança

Não se deixar distrair nem desviar do objetivo estabelecido enquanto esse é considerado válido. Os obstáculos nos convidam a superá-los.

4. Positividade

Tolerância com os seres humanos, com os outros seres e também com os fatos. Reprimir toda crítica supérflua diante da imperfeição, da maldade e da ruindade. Tentar entender tudo o que nos cerca. Não incorrer em julgamentos depreciativos, mas suportar o necessário e, segundo as próprias forças, tentar reverter a situação para o bem.

5. Imparcialidade

Imparcialidade perante os aspectos da vida. Podemos também dizer fé e confiança. Defrontar-se com cada indivíduo, com cada ser, imbuído dessa confiança. Impregnar-se dessa confiança nas ações. A cada momento estar pronto para submeter a própria opinião a novo exame.

6. Equilíbrio

Adquirir certo equilíbrio de vida (equanimidade). Esforçar-se por manter sua disposição uniforme, mesmo sendo atingido pela dor ou pela alegria. Estar preparado para se encontrar com a desgraça e o perigo, bem como com a sorte e o sucesso.

Esses seis exercícios apresentados foram extraídos da GA 10, e também podem ser encontrados no GA 13, embora um pouco modificados. Mas todos levam ao mesmo objetivo e despertam o chacra de doze pétalas que é o chacra do coração. Seu desenvolvimento é a tarefa central da Alma da Consciência e com ele conseguimos a percepção dos sentimentos

de outras pessoas e a capacidade de reconhecer determinadas forças mais profundas em animais e plantas.

O desenvolvimento do chacra do coração é o portal para o Pensar do Coração, que deverá substituir gradativamente o pensar cerebral. O Pensar do Coração ou Pensar Vivo será tratado na décima primeira palestra.

Os cinco exercícios

Em GA 10 também podemos encontrar cinco exercícios para amadurecer o chacra das 10 pétalas, que se encontra na região do plexo solar, na região do estômago. Esses exercícios já não são descritos com o mesmo destaque como os anteriores.

1. Teremos de chegar ao ponto de realmente não mais acolher impressões que não se queiram acolher. Tal faculdade poderá ser desenvolvida unicamente mediante uma intensa vida interior. Quanto mais enérgico se tornar o trabalho interior da alma, tanto mais se alcançará nesse particular. O discípulo terá de exercitar-se a ponto de, no meio do maior tumulto, não precisar ouvir nada quando não quiser ouvir.

2. Escolher um pensamento e tentar apenas seguir pensando o que, bem conscientemente e em plena liberdade, for capaz de associar a esse pensamento, rejeitando quaisquer divagações.

3. Se, por exemplo, houver uma determinada antipatia em relação a alguma coisa, ou pessoa, empenhar-se-á em combatê-la e procurará estabelecer uma relação consciente com a respectiva coisa ou pessoa.

4. A vida anímica do discípulo terá de tornar-se uma vida permeada de atenção e ele terá de saber manter-se realmente

afastado do que não deseja ou daquilo a que não deve dedicar atenção.

5. Se a tal autodisciplina se acrescentar uma meditação que corresponda aos ensinamentos da ciência oculta, o chacra na região do estômago entrará no processo correto de amadurecimento.

Esses cinco exercícios nos dão a possibilidade de detectar os talentos das outras pessoas.

Para encerrar este conteúdo, vamos ler o que o apóstolo Paulo disse há 2000 anos e continua sendo de grande validade:

Primeira carta de Paulo para os Coríntios, capítulo 13, versículo 1-7, e capítulo 14, versículo 1.³¹

Quero indicar-lhes o caminho mais elevado do que qualquer outro:

Se eu falasse com língua de homem e de anjo
porém fosse sem amor,
a minha fala seria como minério tinindo e sino sonoro.
Se eu tivesse o dom da profecia,
conhecesse todos os mistérios,
tivesse todos os conhecimentos,
e tivesse a força da fé que move montanhas,
se estivesse sem amor, tudo isso não valeria nada.
Se eu doasse todos os meus bens incluindo o corpo para
queimar,
sem amor não valeria nada.
O amor amplia a alma.
O amor preenche a alma com bondade reconfortante.

31 Tradução de Emil Bock, fundador da Comunidade de Cristãos que liderou um pequeno grupo de pastores evangélicos, cada vez mais descontentes com seu trabalho, e ligados à Antroposofia, que por isso pediram a Rudolf Steiner que lhes desse um novo culto religioso.

O amor não conhece inveja,
Não conhece ostentação,
Não permite injustiça.
O amor não fere o que é decente.
Ele expulsa o egoísmo.
Não se perde em êxtase.
Não acusa ninguém.
Não se alegra com a injustiça.
Somente se alegra com a verdade.
O amor suporta tudo.
Dispõe-se a ter confiança,
Pode ter esperança com tudo e ter paciência.
Que o amor seja vosso caminho e vossa meta.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Em síntese, quais são as condições preliminares para o desenvolvimento espiritual?
2. Quais são os 8 processos anímicos e seus respectivos conteúdos?
3. Quais são os 6 exercícios colaterais e suas finalidades?
4. Quais são os 5 exercícios para desenvolver o chacra do plexo solar e seus respectivos conteúdos?
5. A recapitulação dessa palestra através das perguntas anteriores o inspira a fazer o quê em termos de seu autodesenvolvimento?

Sexta palestra: Formação de comunidades modernas

Ao falar sobre comunidades modernas, parece-me que estamos falando de algo que ainda não conhecemos e de um tempo que ainda não chegou. Atualmente, encontramos-nos em uma fase de nossa evolução na qual procuramos nos emancipar de almas de grupo antigas ou de comunidades antigas.

Com duas sentenças lapidares, Rudolf Steiner cunhou a essência de nossa questão: *“Em Roma, quando era cultivada a alma da Razão e da Índole, o homem era primeiro e acima de tudo, cidadão romano e nada mais. Em nossa época atual, que desenvolve a Alma da consciência, lutamos acima de tudo para sermos seres humanos e nada mais.”*³²

Encontramo-nos em um acelerado processo de individualização ou emancipação do indivíduo. O “Eu sou!” é o grito de liberdade do homem moderno global, que acaba de se desencilhar das velhas almas de grupo com suas crenças e dogmas, mandamentos e convenções.

Esse homem moderno está pouco inclinado a ouvir sobre comunidades modernas; ele quer curtir até o limite a liberdade recém-conquistada, vivendo e atuando sem culpa e sem remorsos. Mas essa liberdade tem um preço, e esse preço é a perda dos vínculos com a nossa história, com os nossos antepassados, com as tradições e os valores do nosso povo, com a família, com a religião, com Deus, com os nossos amigos e, por fim, com nós mesmos.

Avançamos de maneira inexorável e intempestiva rumo à liberdade e esquecemos que a liberdade tem necessariamente um contrapeso para poder sustentar-se e esse contrapeso é a responsabilidade. A responsabilidade pelas consequên-

32 GA 159, Düsseldorf, 15.6.1915.

cias dos nossos atos perante as outras pessoas, perante a lei, perante a nossa comunidade, perante o nosso povo, perante a humanidade e perante o planeta onde vivemos. Os homens modernos, ao ouvirem falar de comunidades modernas, podem pensar: “Acabamos de nos livrar do cabresto das almas de grupo velhas, moralizadoras e limitantes e, agora, querem nos enquadrar em almas de grupo modernas.” Disso emerge a questão: “Qual é a diferença entre uma alma de grupo ou de comunidade velha e uma alma de grupo ou de comunidade moderna?”

As comunidades antigas

As almas de grupo antigas eram necessárias para a condução da humanidade na era pré-cristã. Seres espirituais conduziam a humanidade. Em tempos mais remotos isso acontecia mediante incorporações de seres espirituais em corpos humanos. Mais tarde, quando essas incorporações já não eram mais possíveis, líderes humanos, através de processos de iniciação, conseguiam comunicar-se com o mundo espiritual para receber os ensinamentos e preceitos morais que traduziam para suas comunidades em forma de mandamentos e orientações. A coesão das comunidades dava-se pelos laços de sangue e pela autoridade do líder espiritual. Os ensinamentos fluíam de cima para baixo. O povo leigo ouvia, acreditava e obedecia às instruções recebidas de seus líderes.

Passamos, durante 5 mil anos, pelo Kali Yuga, uma época de escuridão espiritual, durante a qual o ser humano foi gradativamente desligado da convivência direta com os deuses até seu completo esquecimento. Esse processo de desligamento, que nos levou ao materialismo foi necessário para a emancipação do ser humano como indivíduo autoconsciente. O Kali Yuga terminou em 1899 e, com ele, encerrou-se a época de 5 mil anos de patriarcado, inaugurando uma nova ordem mundial, cujos sinais começam a aparecer no processo de emancipação feminina.

As comunidades modernas (aspectos sociais)

- A comunidade moderna é o local onde podemos aprender a prática do altruísmo.
- Não há diferença de gêneros. Homens e mulheres têm direitos iguais.
- Não há líder espiritual ou um guru com seguidores.
- Não há chefe com autoridade formal.
- Não há hierarquia como nas antigas comunidades.
- Líderes podem ser indicados com determinados mandatos durante um tempo predeterminado.
- Todos os membros têm participação ativa nas decisões.
- As decisões devem ser orientadas pelo princípio do consentimento nas situações polarizadas.
- A coesão do grupo acontece pelo estabelecimento em conjunto de objetivos e princípios aceitos por todos e orientados por uma imagem guia.
- Há plena liberdade individual de todos os membros da comunidade. Naturalmente, exige-se fidelidade aos compromissos assumidos em conjunto.
- A saúde de uma comunidade depende do grau de confiança existente entre seus membros. Criar uma comunidade é criar lugar de confiança, onde as vulnerabilidades individuais são respeitadas amorosamente.
- Os objetivos da comunidade podem ser predominantemente de ordem espiritual, como a Escola do Altruísmo, por exemplo, ou predominantemente de ordem material, como uma comunidade de consumo de produtos orgânicos.
- O que caracteriza a comunidade não é apenas o “o quê”, mas de igual importância “o como”.

A Escola do Altruísmo é uma comunidade espiritual que se dedica ao estudo e à divulgação do altruísmo, que se considera ser o sangue que deve correr pelas artérias da nova ordem mun-

dial. A Escola persegue objetivos internos, no sentido do auto-desenvolvimento individual e comunitário e objetivos externos, como a divulgação e a promoção do altruísmo no mundo.

Antes de continuar com os aspectos espirituais de uma comunidade, pretendo colocar diante de vocês uma imagem orientadora que serve para todo o trabalho da Escola do Altruísmo.

Ao falarmos de humanidade, geralmente, não temos muita consciência do que isso significa. A humanidade é o único organismo social perene que existe e todos os outros organismos sociais têm início, meio e fim ou nascem, vivem e morrem.

- O corpo físico da humanidade é o planeta Terra, com suas pedras, plantas e animais; tal como acontece com o ser humano, esse corpo físico é permeado por uma alma e por um espírito, um Eu.
- O Eu da humanidade é o Cristo, que através do Mistério do Gólgota, (morte na cruz e ressurreição) se ligou à humanidade inteira e à Terra. (o verdadeiro Eu)
- A alma da humanidade é formada pela alma de todos os seres humanos, as encarnadas e as desencarnadas e pelos seres espirituais da terceira hierarquia: Anjos, Arcanjos e Arqueus.³³

Para que as almas desencarnadas e os seres hierárquicos possam participar e contribuir para o processo de evolução da humanidade é necessário que os encarnados que vivem na Terra os incluam em seus pensamentos.

Conforme o desenvolvimento da humanidade progride, a ligação entre a alma dos homens encarnados, a alma dos desencarnados e as entidades da terceira hierarquia será cada vez mais estreita. Essa é uma imagem tão gigantesca que precisamos nos aproximar e nos acostumar com ela, gradativa-

33 As nove hierarquias foram mencionadas anteriormente na p. 20.

mente, para podermos integrá-la em nossa consciência como realidade vivida.

Em uma camada mais profunda da existência
somos todos conectados.
Lá todos sabem tudo de todos.
Não existe esconderijo.
Existe total autenticidade e todos amam todos.
Evelyn Reimann³⁴

Quanto mais abrangente é a nossa consciência, mais facilmente conseguimos adotar um estilo de vida que possa equilibrar as forças do egoísmo com as forças do altruísmo, habilitando-nos a atuar no mundo com autoridade moral.

Comunidades modernas (aspectos espirituais)

Em 1920 um grupo de jovens teólogos protestantes, descontentes com a situação confessional da época, pediu ajuda a Rudolf Steiner para uma renovação da atuação dos pastores em suas comunidades religiosas. Steiner orientou-os preferindo duas importantes palestras³⁵, das quais transcrevemos alguns trechos a seguir.

“Se o trabalho da renovação religiosa tiver de ser acompanhado pela formação de uma autêntica comunidade, vocês precisarão de um culto religioso apropriado para a época atual.”

A experiência comum do culto é algo que produz, pela sua mera essência, a sensação de comunidade na alma humana. No culto reside um elemento extremamente importante para a

34 Evelyn Reimann, suíça, autora de Die Schicksalsweberei : Schwabe AG Verlag, Basel

35 GA 257, palestras dadas em 27 e 28 de fevereiro de 1923, em Stuttgart.

formação de uma comunidade. Ele liga os homens entre si. (Disso nasceu a comunidade de Cristãos).³⁶

Mas a Sociedade Antroposófica, que não tem esse culto, também procura formar uma comunidade e terá de encontrar os meios apropriados para isso.

E podemos nos perguntar: Que outros meios são esses? Para responder a essa questão Rudolf Steiner afirma:

Para compreendermos o outro elemento chamado a desempenhar uma função correspondente na Sociedade Antroposófica, é preciso, antes de tudo, olhar não só para o mistério da fala e da recordação, com relação à essência do impulso comunitário, necessitamos olhar para outra coisa. Vejamos o estado do homem que sonha e comparemos com o estado de vigília.

O mundo dos sonhos pode ser belo, magnífico, cheio de imagens e de significados, mas é um mundo que isola os homens. Com sua vida de sonhos o homem está só. Eis um indivíduo deitado que sonha: outros estão ao redor dele, dormindo ou não; os mundos presentes em suas almas nada têm a ver com a consciência do sonhador, com o que ele vivencia em sua consciência onírica. O homem isola-se em seu mundo de sonho e mais ainda em seu mundo de sono. Ao acordar, passamos a fazer parte de certa vida em comum. O espaço em que estamos nós e o outro, a sensação, a representação desse espaço que o outro tem, nós também o temos. Ao conta-

36 Comunidade de Cristãos, ver nota 31, na pág. 88

to com o nosso mundo ambiente despertamos, em certo grau, para a mesma vida anímica interior, como ele. Ao acordar do isolamento do sonho despertamos para uma comunidade humana, pela simples natureza da relação do ser humano com o mundo exterior. Deixamos de ser tão encapsulados e ensimesmados como éramos no mundo dos sonhos, por mais belos, esplêndidos e significativos que tenham sido.

Como acordamos? Acordamos no contato com o mundo exterior – com a luz, com os sons, com os fenômenos de calor e com todo o resto do conteúdo do mundo sensorial; mas também acordamos – pelo menos na vida exterior comum – no contato com o exterior dos outros homens, com o que eles nos apresentam como faceta natural. Para a vida diária, acordamos no contato com o mundo da natureza. Essa nos desperta, transportando-nos do isolamento para certa vida em comunidade. Mas ainda não despertamos – e esse é o segredo da vida diária – como homens no contato com o homem, com seu cerne mais profundo. Acordamos no contato com a luz, com o som, talvez no contato com a fala que o próximo nos dirige como algo bem natural no homem, acordamos pelas palavras que ele pronuncia de dentro para fora. Mas não acordamos no contato com o que se passa no fundo da alma de outrem; acordamos no contato com o que nele é natureza, mas não no contato com o que nele é anímico-espiritual, pelo menos na vida cotidiana comum.

É um terceiro acordar ou, pelo menos, um terceiro estado da vida anímica. Acordamos na

passagem do primeiro para o segundo estado, pelo chamado da natureza. Despertamos do segundo para o terceiro estado pelo chamado do anímico-espiritual, no contato com o outro homem. Mas temos, primeiro, de ouvir esse chamado. Assim como se acorda de forma correta para a vida terrena comum graças à natureza exterior, há um acordar em nível superior quando despertamos ao vivenciar o anímico-espiritual do nosso próximo; temos de sentir dentro de nós o anímico-espiritual do próximo da mesma forma como, no despertar comum, percebemos a luz e o som. Por mais belas que sejam as imagens que vemos no isolamento dos sonhos, por mais grandiosas que sejam as vivências que temos durante a consciência onírica isolada, certamente não teremos a capacidade compreendê-las a não ser em estados totalmente anormais. Essa relação com o mundo exterior, não a temos. Seja qual for a beleza das ideias recebidas da Antroposofia, dessa ciência do mundo espiritual, poderemos ter um conhecimento teórico de tudo que nos podem dizer sobre o corpo etérico, o corpo astral etc., mas não compreenderemos o mundo espiritual. Só começaremos a desenvolver a primeira compreensão do mundo espiritual quando acordarmos no contato do anímico-espiritual do nosso próximo. É só aí que começa a verdadeira compreensão da Antroposofia. Portanto, temos de partir para realmente entender a Antroposofia daquele estado que se pode chamar de “acordar do homem no contato com o anímico-espiritual do outro”.

A força para tal acordar pode ser produzida quando se implanta em uma comunidade de pessoas o idealismo espiritual. Costuma-se falar muito em idealismo, mas em nossa civilização atual esse veio a ser bem escasso, pois o verdadeiro idealismo só existe quando o homem pode estar consciente do seguinte: assim como traz o mundo espiritual à Terra através das formas do culto, ele pode elevar ao espiritual suprassensível algo que viu, vivenciou e compreendeu na Terra, fazendo disso um ideal. Elevamo-nos com nossa vida anímica ao suprassensível quando vivenciamos de maneira ideal e espiritual o que encontramos no mundo físico; quando conseguimos ter a sensação de que o que percebemos no mundo dos sentidos adquire vida, de repente, ao fazermos dele um ideal. Torna-se vivo quando o permeamos com os nossos sentimentos e com o impulso da nossa vontade. Quando irradiamos nossa vontade ao nosso interior, a ele dirigindo o nosso entusiasmo, percorremos com essa experiência sensorial idealizada o caminho oposto àquele pelo qual o suprassensível fica incorporado à forma do culto.

Resumindo, podemos dizer que no culto religioso o pastor busca as energias espirituais no mundo espiritual e as traz para a sua comunidade em um movimento de cima para baixo. Na comunidade antroposófica, os membros reunidos buscam o seu despertar em um nível mais elevado através do despertar no anímico espiritual do outro e na elevação conjunta de um ideal para o mundo espiritual. Isso resulta em um movimento de energias espirituais de baixo para cima. Rudolf Steiner também fala em culto invertido.

Na palestra do dia seguinte, também em Stuttgart, Rudolf Steiner olha novamente para este culto invertido, iluminando-o de um ponto de vista diferente:

O elemento fraterno, como atmosfera moral em sociedades espirituais é condição preliminar para a obtenção de conhecimento espiritual. Quem conhece o assunto sabe que, justamente nessas sociedades espirituais, se briga mais do que em qualquer outra. Conflitos, separações, divisão em subgrupos etc., é um fenômeno curioso. A Antroposofia nos dá a possibilidade de compreender esses fenômenos. Na minha palestra anterior encontramos três degraus de despertar.

O homem que se encontra no sono profundo ou no sono com sonhos vivencia imagens que considera serem realidades. As pessoas a sua volta não sabem nada a respeito dessas imagens do sonhador. Quando o sonhador acorda, ele entra em certa comunidade com as outras pessoas. O sonhador, em circunstâncias normais, sabe diferenciar as imagens e vivências que ele teve durante os sonhos das impressões sensoriais que ele divide com as outras pessoas.

Agora vamos supor que na comunicação com as outras pessoas o sonhador, devido a uma patologia, misture as suas vivências oníricas com a realidade do mundo físico sensorial. No lugar de pensamentos claros ele apresenta imagens oníricas que considera serem realidades. Ele não entende os outros e os outros também não o entendem. Podemos, então, concluir: no momento em que a consciência de um degrau

inferior é introduzida em uma consciência de nível mais elevado, o portador da consciência inferior torna-se necessariamente um crasso egoísta. O desentendimento e a separação são inevitáveis.

Agora vamos levar tal exemplo para o próximo degrau de consciência que se encontra entre a consciência diária de vigília e a consciência após o despertar para o anímico espiritual do outro. Desperta-se para esse nível de consciência sem que isso fique claro imediatamente.

Naturalmente, há caminhos para se entrar nos mundos superiores, conforme vocês sabem pelo meu livro O conhecimento dos mundos superiores. Mas nos momentos em que se tem a felicidade de conviver com outras pessoas da forma indicada, pode surgir a capacidade de se compreender coisas que normalmente não se compreende, de perceber coisas que normalmente não se percebe. Aparece a oportunidade de se conviver com aquilo que um conhecedor do mundo espiritual designa por termos referentes a esse mundo espiritual. Aparece a possibilidade de se falar nos corpos físico, etérico, astral e no Eu. Aparece a possibilidade de se falar em vidas repetidas, em relações cármicas dessas vidas repetidas.

Agora há a possibilidade de se introduzir nesse ambiente espiritual criado o estado de alma do mundo profano. Isso corresponde ao exemplo anteriormente descrito, porém em um nível mais elevado. O portador da consciência profana torna-se naturalmente egoísta quando não se conscientiza: você não pode encarar o

que pertence ao mundo espiritual com a consciência que pertence ao mundo profano.

E quando diversas pessoas com a consciência profana se reúnem e não se elevam para o nível da compreensão anímica espiritual do outro, para ouvir a linguagem do mundo superior, há uma enorme possibilidade de entrarem em conflitos porque se tornam entre si naturalmente egoístas.

Há um remédio forte para isso não acontecer, mas esse remédio precisa ser desenvolvido antes de poder ser usado. O remédio é uma enorme e interiorizada tolerância que precisa ser conquistada pela autoeducação. Para as necessidades da vida comum, uma dose relativamente pequena é suficiente e muito se corrige simplesmente pelo contexto em que se vive. Mas em se tratando dessa consciência comum da vida corriqueira, quando duas pessoas conversam, não lhes importa realmente ouvir a outra. Quem tem experiência de vida sabe isso muito bem.

Hoje não se costuma mais escutar o outro; quando alguém diz a quarta parte de uma sentença, o outro logo começa a falar, pois não está interessado no que o outro diz, apenas em sua própria opinião.

Isso acontece no mundo físico, embora seja muito negativo. Mas não é possível no mundo espiritual. Aí a alma deve ser penetrada pela tolerância mais absoluta. Aí cada um deve educar-se para aceitar tranquilamente mesmo as coisas das quais diverge totalmente e isso não em uma atitude de arrogante paciência, mas em uma atitude que tolera objetivamente a

opinião ouvida como uma manifestação justificada do outro. Nos mundos superiores faz muito pouco sentido levantar objeções contra qualquer coisa. Quem tem experiência da realidade dos mundos superiores sabe que as ideias mais divergentes a respeito de um fato qualquer podem ser manifestadas por ele ou por outro. Só quando for capaz de acolher uma opinião frontalmente oposta de outra pessoa com a mesma tolerância – escutem bem! – que a sua, é que ela poderá adquirir estado anímico social necessário para vivenciar aquilo que se lhe revelar, em teoria, a partir dos mundos superiores. Esse fundamento moral é simplesmente necessário para que reine uma relação correta para com os mundos superiores. As brigas em sociedade, como as que caracterizei, têm por causa simplesmente uma situação na qual as pessoas, ao receberem a informação sensorial de que o homem tem, além do corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral, um eu etc., acolhem essa informação por ser sensacional, mas sem transformar sua alma da maneira necessária para vivenciar essa informação de forma diversa de como se vivencia na vida física uma mesa ou uma cadeira – que no mundo físico são vivenciadas de forma diferente da do sonho. Se as pessoas simplesmente transferem sua maneira anímica de ser para sua pretensa compreensão do ensinamento do mundo superior, isso só conduz, naturalmente, ao egoísmo e às brigas.

Compreende-se, pois, das peculiaridades dos mundos superiores, que brigas e discussões podem muito facilmente surgir em sociedades

que cultivam conteúdos espirituais. Daí a necessidade de educar-se para participar de tais sociedades, suportando o outro em um grau muito mais amplo do que se costuma fazer no mundo físico. Tornar-se antropósofo não significa apenas conhecer a Antroposofia como uma teoria; ser antropósofo requer, em certo sentido, uma metamorfose da alma. Mas é isso que certas pessoas não querem. Por isso nunca se compreendeu quando eu disse haver duas maneiras de alguém lidar com o meu livro Teosofia. A primeira consiste em lê-lo ou estudá-lo absorvendo-o com a disposição anímica comum e também julgando-o conforme essa disposição anímica. Aí o processo interior é, quanto à qualidade, igual para Teosofia ou para um livro de receitas culinárias. Não há diferença, quanto ao valor da vivência, entre a leitura desta Teosofia e a de um livro de receitas; só que, ao fazer isso, sonha-se de uma forma mais sutil durante a leitura da Teosofia. Ora, quando se sonha com mundos superiores, os impulsos desses mundos não produzem entre os homens maior unidade, maior tolerância; em vez da unidade, que também poderia ser uma dádiva dos mundos superiores, haverá discussões e lutas sem fim. Com tudo isso vocês têm condições para discussões e brigas justamente em sociedades que se baseiam em uma espécie de discernimento dos mundos espirituais.

Falar sobre altruísmo, gera imediatamente um apelo à moralidade dos ouvintes, despertando em alguns, de maneira subconsciente, dúvidas em forma de questões, como:

Quem é esse sujeito?
Com que autoridade ele(a) fala?
Que intenções ele(a) tem?
Qual é o currículo dele(a)?
De onde ele(a) extrai essas ideias?
O que está por trás?
A quem ele(a) está ligado? Etc.

Tal categoria de dúvidas em nosso pensar é relativamente consciente.

No nível do sentir, nossa consciência já é mais abafada e o ouvinte se defronta com reações como:

O que isso tem a ver comigo?
Posso concordar?
Como isso mexe com meus valores?
Isso me toca interiormente?
Sinto um calor na alma?
ou
Sinto antipatia por esse papo furado?
Sinto vontade de ridicularizar esse cara?

No nível do querer, a reação dos ouvintes pode ser de adesão ou de rejeição. Podemos observar uma divisão em dois grupos: os a favor e os contra.

Quero saber mais!
Sinto-me mobilizado.
Quero participar.
ou
Isso é impossível!
É uma utopia.
Esse sujeito é um maluco.
Talvez levantemos da cadeira e deixemos a sala.

Rudolf Steiner fala detalhadamente das origens inconscientes que geram as reações negativas descritas, que são:

- 1) Dúvidas quanto ao poder da luz do espírito no pensar, que podemos traduzir como orgulho intelectual.
- 2) Ódio à revelação do espírito no sentir, que se expressa como escárnio.
- 3) Medo de ser criador do espírito na vontade, que se expressa como atitude hostil.

Podemos verificar que falar sobre altruísmo é um desafio totalmente diferente de qualquer apresentação técnica ou científica que lida com coisas objetivas e palpáveis, que apela para o racional e é moralmente neutra.

Falando sobre altruísmo atingimos o ser humano inteiro em seu pensar, sentir, querer e em seu cerne, o eu. Isso exige de nós, como oradores ou mediadores, um grande senso de responsabilidade.

Precisamos ter consciência de que com o nosso trabalho conduzimos seres humanos para diante do limiar onde, em total liberdade, podem tomar a decisão de passar ou não pelo limiar. Com essa resposta interior, mais ou menos inconsciente, cada ouvinte constrói parte do seu carma futuro. Portanto, não estamos lidando com coisas, mas com o destino de indivíduos.

Quero encerrar retomando a meditação de Rudolf Steiner.

Espírito vitorioso.
Inflama a impotência
das almas receosas.
Queima o egoísmo,
Acenda a compaixão,
para que o altruísmo,
o fluxo de vida da humanidade,
possa imperar como fonte
de renascimento espiritual.

Para ampliar o estudo das comunidades modernas acrescento, no Anexo 3, no fim do livro, uma palestra de Rudolf Steiner “Preparando a sexta época”³⁷, já traduzida para o português.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Qual o preço que o ser humano atual tem de pagar pela liberdade recém-conquistada?
2. Qual é a diferença entre uma alma de grupo ou de comunidade velha e uma alma de grupo ou de comunidade moderna?
3. Quais são os aspectos sociais que devem caracterizar as comunidades modernas?
4. O que precisamos entender quando falamos de humanidade?
5. Segundo Rudolf Steiner:
 - a). O que deve ser entendido por primeiro e por segundo despertar do ser humano?
 - b). O que caracteriza o culto invertido?
 - c). Qual é o remédio que atua nas comunidades modernas para prevenir conflitos? Por quê?
 - d). Quais são as origens inconscientes das reações que advêm ao se falar de Altruísmo?
6. Qual é a Missão da Escola do Altruísmo?
7. Quais são os Valores Fundamentais que devem ancorar a Escola do Altruísmo no exercício de sua Missão?

37 GA 159, Düsseldorf, 15.6.1915

Segunda Parte

O que diferencia a primeira parte deste livro da segunda?

Na primeira parte, o grupo fundador da Escola do Altruísmo formou-se e começou a se consolidar como grupo. Seu processo de desenvolvimento podia acontecer em ambiente protegido e focado para as relações internas entre seus participantes e para os elevados objetivos de vida de cada um, que se relacionavam com os objetivos da Escola do Altruísmo. Tentamos entender o significado da Escola do Altruísmo e sua influência sobre a vida de todos nós como participantes. Tal processo foi abruptamente interrompido por dois acontecimentos.

O primeiro ocorreu quando um membro do grupo resolveu dar uma palestra pública falando sobre a Escola do Altruísmo e usando parte dos conteúdos de nossa palestra inaugural. O segundo deu-se com a entrada do site da Escola do Altruísmo no ar.³⁸ Em ambos os casos recebemos numerosas, intensas e surpreendentes reações positivas. As pessoas queriam saber mais e participar da escola. Tivemos de atender tais demandas. Isso mudou radicalmente o ambiente de convivência no grupo, pois, até esse ponto, cada membro do grupo era responsável pelo seu próprio processo de aprendizado e desenvolvimento individual. Até esse momento o grupo tinha uma qualidade de grupo de estudo e de encontro e, de um dia para o outro, fomos obrigados a assumir responsabilidades em conjunto pela Escola do Altruísmo. O grupo teve de dar um salto qualitativo para as exigências de um grupo de trabalho (ver a Quarta Palestra). Todo este processo corria abaixo de nosso nível de consciência e só se tornou visível quando

38 Consultar em <www.escoladoaltruismo.com>.

paramos para fazer uma retrospectiva de todo o processo vivenciado até aquele momento. Descobrimos, então, que há vários níveis de processos dos quais nem todos decorrem em nível consciente. Também percebemos o quanto evoluímos e nos conscientizamos das novas habilidades que deveríamos adquirir para sermos um grupo de trabalho realmente produtivo. Tiramos os olhos do umbigo e começamos a olhar para a realidade do mundo que enfrentaríamos.

A partir de tal momento começamos a distinguir a **estratégia interna**, que olha para o desenvolvimento do grupo, da **estratégia externa**, que olha para aquilo que queríamos fazer no mundo. Tivemos a sensação de que o mundo externo estava nos chamando de um modo fascinante. Dali em diante, tivemos de tomar o cuidado de não perder o equilíbrio entre a estratégia interna, árdua e difícil, a autoeducação e a transformação e a estratégia externa, que é sedutora, e a realização. As consequências dessa mudança se tornam externamente visíveis na próxima palestra.

Revisitando todas as palestras, observo que a primeira parte é predominantemente para treinamento individual. Sugere que cada um dos participantes escolha um exercício de meditação ou treinamento de algum novo hábito que pretende mudar. Os seis exercícios colaterais desenvolvem o chacra do coração e são imprescindíveis para conquistar as habilidades sociais e a sensibilidade para a percepção de fenômenos sociais invisíveis para a inteligência da cabeça. A inteligência da cabeça é o maior inimigo para abortar o esforço da Escola do Altruísmo. Ela entende tudo muito rapidamente e surfa de maneira abstrata sobre os conceitos apresentados e acha que já entendeu tudo, perdendo assim a chance de aprender a mergulhar em um próximo nível de consciência, necessária para a realização do altruísmo. Posso afirmar com alguma certeza que quem surfa nas palestras 1 a 6 terá pouca chance de contribuir com algo realmente importante para o novo mundo.

A Escola do Altruísmo não trabalha com grupos de terapia. Seu esforço consiste em criar e desenvolver comunidades de desenvolvimento espiritual, imprescindíveis para encontrarmos o rumo para o novo mundo.

Sétima palestra: Questões da estratégia

Quando começamos a refletir mais profundamente a respeito de uma estratégia externa e das atividades de formação da Escola do Altruísmo, vislumbramos uma estratégia já existente da qual não tínhamos consciência até aquele momento. Foi o grande *insight* que nos possibilitou avançar rapidamente para a definição da direção a ser seguida pelo grupo.

Aqui faz-se necessário introduzir um histórico resumido da elaboração dessa estratégia, que emergiu em nossa consciência.

Breve histórico

Essa estratégia, até então invisível, teve início em 1988 com a fundação da Adigo Consultores.

A Adigo, depois de alguns anos de existência e de trabalhos bem-sucedidos, deu início a um Programa de Formação de Consultores Internos com cinco módulos, originalmente dirigido às lideranças das empresas clientes da própria Adigo. Em seguida, começamos a aceitar outros interessados, em geral profissionais que trabalhavam e deveriam apoiar os processos de desenvolvimento organizacional das empresas onde trabalhavam e para as quais a Adigo dava consultoria. Nossa crença, como consultores, era de que em algum momento sairíamos da empresa e os processos de mudança instaurados deveriam ser autossustentados pela própria empresa. Posteriormente, consultores profissionais que aplicavam outras metodologias também passaram a se interessar pelo programa. Depois de algum tempo, surgiram perguntas desses participantes que sentiam que por trás dos conceitos e modelos apresentados por nós havia algo mais profundo. E é claro que existia! Para essas pessoas a Adigo desenvolveu um programa de Aprofundamento Antroposófico de oito módulos. Decorrido mais algum tempo, os ex-participantes desses módulos bateram na porta da Adigo expressando o desejo de trabalhar de

alguma forma com essa empresa, como consultores ou como parceiros.

Diante de tais pedidos, a Adigo decidiu criar o Instituto EcoSocial para acolher e treinar novos consultores, uma decisão difícil porque nem todos os sócios concordaram com esse novo passo, gerando uma discussão interna que durou mais de um ano. Tratava-se de uma situação muito complicada: de um lado, a Adigo tinha de rejeitar novos clientes por excesso de trabalho e, de outro, pessoas batiam em nossa porta querendo trabalhar conosco. Por fim, o Instituto EcoSocial nasceu e cresceu rapidamente, recebendo todos os modelos e conceitos apresentados pela Adigo para uma instituição que chegou a ter algo em torno de sessenta consultores. Por anos o Instituto EcoSocial foi o parceiro preferencial da Adigo nos trabalhos de treinamento e consultoria. Eram irmãos que falavam a mesma língua e tinham a mesma missão no mundo!

Em seguida, dentro do Instituto EcoSocial nasceu a ideia de um novo projeto, chamado Germinar, cujo foco era levar os conceitos da Adigo para um público que essa empresa e o Instituto EcoSocial não atendiam. Eram organizações do terceiro setor que nasciam na época em todo o país. Esse impulso teve um crescimento que superou todas as expectativas e, hoje, quando da edição deste livro, o Germinar já realizou mais de 240 turmas do Programa cedido pela Adigo e adaptado ao seu público.

Em 2012, Adigo dividiu-se em duas consultorias: Lumo e Adigo Desenvolvimento e cada grupo desenvolveu seu próprio programa de aprofundamento. Com o tempo, os outros grupos, EcoSocial e Germinar, também desenvolveram um programa de aprofundamento com base no original criado pela Adigo. Já a Formação Biográfica, outro impulso desenvolvido pela minha esposa Gudrun Burkhard, existe em cinco cidades: São Paulo, Juiz de Fora, Florianópolis, Cuiabá e Rio de Janeiro, cuja formação é desenvolvida em 14 módulos, sendo

a mais longa e aprofundada que temos até este momento.

Colocando todos esses impulsos em um quadro, obtemos a figura 10, que não tem a pretensão de ser completa. Há outras iniciativas com objetivos semelhantes como as aqui mencionadas, todas com um DNA comum por usarem os modelos inspirados por Bernard Lievegoed, fundador do Nederlands Pedagogisch Instituut, em Zeist, Holanda. A inspiração de Lievegoed vem da Antroposofia, criada por Rudolf Steiner.

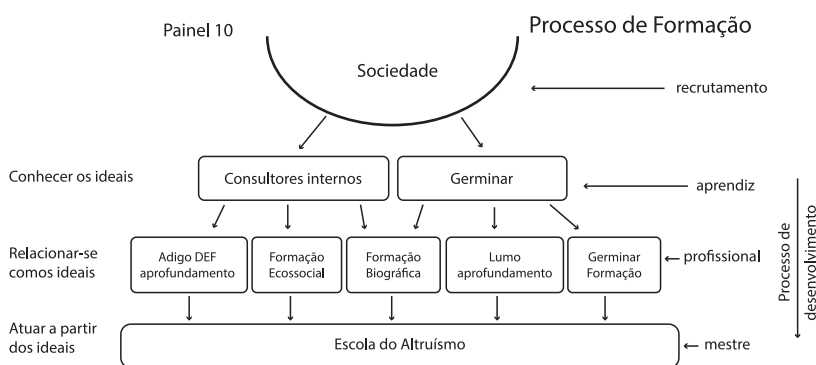


Figura 10

Nós não inventamos nada intencionalmente, tudo foi acontecendo e apenas hoje, olhando o que foi feito, pudemos perceber que atrás de tudo isso há uma estratégia maior em que tropeçamos a toda hora, mas que não tínhamos visto ainda.

Olhando para a figura acima verificamos o caminho que um aluno pode percorrer desde o primeiro contato com o Germinar, o Líder de si³⁹, ou a Formação de Consultores, onde toma conhecimento dos modelos inspirados pela Antroposofia, passando pelos seminários de aprofundamento, onde conhece a Antroposofia como um processo de interiorização,

39 Líder de si é um programa de autodesenvolvimento para o público em geral.

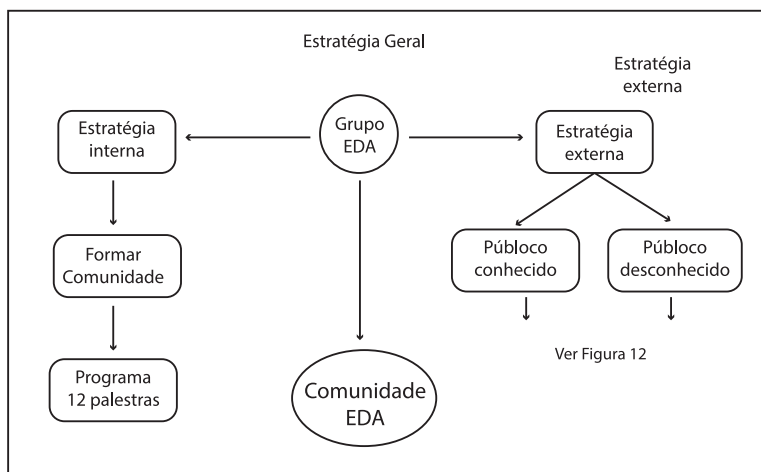
para, pela formação pela Escola do Altruísmo, tornar-se socialmente criativo, inspirado pela Antroposofia, transformando-se em um mestre.

A descrição de tal caminho não é uma utopia que podemos aceitar ou contestar. A descrição mostra a realidade de um processo já existente, construído ao longo de quase quarenta anos pela participação de todos os personagens envolvidos na Fundação da Escola de Altruísmo (EDA). O dono do processo deve ser Micael, o espírito guia da nossa época cultural.

Cabe a nós, como membros fundadores da Escola do Altruísmo, desenhar o terceiro passo que se conecta com o que já existe, para formar um conjunto coerente. Podemos abraçar a oportunidade que o destino nos oferece, superando as nossas questões menores, que são inevitáveis, para avançar na jornada que não será fácil, mas gratificante.

A figura 11, abaixo, mostra as diferentes estratégias necessárias para seguirmos adiante:

- A estratégia externa para um público desconhecido;
- A estratégia externa para um público conhecido; e
- A estratégia interna de formação da Escola do Altruísmo.

**Figura 11**

A figura 11 é autoexplicativa e abre o caminho para a próxima figura, a 12, que mostra as diferentes estratégias, bem como suas interdependências.

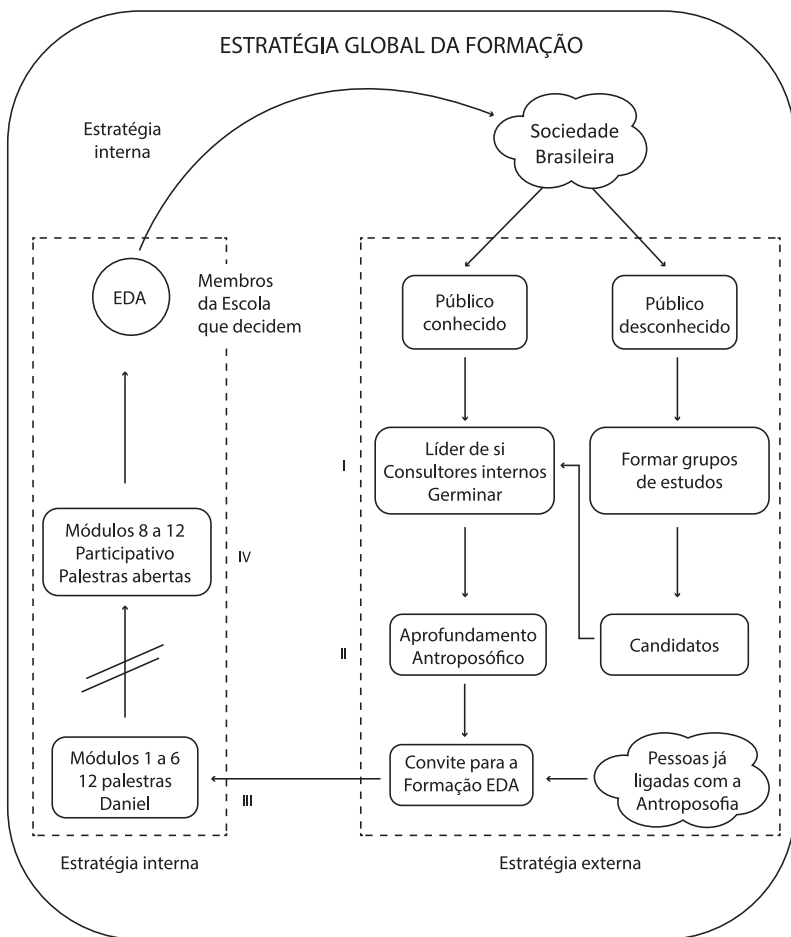


Figura 12

Os números romanos I a IV, na figura 12, representam os quatro níveis de formação que um aluno pode percorrer desde seu primeiro questionamento a respeito do sentido da vida que emerge em sua alma até uma formação completa, por meio da qual pode se tornar uma pessoa que tem respostas e que se tornou socialmente competente para atuar de maneira frutífera na construção de grupos e comunidades, fundamentados nas forças do altruísmo, germe para a próxima encarnação na Terra.

Em seguida, tentaremos descrever o processo de uma pessoa ainda desconhecida, mas que entrou em nosso radar. Portanto, partiremos da estratégia para o público desconhecido.

A estratégia externa para o público desconhecido recebeu seu impulso inicial com as palestras públicas proferidas pelos membros da Escola do Altruísmo, que respondem a convites de pessoas que já ouviram falar da Escola e se dispõem a organizar um evento onde moram. Denominaremos tais pessoas “*anfitriões*”, os quais, provavelmente, já têm algum conhecimento de Antroposofia e certa projeção em sua comunidade.

O **palestrante** convidado leva exemplares do livro *Nova consciência, altruísmo e liberdade*, para ser vendido no local. Cabe ao anfitrião convidar os compradores a formarem um grupo de estudo do livro. O anfitrião, ou uma pessoa indicada por ele, assume a responsabilidade pela formação e condução do grupo, usando o livro como fomentador de oportunidades para despertar as perguntas dos participantes. Caso não haja respostas no grupo, as perguntas deverão ser anotadas para serem respondidas pelo palestrante em sua próxima visita ao grupo, já essas visitas são periódicas. No site da Escola do Altruísmo há um Guia do Anfitrião, que pode ser acessado gratuitamente. O objetivo dessa estratégia é possibilitar ao público em geral uma orientação sobre os objetivos e o caráter da Escola do Altruísmo, podendo sair desses grupos de candidatos que queiram seguir uma formação, passando para a estratégia seguinte

A estratégia externa para o público conhecido abriga os níveis I e II dos cursos de formação oferecidos, conforme mostrado na figura 12. O aluno pode inscrever-se em um dos cursos do nível I, ou seja, Líder de si, Consultores In-

ternos, Projeto Germinar ou equivalente ficando, depois de sua conclusão, habilitado para conduzir profissionalmente grupos de trabalho. Pelos parâmetros da Escola do Altruísmo isso corresponde ao nível do aprendiz. Recentemente, a Lumo lançou um curso de especialização para consultores, com três módulos, altamente recomendado para quem quer seguir a profissão.

Concluído um desses cursos, o aluno pode passar para o nível II, de aprofundamento antropológico, em geral composto de oito módulos, quando irá conhecer leis espirituais do desenvolvimento e muitas características do ser humano. Tal aprofundamento aumenta sua segurança para trabalhar com grupos e pessoas. Ao concluir o curso, ele se habilita para atuar em projetos nos quais o fator da convivência humana é essencial. Pelos parâmetros da Escola do Altruísmo, isso corresponde ao nível do artesão.

A conclusão do aprofundamento com os oito módulos permite o próximo passo na estratégia interna da Escola do Altruísmo, correspondente aos níveis III e IV.

Estratégia interna de formação do grupo da Escola do Altruísmo.

Na figura 12 podemos verificar a existência de dois blocos de formação. O primeiro, correspondente ao nível III da estratégia global da formação, é composto pelo conteúdo das palestras 1 a 6, já apresentado neste livro; da sétima palestra, a atual; e das palestras 8 a 12, apresentadas a seguir.

As doze palestras abordam o processo de aquisição da competência social, que deve dar aos alunos a possibilidade de atuarem, de maneira conciliadora e orientadora, em situações complicadas ou conflitantes no dia a dia da convivência humana, em que o princípio do altruísmo poderá ser despertado. Elas irão se afirmar, seja no trabalho em grupos, seja em contextos organizacionais, na formação de comunidades

ou em movimentos maiores, como elementos de orientação, inspiração, ponderação e mediação.

Os grupos da Escola do Altruísmo devem evoluir gradativamente para comunidades de atuação espiritual. Só podemos levar para o mundo aquilo que experimentamos internamente, pois apenas assim nossas palavras têm força espiritual e serão ouvidas pelo mundo. Do contrário, apenas lançaremos palavras vazias ao vento. As doze palestras, constantes deste livro, que compõem o nível III, fazem um forte apelo para o participante seguir um caminho interior consistente e perseverante. A condução do processo de desenvolvimento do grupo encontra-se ainda sob a liderança dos responsáveis pelo respectivo módulo, mas essa liderança deverá ser reduzida, de 100% no primeiro módulo para um mínimo no sexto. Mais detalhes podem ser encontrados na palestra 12 deste livro, historicamente a última apresentada ao grupo.

Entre os níveis III e IV há um limiar onde cada participante precisa decidir se quer continuar com a formação e começar a assumir corresponsabilidade pelo programa de formação. Aceitando a corresponsabilidade pelo processo de formação de seu grupo, ele automaticamente se torna corresponsável pelos caminhos e pelo destino da Escola do Altruísmo como um todo.

No nível IV, os módulos 8 a 12 devem continuar com o processo de desenvolvimento do próprio grupo rumo a uma comunidade espiritual. Ao mesmo tempo, cuidará da estratégia de expansão da Escola do Altruísmo. Para ser coerente com a proposta de dar aos alunos uma participação cada vez mais acentuada nas decisões sobre conteúdos e forma de cada módulo, não devemos planejar esses módulos sem a participação dos alunos.

Os alunos que concluem os doze módulos do nível IV entram no círculo EDA, onde se tornam membros efetivos e participam da tomada das decisões estratégicas da Escola e

do qual saem os fundadores para novas Escolas do Altruísmo autônomas.

Planejar qualquer coisa além desse ponto me parece tempo perdido, porque até lá teremos ajudado a desenvolver tantas mentes com consciência avançada e com vontades e impulsos próprios, em situações diferentes, que só então nos caberá entregar a nossa estratégia de volta para Micael, para que ele queira iluminar a cabeça e inspirar o coração dos responsáveis pelas Escolas do Altruísmo.

Com isso, criamos uma visão estratégica sobre passado, presente e futuro da Escola do Altruísmo e podemos nos voltar novamente para as palestras ainda faltantes e completar os conteúdos do nível III, compostos das palestras 8 a 12.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. O que diferencia a primeira da segunda parte deste livro?
2. Quais foram os impulsos seminais da Escola de Altruísmo (EDA)?
3. Qual é o foco das 12 palestras ou da Escola do Altruísmo?
4. Qual é o caminho pelo qual os interessados podem chegar à Escola do Altruísmo?
5. Quais são as estratégias básicas e os respectivos conteúdos para angariar participantes da Escola do Altruísmo?
6. De que maneira os grupos da Escola do Altruísmo poderão evoluir para comunidades de atuação espiritual?

Oitava palestra: Compreensão social, Liberdade no pensar e Reconhecimento espiritual

Em uma das últimas reuniões da Escola do Altruísmo definimos o que em nosso entendimento é a missão da Escola do Altruísmo:

“Cultivar encontros humanos para formar comunidades modernas rumo à trimembração do organismo social.”⁴⁰

Tal missão deve ser sustentada por uma pedra angular formada por cinco vértices, em cujo centro está o **AMOR** como fonte irradiadora de ações que impulsionam os espíritos da liberdade, da inclusão, da confiança, da responsabilidade e da doação (Figura 13).

40 Ver Anexo 4: A Escola do Altruísmo e a Trimembração do Organismo Social.

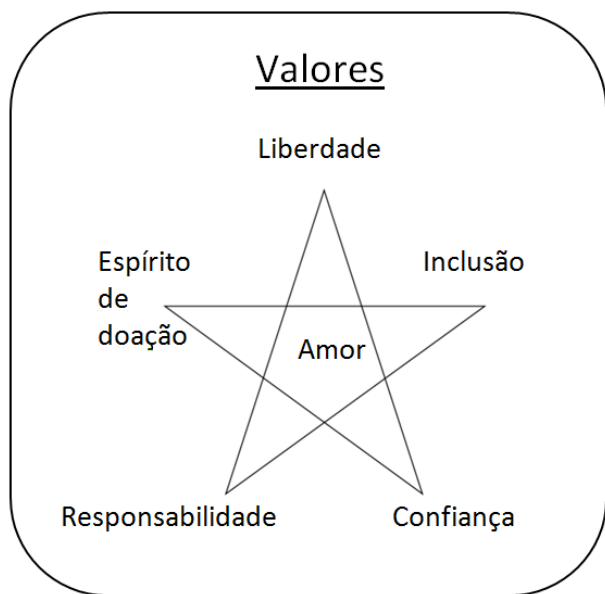


Figura 13

A figura 13 sintetiza este conceito: **altruísmo é amor em ação!**

As sete colunas de sustentação da EDA

1. Atividade Central da EDA: Formação (aprender ensinando).
2. Área de atuação: o social (“Onde dois ou três se reúnem em meu nome estarei com eles.”)
3. O trabalho da EDA é doação.
4. A inspiração da EDA é a Antroposofia.
5. O Método de Formação é a Andragogia (educação de adultos).
6. A Educação permanente (aprender a vida inteira).
7. A abrangência é a humanidade (pensar globalmente e atuar localmente)

Estratégia para o futuro

Para podermos construir uma estratégia para o futuro, que coloque a missão da Escola do Altruísmo no mundo, precisamos ter um objetivo claro a ser alcançado. Minha ideia para esse objetivo é:

Vemos a existência de centenas de grupos de encontro, de pessoas adultas de todos os níveis culturais e sociais, que trabalham conforme um programa desenvolvido pela Escola do Altruísmo, que se apoiam mutuamente em seu processo de autodesenvolvimento, rumo à realização dos três grandes ideais, indicados por Rudolf Steiner para a Alma da Consciência, sempre sob a bandeira do altruísmo.

Esses três objetivos ideais são:

- Compreensão social;
- Liberdade no pensamento; e
- Reconhecimento espiritual.

Como as necessidades anímicas dos tempos atuais podem ser sanadas?

Este é o título de uma palestra que Rudolf Steiner proferiu em Zurique, em 10.10.1916 e que pode ser encontrada na GA 168.

Usei as ideias dessa palestra para escrever o que segue abaixo, incluindo alguns trechos traduzidos. No entanto, antes quero expor alguns pensamentos introdutórios para criar o contexto no qual a palestra deve ser entendida. E o faço, na expectativa de que esses conteúdos sirvam de fundamento para o plano de formação dos alunos da Escola do Altruísmo em harmonia com a palestra Formação 7 – Estratégia.

Segundo Steiner, a quinta época cultural pós-atlântica (1413 a 3573 d.C.) deve desenvolver a Alma da Consciência da humanidade. A Alma da Consciência já festeja grandes conquistas, sobretudo em todos os campos das ciências físicas e naturais. Novas conquistas e descobertas exercem uma

profunda influência sobre a vida das pessoas, promovendo conforto e progresso material. As máquinas substituem o trabalho humano e as perspectivas no campo tecnológico são grandiosas.

Outro aspecto da Alma da Consciência não menos importante é a democratização das informações. Até o início do desenvolvimento da Alma da Consciência, na Idade Média, o domínio da informação era privilégio de poucas pessoas no topo da pirâmide social e religiosa. Com o advento da impressão mecanizada de livros, iniciou-se a democratização da informação que culminou com o acesso de todos à internet. Tecnicamente vivemos tempos gloriosos.

Outra consequência do desenvolvimento da Alma da Consciência é o que Carl Gustav Jung denomina processo de individuação: o indivíduo conquista cada vez mais a consciência de si mesmo, separando-se de seu ambiente externo. Eu em mim e o mundo lá fora. Esse fenômeno tem como consequência natural um isolamento cada vez maior do indivíduo e um egoísmo cada vez mais intenso.

Segundo Rudolf Steiner, a alma de grupo que ainda pairava sobre a quarta época pós-atlântica, a greco-romana, não tem mais sentido na quinta época pós-atlântica. Em seu lugar devem emergir novas competências do ser humano capazes de desenvolver a Alma da Consciência. São elas:

- Compreensão social;
- Liberdade de pensamento; e
- Reconhecimento espiritual.

Sem conquistar essas três competências, a Alma da Consciência não terá chance de se desenvolver de modo adequado. Tais competências, que Rudolf Steiner denomina ideais, devem ser desenvolvidas individualmente por todos os seres humanos, a partir de 1413 até 3573.

O que significa compreensão social?

Compreensão social significa adquirir um conhecimento mais profundo da natureza humana. Isso é Antropologia prática. Esse conhecimento é desenvolvido pela Antroposofia, quando passa do abstrato para o concreto, para a vida cotidiana, permitindo acesso a vários conceitos, como:

- os diferentes temperamentos
- as várias constituições
- as sete qualidades anímicas
- as diferentes fases da vida
- os doze tipos de personalidades
- a biografia noturna (pós morte)
- carma e reencarnação etc.

Cada pessoa precisa ser abordada conforme o seu perfil desde o início de sua educação. Um temperamento colérico precisa ser abordado de maneira totalmente distinta de um temperamento melancólico, por exemplo. A psicologia prática, aplicada à convivência cotidiana, deve integrar nossa cultura e precisa ser aprendida por todos os indivíduos que devem, nesta época, desenvolver a Alma da Consciência.

Atualmente, julgamos as pessoas pela nossa simpatia ou antipatia. Simpatia e antipatia são resultados de um pré-julgamento. Achamos que uma pessoa deveria corresponder aos nossos critérios e quando isso não acontece, ela nos é antipática. Enquanto não aceitarmos uma pessoa tal como é, não há a chance para uma avaliação objetiva do outro. A simpatia e a antipatia são os maiores inimigos de uma verdadeira compreensão social, porque impossibilitam o desenvolvimento da Alma da Consciência.

O que significa liberdade de pensamento?

A segunda qualidade que a Alma da Consciência precisa conquistar é a liberdade de pensamento para a vida religiosa. Na quarta época pós-atlântica, a convivência humana ainda se fundamentava em almas de grupo e, por isso, as religiões eram necessariamente religiões de grupo; mas, pelo fato de o processo de individuação ser cada vez mais intenso, as religiões de grupo não conseguem mais corresponder às necessidades religiosas da alma individualizada.

Na quarta época pós-atlântica, a humanidade ainda precisava ser instruída pelo cristianismo em grupo, mas na época atual o Cristo já se instalou em cada alma humana individual. Já carregamos o Cristo dentro de nós de maneira subconsciente ou inconsciente e precisamos trazê-lo para a consciência. Isso não pode mais acontecer através da obediência a dogmas ou a regras ou a autoridades religiosas. Nos tempos atuais precisamos desenvolver a tolerância em relação aos pensamentos religiosos alheios e nos livrar de qualquer dogma ou confissão de fé.

Fazemos bem quando para a quinta época pós-atlântica usamos uma forma objetiva de transmitir conteúdos relacionados à questão religiosa, como no exemplo a seguir.

- Nos primeiros séculos do cristianismo, o modo como esse era explicado era adequado para as pessoas daquela época.
- Nos séculos seguintes, outra forma de explicá-lo era adequada.
- Mas havia outras religiões.
- Tenta-se comparar as várias religiões e tenta-se compará-las com o cristianismo, por exemplo.

Com esta abordagem objetiva promovemos a possibilidade de cada alma conseguir aprofundar, com plena liberdade, suas respostas para as suas próprias questões religiosas. Promovemos, assim, a liberdade do pensamento e não a doutrinação das outras almas e podemos trabalhar com as outras pessoas independentemente da religião de cada uma delas.

A partir da liberdade de pensamento para a questão religiosa, a Alma da Consciência tem condições de expandir a liberdade do pensamento para todas as outras áreas da vida.

Cada um precisa percorrer esse caminho individualmente para tornar sua Alma da Consciência uma realidade. E essa é uma jornada cheia de obstáculos, pois forças contrárias ao desenvolvimento da humanidade lutam com todos os meios disponíveis para evitar a conquista da liberdade de pensamento. Pelo fato de essa liberdade ser uma conquista individual, enormes problemas emergem e as dificuldades aumentam por essa clareza de consciência ser uma necessidade global para o desenvolvimento da Alma da Consciência, o que, para muitos, será vivenciado como algo desconfortável que preferem evitar. Em outras palavras: a necessidade é global e a solução depende de cada um.

Um dos obstáculos mais fortes à liberdade de pensamento é a submissão do homem comum à autoridade dos especialistas, o que gera nele uma impotência para elaborar um julgamento próprio. Na quarta época pós-atlântica, a razão, o bom senso do indivíduo, era um dom tão natural quanto ter dois braços. Na época atual, essa razão, ou bom senso, precisa ser adquirido com esforço e ser retirado de um nível mais profundo da alma, processo que tem como entrave a crença na autoridade.

Nossa vida é conduzida pela crença nas autoridades das mais diferentes naturezas. No campo da medicina, da jurisprudência e em todas as outras áreas da vida as pessoas se declaram incompetentes para fazer um julgamento próprio e aceitam passivamente o que os especialistas afirmam, impossibilitando, assim, o desenvolvimento da liberdade do pensamento e da Alma da Consciência, em um processo de terceirização de seu livre-arbítrio.

Com toda a razão as pessoas podem argumentar: “Não podemos aprender tudo que vem do contexto da autoridade. Não podemos saber o que os médicos ou os juristas ou outros especialistas sabem. Como vamos julgar o trabalho deles?” É verdade, não podemos aprender tudo, mas devemos pensar que não precisamos ser criativos nos campos dos especialistas; precisamos apenas nos tornar competentes para, com bom senso, avaliar o trabalho deles e ponderar as nossas decisões sobre aquilo que fizer sentido. Não adquirimos essa competência com os mesmos conhecimentos que eles têm, mas pela terceira competência, o reconhecimento espiritual.

O que significa o reconhecimento espiritual?

Através do reconhecimento espiritual captamos as amplas correlações existentes entre os diferentes aspectos da vida em um nível mais profundo. A ciência espiritual precisa tornar-se o referencial central desse reconhecimento, pois ela não revela apenas as correlações entre os processos de desenvolvimento do homem, da humanidade e do mundo. Ela produz pensamentos baseados no bom senso, que não permite que sejamos uma autoridade nos vários assuntos apresentados pelos especialistas, mas permite que sejamos capazes de avaliar os resultados do trabalho que as autoridades nos apresentam, ao inseri-los em um contexto mais amplo e mais profundo da vida. A ciência espiritual, ou a Antroposofia, quando praticada de maneira correta, transforma a nossa compreensão do mundo de tal forma que nos tornamos competentes para o julgamento do trabalho que as autoridades, das mais diversas áreas específicas, nos apresentam.

Atualmente, as pessoas conseguem entender o que significa compreensão social e o que é liberdade no pensamento, mas ainda há dificuldade para entender a necessidade do reconhecimento espiritual. A maioria das pessoas ainda não descobriu que a perda da ligação com o mundo espiritual é a

causa do advento do materialismo e da conseqüente incompreensão social.

Sem reconhecimento espiritual não há possibilidade de realizarmos os outros dois ideais necessários já descritos: compreensão social e liberdade de pensamento. E apenas esses três ideais juntos possibilitarão o desenvolvimento sadio da alma da consciência e a competência necessária para o leigo conseguir avaliar o trabalho das autoridades nas diferentes áreas de especialização, com um bom senso que ultrapassa a consciência comum.

Há um mistério que Rudolf Steiner explica de uma forma imaginativa. Ouvimos na Antroposofia que o mundo espiritual é povoado por seres elementares que nos circundam constantemente, bem como ouvimos falar de seres hierárquicos, Anjos, Arcanjos etc. O mundo se povoa para nós com conteúdos espirituais concretos, com forças e entidades espirituais.

Na época greco-romana, época do desenvolvimento da Alma da Razão e da Índole, essas entidades não faziam muita questão que os humanos soubessem de sua existência. Porém isso mudou radicalmente na época do desenvolvimento da Alma da Consciência. Atualmente, nosso desconhecimento da existência das hierarquias causa nelas uma angústia, pois sentem falta do alimento espiritual que só nós podemos gerar!

O que aconteceu para provocar essa mudança radical?

Com o Mistério do Gólgota, o Cristo entrou na esfera terrestre e desde aquele evento está no âmbito da terra e podemos considerar esse fato uma felicidade para a vida terrestre. Mas, do ponto de vista dos Anjos, a vivência na esfera espiritual é o oposto. O Cristo partiu. E Steiner reforça: “Esse ponto de vista não é uma invenção minha, mas o resultado concreto de minha pesquisa espiritual.”

A partida do Cristo da esfera dos Anjos causa-lhes grande tristeza e falta de alimento espiritual. Para os Anjos existe apenas uma salvação e essa depende de os seres humanos en-

carnados em seus corpos físicos na terra carregarem o Cristo em seu coração, com o pensamento dirigido aos Anjos. Desde o acontecimento do Gólgota esses pensamentos irradiam da terra para a esfera dos Anjos em forma de luz.

Os seres humanos na terra dizem: O Cristo entrou em nós e podemos nos desenvolver para que Ele viva em nós. “Não eu, mas o Cristo em mim”, dizia o apóstolo Paulo.⁴¹

Os Anjos dizem: O Cristo partiu de nós e brilha para cima como estrelas a partir de cada ser humano que O carrega em si.

Há uma real conexão entre o mundo espiritual e o mundo humano e as entidades espirituais olham com benevolência e satisfação para os pensamentos que temos sobre elas, mas elas só podem nos ajudar à medida que formamos pensamentos a seu respeito. Mesmo sem termos ainda capacidade de enxergá-las, elas podem nos ajudar conforme sabemos delas. Ao estudar ciência espiritual, ajudamos a partir do mundo espiritual.

Não são apenas as coisas, que aprendemos no mundo físico, que promovem o nosso conhecimento, mas também as entidades espirituais que nos auxiliam a formar um julgamento correto perante as afirmações e os atos das autoridades. O mundo espiritual nos ajuda; precisamos dele; precisamos saber dele. Esse é o terceiro desafio que a Alma da Consciência tem de vencer para seu correto desenvolvimento.

41 Epístola aos Gálatas, capítulo 2, versículo 20: “Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim.”

**Compreensão social do ser humano,
Liberdade de pensamento e
Conhecimento vivo da existência do mundo espiritual.**

Esses são os três grandes objetivos para o desenvolvimento da Alma da Consciência na quinta época pós-atlântica e, segundo Rudolf Steiner, são os três grandes ideais para o altruísmo evoluir.

A Escola do Altruísmo pode contribuir para a realização desses ideais por meio de três projetos bem definidos e ancorados nestes princípios:

Serem escaláveis, replicáveis e transferíveis.

Esses projetos consistem em:

1. Formação de grupos, cujos participantes trabalham sobre suas histórias de vida, onde também conhecem histórias de grandes personalidades,⁴² desenvolvendo com isso novas competências sociais e *insights* elevados para o aprendizado individual e coletivo a partir da vivência do que há de mais espiritual na jornada humana na terra, que é a nossa biografia individual; pois, ao ouvirmos uma biografia, estamos seguindo o rastro de uma individualidade única no mundo. Sem julgamentos internos, tão somente ouvindo, entramos no fluxo do destino, que marca os caminhos de vida do herói e, certamente, não podemos deixar de admirar a grandeza da jornada e venerar a coragem com a qual ele tenta lidar com os desafios de sua vida, o que tem uma importância didática no despertar para o altruísmo imenso.
2. Implementação de programas de treinamento que habilitem pessoas identificadas com a causa do altruísmo,

42 Atualmente, já há no contexto antroposófico know-how sobre o assunto, disponível em livros, eventos e cursos de formação.

no contexto apresentado no meu livro anterior e neste, a trabalhar de forma objetiva com indivíduos e grupos sintonizados com a causa da Escola do Altruísmo.⁴³

3. Conhecimento e prática de diferentes caminhos para a educação permanente individual ou caminho do desenvolvimento espiritual, conforme esboçados na quinta palestra deste livro.

Com esses três projetos atenderemos à realização dos três ideais necessários para desenvolver uma andragogia que possibilite ou facilite o desenvolvimento da Alma da Consciência “altruísta” que tem a capacidade de ponderar e equilibrar os impulsos espirituais com as necessidades fisiológicas individuais.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Qual é a pedra angular e quais são as sete colunas de sustentação da Escola de Altruísmo?
2. Por que a base pedagógica da Escola de Altruísmo é arte?
3. O que significa compreensão social?
4. O que significa liberdade de pensamento?
6. Qual é o principal obstáculo à liberdade de pensamento?
7. O que significa reconhecimento espiritual?
8. Quais são as três ideias para o altruísmo evoluir?
9. Quais são as três estratégias ou critérios básicos definidos pela Escola do Altruísmo para que o altruísmo possa ser disseminado e ampliado no mundo?

43 Esses conceitos e metodologias, originalmente desenvolvidos pelo NPI (Nederlands Pedagogisch Instituut), da Holanda, no século passado, foram transformados e adaptados a novas necessidades pela Adigo e por outras iniciativas de natureza semelhante no Brasil e estão disponíveis em diversos programas, publicações e cursos de fácil acesso.

Nona palestra: A direção a seguir

Na palestra anterior conhecemos os três ideais a serem realizados pela Alma da Consciência, conforme descritos por Rudolf Steiner:

- Compreensão social
- Liberdade no pensar
- Reconhecimento espiritual

Depois do aprofundamento do estudo desses três valores e com os olhos voltados à missão da Escola do Altruísmo, chegamos a esta conclusão:

- Os três valores se complementam mutuamente e são interdependentes; e
- Os três valores devem crescer de maneira equivalente.

Essa conclusão é representada na figura 14 .

Plano global de Formação

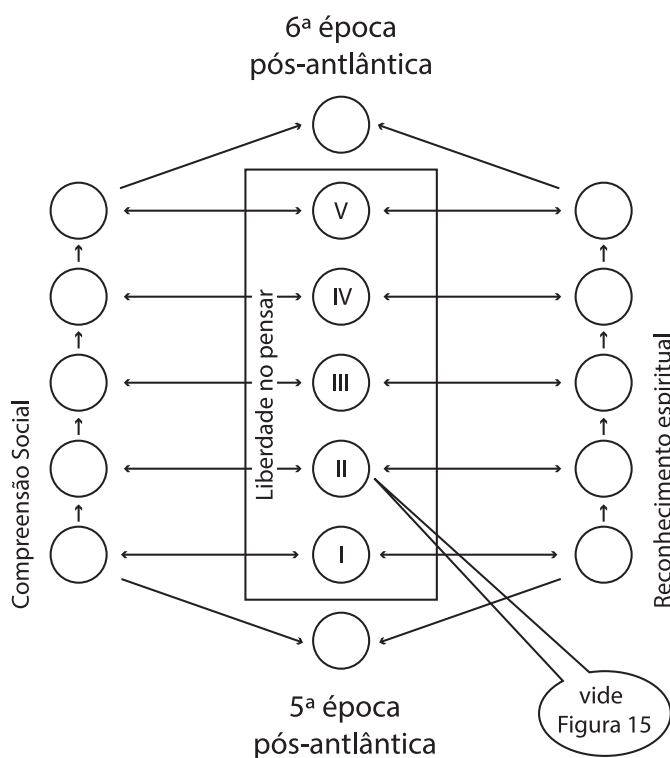


Figura 14

Podemos imaginar dois dos valores, **compreensão social**, que procura uma compreensão mais profunda do ser humano, e **reconhecimento espiritual**, que se ocupa das hierarquias espirituais e do significado do Cristo, como duas colunas (ou fileiras de colunas) que sustentam o telhado da nossa Catedral. Sob o telhado desenvolvemos, de maneira protegida, o terceiro valor, a **liberdade do pensamento**, que é a capacidade fundamental para a realização da liberdade na vida cultural espiritual da sociedade trimembrada. As duas colunas devem irradiar energia para o processo que deve acontecer no meio.

O telhado sobe de maneira gradativa do nível “I” para o nível “V”, à medida que a liberdade do nosso pensamento vai evoluindo para compreender realidades cada vez mais elevadas.

Na mesma medida em que o telhado precisa subir, as colunas precisam se esticar para continuar exercendo sua função de sustentar o telhado. Se as duas colunas crescerem de maneira desigual, o equilíbrio da construção inteira fica comprometido, de modo que a catedral pode ruir.

Antes de lançar luz para o conteúdo que se encontra na caixa retangular indicado pelas cinco fases do processo (I a V), quero reproduzir o trecho de uma palestra de Rudolf Steiner a fim de criar o contexto necessário para fortalecer a compreensão do nosso plano de formação:

“Vai chegar o tempo quando a imaginação dos indivíduos será tão intensa, que eles, em uma vida espiritual, ordenada e controlada pelo Estado ou pelos aspectos econômicos, se sentirão algemados a uma trilha que lhes permite caminhar em apenas uma única direção. As pessoas que desenvolverão tais imaginação se sentirão algemadas a um sistema educacional atrelado ao Estado e à economia, o que hoje é visto como natural. As forças da evolução falam uma linguagem clara nesse sentido. A continuidade das atuais condições está causando crescente discrepância entre o que as almas humanas, graças a sua configuração anímica, almejam como liberdade e o que encontram quando toda a educação está presa aos ditames do Estado.

O fato dos alunos, nas associações estudantis, afastarem os educadores da posição de liderança, elegendo líderes de suas próprias fileiras, pode parecer uma caricatura, mas é um impul-

so para superar o que vem do passado, que não deve ser desprezado. São os primeiros raios que surgem no horizonte, anunciando um novo tempo. Os homens exigirão com intensidade cada vez maior a liberdade na vida espiritual.

Por quê?

Porque na quinta época pós-atlântica nos aproximamos de um fenômeno suprassensível, no qual as hierarquias superiores, chamadas Anjos, se aproximam cada vez mais da terra, conectando-se em comunidade com os homens. A comunhão dos mundos superiores com o mundo físico será cada vez mais intensa. Os homens não receberão mais apenas a chuva das nuvens, mas deverão aprender a receber a imaginação vinda de regiões superiores, a partir dos Anjos que se mesclarão com as almas humanas.

A vida espiritual libertada das amarras do Estado possibilitará a absorção da influência proveniente do mundo suprassensível. A vida espiritual emancipada do Estado e da vida econômica não pode ser um programa externo a ser seguido, mas é algo relacionado aos impulsos das forças cósmicas evolutivas da humanidade que precisa ser aprendido. Assim, podemos afirmar que, ao reivindicar uma ordem social como é a trimembração do organismo social, não devemos pensar em um programa, mas em algo que é reivindicado pelas revelações do mundo espiritual, que falarão de um modo cada vez mais nítido para os homens e, ao mesmo tempo, advertirão como a humanidade deverá entrar em sua deterioração e em estados doentios, caso não queira ouvir as revelações

dos mundos superiores, que levarão à salvação e à cura da humanidade.

Assim como os Anjos, os Arcanjos aproximam-se da humanidade, o que trará ainda outros impulsos. Eles falarão de maneira mais baixa, na forma de suaves inspirações, as quais fundamentarão no futuro a substância interior dos Estados futuros que terão expelido de si, de um lado, a vida espiritual-cultural e, de outro, a vida econômica, formando verdadeiros Estados de direito.

Os Estados foram criados na terceira época pós-atlântica, na época egípcio-caldaica, eram Estados teocráticos, assim como o Estado hebreu. Essas teocracias desapareceram, mas novas teocracias deverão surgir na terra. Na futura vida jurídica deverá ser sentido o domínio dos Arcanjos. Já falamos que a vida jurídica é a mais terrena, com a ausência de aspectos espirituais. Mas a liderança dessa vida jurídica, assim como ela vive na terra, deve ser mesclada com os Arcanjos que se aproximam dos homens.

E os Arqueus tornar-se-ão portadores e administradores dos circuitos econômicos dos homens e agirão cada vez mais na vida econômica, quando essa realmente for organizada. Será uma vida associativa. A partir de meados do século XV, os homens se acostumaram a concentrar sua atenção na produção de bens e no acúmulo de bens em proveito próprio. Faz-se necessária uma inversão. No futuro, quando o circuito econômico tiver alcançado sua autonomia, o foco da atenção será dirigido para a distribuição do consumo entre os homens. Formar-se-ão asso-

ciações que regularão a produção de acordo com as necessidades do consumo. Nos tempos atuais, quando se inicia uma tímida tentativa nesse sentido, essa é mal compreendida e logo desaparece.

Dessa maneira vem ao nosso encontro, a partir do futuro:

A necessidade de uma vida espiritual autônoma, por meio da qual os Anjos terão a possibilidade de se aproximar dos homens.

Em segundo lugar a necessidade de uma vida jurídica de Estado autônoma, pela qual os Arcanjos possam aproximar-se dos homens.

Em terceiro, a necessidade de uma vida econômica autônoma, pela qual os Arqueus possam aproximar-se dos homens.

É dessa maneira que as forças da evolução se aproximarão e envolverão os homens.

De modo mais rápido precisamos avançar na conquista da autonomia da vida espiritual-cultural, porque isso precisa ser conquistado durante o desenvolvimento da Alma da Consciência, caso a humanidade não deseje sofrer uma grande desgraça.

No fim da sexta época pós-atlântica precisaremos ter alcançado a autonomia da vida jurídica com a criação de uma nova teocracia espiritual.

E, no fim da sétima época pós-atlântica, precisa haver uma vida econômica baseada em uma organização social, em que o indivíduo se sente infeliz se outros não estiverem tão felizes como ele próprio e se ele tiver de comprar a sua felicidade com o sofrimento de outros”.⁴⁴

44 O texto foi traduzido da GA 190, Dornach, 23.3.1919

“Apenas com a conclusão das três tarefas, o altruísmo na convivência humana, em nível global, será uma realidade. A humanidade inteira viverá como uma grande irmandade. Neste estágio da evolução a humanidade terá desenvolvido uma nova moralidade que possibilitará um novo passo em direção à espiritualização da terra”⁴⁵.

Assim, portanto, podemos concluir que a liberdade na vida cultural, a igualdade na vida jurídica e a fraternidade na vida econômica são os grandes objetivos da evolução e o altruísmo é o veículo que nos conduz a esses objetivos. Com tudo isso em nossa consciência podemos concluir que o caminho para a realização da trimembração do organismo social não é uma teoria que pode ser implantada como um programa. Para que se torne realidade há um longo caminho a ser percorrido, o qual exige de nós um severo processo de autoeducação. Precisamos nos esforçar diariamente para nos tornarmos dignos de falar sobre assuntos tão sagrados.

O que fazemos na Escola do Altruísmo é desenhar e dar, na medida do possível, os passos concretos para o desenvolvimento da liberdade no pensar. Levando esses esforços para o campo social, buscamos as formas adequadas para a educação de adultos. Ao aprender lidar socialmente com essa liberdade do pensar prepararemos a sexta época pós-atlântica. Esse caminho pode ser trilhado por muitas pessoas durante gerações. Ao longo desse caminho há muitas oportunidades para os caminhantes poderem exercitar na realidade concreta o que venham a aprender na Escola do Altruísmo nas várias fases do processo.

Seja no estudo individual, na formação de grupos, em comunidades, seja em cooperativas e associações, todas essas situações podem significar oportunidades para treinarmos as

45 Dietrich Spitta comenta Rudolf Steiner em sua obra *Der Soziale Organismus als Mysterium* (O organismo social como mistério), Stuttgart: Freies Geistesleben, 2015.

competências sociais necessárias para podermos aprender e compreender a trimembração do organismo social de uma forma mais profunda e real do que é possível a partir da cátedra e com isso começaremos a **falar a partir** da trimembração do organismo social **e não sobre** a trimembração do organismo social.

O processo que percorremos até aqui nos permite estabelecer uma visão já mais acurada sobre a formatação de um processo de formação.

Agora já temos condições para fazermos a pergunta certa no momento certo.

De que modo podemos conquistar a liberdade do pensar, tornando-a frutífera para o desenvolvimento social?

Sabemos que a liberdade do pensar gera o individualismo, que gera a tendência para o isolamento, que gera o egoísmo. Quais competências sociais precisamos desenvolver e ensinar para a liberdade do pensar se tornar mensageiro da cura e não algoz?

Olhando para as palestras 1 a 8, apresentadas aqui, já podemos verificar que as respostas a essa pergunta foram trabalhadas na direção certa, faltando apenas a sintonia fina, que deverá ocorrer nos módulos 7 a 12, com cada grupo de alunos.

Voltando para a figura 14, na página 112, podemos agora lançar luz sobre o conteúdo que se encontra no retângulo na forma de cinco fases (I a V). Tal conteúdo pode ser visto na figura 15. Ele tem início com exercícios individuais e, conforme os alunos vão progredindo, passam para dimensões sociais cada vez mais amplas e complexas até chegar finalmente ao estágio mais complexo, que é a trimembração do organismo social, cujo resumo se encontra no Anexo 4.

Como já vimos, a Escola do Altruísmo lida com os fenômenos sociais. Os membros da escola têm a tarefa de lutar pela

conquista da liberdade do pensamento, que é fundamento da liberdade para a futura vida cultural-espiritual do organismo social da humanidade. A escola contribui a partir dos pontos de vista de sua atuação profissional no âmbito social. Isso é representado na figura 15 pela área dentro do retângulo com os níveis I a IV.

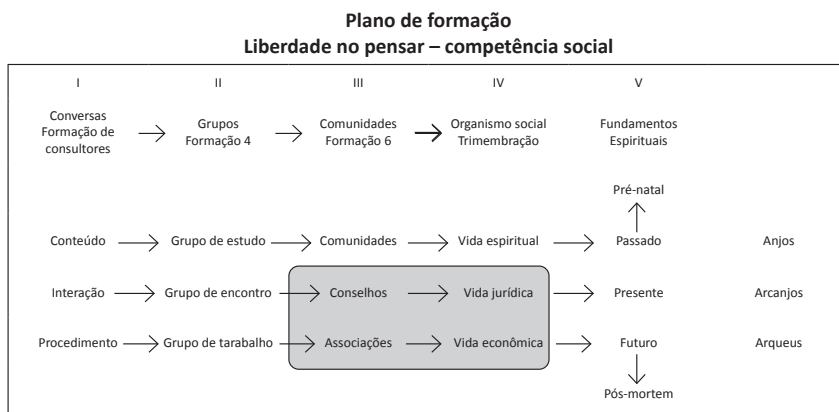


Figura 15

Fase I:

Aquisição ou atualização da caixa de ferramentas do aluno. Nesta fase os alunos devem conhecer ou reciclar os seguintes instrumentos básicos para um facilitador:

- Conteúdo *versus* interação *versus* procedimento
- As fases do processo decisório
- Caminho da análise *versus* caminho da decisão
- O procedimento “U”
- Caminho da instrução *versus* caminho do descobrimento
- Decisões sociocráticas
- Negociação ganha *versus* ganha
- Solução de conflitos

- Comunicação não violenta⁴⁶
- A arte do diálogo⁴⁷

Para alguns alunos será em parte recapitulação, mas, provavelmente, mais na memória do que na destreza. Se houver alunos já capacitados, eles podem ensinar os colegas de turma no lugar do facilitador e sabemos que a melhor forma de aprender é ensinando.

Fase II

Nesta fase enriquecemos a nossa caixa de ferramentas lidando com os diferentes tipos de grupos e comparando suas características, cuja descrição pode-se encontrar em minha palestra Formação 4: Grupos (ver p.66), que não esgota o assunto de grupos. Outro assunto relacionado ao tema grupos é o que trata das fases de desenvolvimento ou de amadurecimento de grupos.

Fase III

Aqui lidamos, em primeiro lugar, com a formação e os fenômenos de uma comunidade espiritual precursora e promotora da futura vida espiritual-cultural do organismo social trimembrado, a qual emana da descrição do grupo de ação espiritual descrito na quarta palestra: Formação de grupos (ver p. 66).

Ainda não terminamos esta palestra, porque estamos tateando em uma região com a qual há pouca experiência concreta. Mas, ao longo do caminhar com a nossa comunidade fundadora da Escola do Altruísmo, descobriremos muitos fe-

46 Ver o livro homônimo de Marshall B. Rosenberg. São Paulo: Ágora Editora, 2006.

47 Hartkemeyer, Johannes F. & Hartkemeyer, Martina. Die Kunst des Dialogs - Kreative Kommunikation entdecken. [A arte do diálogo] Stuttgart: Klett Cotta Verlag; 2005. Ver resumo no Anexo 2.

nômenos, forças e impulsos que nos capacitarão a escrever essa palestra com a necessária profundidade e praticidade.

Fase IV

Nesta fase lidamos com a compreensão e a preparação para a participação ativa dos mediadores da Escola do Altruísmo nas grandes estratégias da transformação das sociedades modernas. Mais adiante nos aprofundaremos nesse assunto aproveitando o que já foi elaborado por outras pessoas, mas gostaria de reproduzir um pequeno texto que ilumina várias questões pertinentes.

Rudolf Steiner diz, sobre a Lei Social Fundamental:

“Para a realização da Lei Social Fundamental dependemos de seres humanos que encontrem o caminho para sair do egoísmo, mas isso não é possível quando o grau de bem estar do indivíduo depende de seu trabalho. Quem trabalha para si próprio torna-se gradativamente presa do egoísmo. Só quem trabalha para os outros pode tornar-se gradativamente um trabalhador não egoísta, mas, para isso, é necessário que o indivíduo conheça a totalidade pela qual está trabalhando e sinta seu significado e seu valor. Essa totalidade precisa ter uma missão espiritual para a qual cada um queira contribuir com seu trabalho.

É tarefa desta época criar condições que permitam a cada indivíduo trabalhar para uma totalidade com a mais intensa motivação, o que só é possível através de uma visão de mundo espiritualizada. Nenhuma teoria econômica materialista tem condições de realizar um desafio desses, pois essa só poderá reforçar o egoísmo. A única forma viável é uma visão de mundo espiritual, que consiga, partindo daquilo que ela

pode oferecer, atingir o ser humano inteiro no seu pensar, no seu sentir e no seu querer.

Em cada ser humano dorme um Eu superior que pode ser despertado por uma visão de mundo espiritualizada. Somente com atitudes o progresso geral poderá ser promovido. Cada indivíduo pode, do lugar em que o destino o colocou, atuar no sentido da Lei Social Fundamental.

O progresso social da humanidade só pode acontecer quando os seres humanos quiserem e, para tanto, faz-se necessário o trabalho interior da alma e isso só pode acontecer passo a passo”.⁴⁸

Podemos verificar, então, como a consciência social e espiritual dos alunos, bem como sua destreza para lidar com o ambiente social, vai se expandindo para dimensões cada vez mais amplas e mais complexas.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Por que os seres humanos do nosso tempo exigem cada vez mais liberdade na vida espiritual?
2. O que vem ao encontro do ser humano a partir do futuro?
3. Qual é a característica necessária no final da sétima época pós-atlântica para o correto desenvolvimento da humanidade?
4. Qual é a contribuição da Escola do Altruísmo para a realização da trimembração do organismo social no futuro?
5. De que modo podemos conquistar a liberdade no pensar tornando-a frutífera para o desenvolvimento social?
6. Quais são os conteúdos dos níveis I a V da figura 14?
7. Qual é a Lei Fundamental descoberta por Rudolf Steiner? Qual a sua essência?

48 GA 190, Dornach, 23.3.1919.

Décima palestra: Arte na estratégia e na didática

Em 30 de agosto de 1920, em Dornach, Rudolf Steiner participou de uma noite de discussão sobre a Trimembração do Organismo Social, onde foi abordada, entre outros assuntos, a questão da arte no organismo social. Na ocasião, Steiner se expressou desta forma:

“Cada vez que ouço uma discussão sobre arte e vida social fico com uma sensação interior de insatisfação, simplesmente pelo fato de a maneira de pensar e a configuração anímica, ao falar sobre estruturação social, ser diferente daquela que é necessária para falar sobre arte. De certo modo as duas coisas não são bem comparáveis.

Quando falarmos de arte no organismo social não devemos esquecer, em nenhum momento, que a arte faz parte das mais sublimes flores da vida humana e que é prejudicial à arte e a tudo que está nela, o que não pode ser considerado das mais sublimes flores da vida humana.”⁴⁹

Reproduzo tal observação de Rudolf Steiner no começo deste trabalho não para desmotivar o ouvinte, mas como orientação para sabermos que aquilo que buscamos como nova didática da Escola do Altruísmo não deve ser considerado arte no sentido clássico, nem deve ser buscado como finalidade última de nosso esforço.

Podemos encontrar outra indicação em GA 305, um ciclo

49 GA 337b

de nove palestras proferidas por Rudolf Steiner em Oxford, entre 16 e 25 de agosto de 1922, com este título: As forças anímicas espirituais fundamentais para a arte da educação. E aí surge a pergunta: se a verdadeira educação de crianças é considerada arte, a educação de adultos não deve ser considerada arte também?

Em seguida quero desenvolver algumas ideias para chegar mais perto de uma resposta. Ao ler parte dessas palestras ficou claro para mim que a fundamentação da Arte de educar é idêntica aos três ideais que devem ser alcançados pela alma da consciência (ver minha palestra Formação 8, p. 120)

- Os três ideais são:
- a) Compreensão social;
 - b) Liberdade no pensar; e
 - c) Reconhecimento espiritual.

Foi tranquilizador descobrir o paralelismo entre a essência da nossa estratégia de formação e a essência da educação da criança.

Inicialmente algumas premissas.

a) A arte não pode ser considerada uma ferramenta porque é grande demais para caber na caixa de ferramentas do mediador.

b) A arte só cabe dentro do mediador que se torna um artista, à medida que a sua experiência cresce ao longo da vida.

c) A prática da arte exige um exercitar-se constante.

d) A arte individual tem de ser distinguida da arte coletiva. Naquela, durante o ato de criação, o artista procura o isolamento (pintor, poeta, escritor, compositor, escultor etc.), isolamento esse que é uma atitude antissocial assim como a meditação também o é.

e) A arte coletiva busca exatamente o contrário. O ato de criação é uma atividade conjunta com diversos atores (orquestra, teatro, euritmia artística), na qual os participantes chegam a formar verdadeiras comunidades.

f) A arte social vai um passo além ao buscar no ato da criação a participação ativa da plateia, que se torna cocriadora.

g) A arte do mediador consiste na criação de um ambiente artístico onde cada participante pode sentir-se convidado e livre para participar ativamente no ato da criação. O aluno quer criar e vivenciar e não ser degradado a um simples receptáculo de informações.

h) Arte não é discutir a respeito; arte é fazer. O processo de criação acontece no aqui e agora. Arte é improviso.

Para podermos avançar com a nossa questão da arte precisamos diferenciar a arte na estratégia da formação e a arte na didática. Podemos dizer que a estratégia responde pelo “O QUÊ” faremos e a didática, pelo “COMO” faremos.

Em termos de estratégia para a formação, a figura 16 dá uma ideia dos desafios para o mediador, lembrando mais uma vez as palavras de Bernard Lievegoed, que orienta todo o nosso trabalho:

“Da Antroposofia haurimos as ideias e os ideais espirituais.”

“No mundo sofremos junto com a humanidade.”

É nossa tarefa traduzir e transformar os ideais espirituais em ideias socialmente compreensíveis e realizáveis sem nos tornarmos missionários.

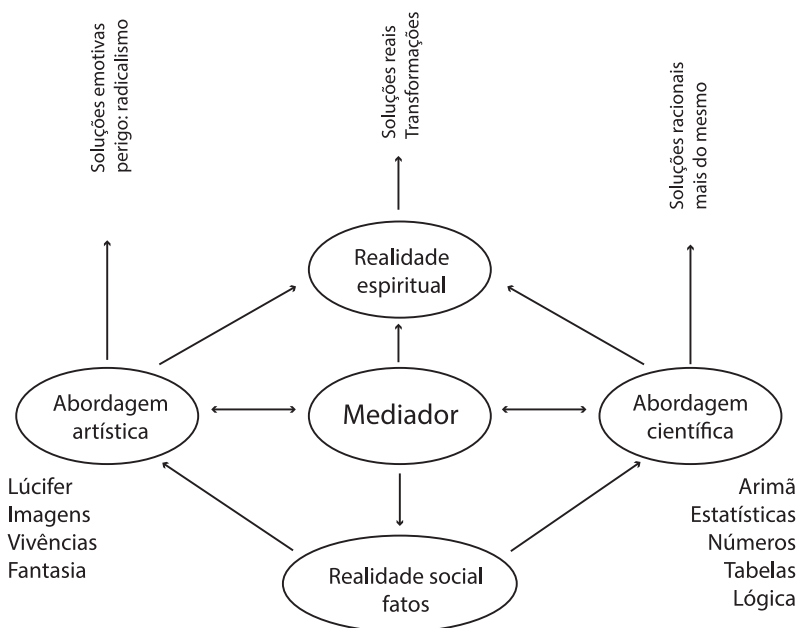


Figura 16

Nessa figura podemos localizar no eixo vertical o mediador cercado por dois universos: o social e o espiritual, conforme mencionado por Lievegoed. No eixo horizontal temos duas possíveis abordagens: a científica e a artística.

O primeiro universo é a realidade social que o facilitador precisa observar e compreender. Dependendo de sua experiência, ele pode, em certas situações, conectar os fenômenos observados diretamente aos arquétipos espirituais que atuam por trás dos fenômenos sociais, o que pode ser observado na palestra Formação 1, que descreve esse processo. Geralmente, com grupos ainda inexperientes, o mediador faz essa conexão direta interiormente e sozinho, mas junto com o grupo ele percorre um caminho que pode ser de natureza mais científico-racional ou mais artístico-terapêutica. Pelo fato de trabalharmos com realidades sociais é fundamental haver equi-

librio entre ambos. A abordagem artística é fundamental para ativar a fantasia que pode romper ou transpor obstáculos no pensamento do grupo. A arte, por sua natureza, é a conexão por excelência entre o mundo físico e o mundo espiritual. Porém, ao deixarmos predominar a arte sobre a ciência, corremos o risco de sermos utópicos ou radicais demais.

A abordagem científica é importante para nos ajudar a manter os pés no chão, porém, ao deixarmos que ela predomine, há o perigo de trazermos mais do mesmo, sem criatividade e sem verdadeiras soluções. No equilíbrio entre ambos deve serpentear o caminho que o grupo percorre com o mediador, rumo a uma visão mais abrangente, em um nível de consciência mais elevado, rumo a um futuro melhor. Olhando para tal quadro chego à conclusão que o mediador, que aprende a lidar com todas essas variáveis, será um verdadeiro Artista Social.

Em seguida podemos dar uma espiada na questão da didática: “COMO”

Para chegar mais facilmente a uma ideia frutífera, sugiro compararmos a didática tradicional à nova didática por nós almejada.

**Didática tradicional
(científica)**

- 1) O professor sabe, o aluno não sabe.
- 2) Trânsito de mão única.
- 3) O resultado é predeterminado.
- 4) Os alunos estão passivos.
- 5) O ambiente é formal
- 6) O professor concentra-se no conteúdo.
- 7) O professor é um cientista
- 8) O professor trabalha com conceitos
- 9) O professor está distante dos alunos.
- 10) O professor dá uma aula.
- 11) As exigências de qualidades pessoais do professor são limitadas ao conhecimento do conteúdo.
- 12) A força predileta do professor é a lógica.

**Nova didática
(artística)**

- O mediador sabe, o aluno também sabe.
- Trânsito de mão dupla.
- O resultado está em aberto, pode, ou não, ultrapassar as expectativas.
- Os alunos estão ativos.
- O ambiente é informal.
- O mediador concentra-se no processo e no conteúdo.
- O mediador é um artista social.
- O mediador trabalha com imagens e conceitos.
- O mediador está com os alunos.
- O mediador estimula uma conversa.
- As exigências de qualidades pessoais do mediador são elevadas por ele ser exemplo que pode ser questionado.
- As forças prediletas do mediador são a fantasia e a criatividade.

Fica claro que, no início, o grupo imaturo precisa ser alimentado com conteúdo e, à medida que vai amadurecendo, o lado artístico participativo vai ganhando cada vez mais espaço.

Acho importante salientar que a questão da arte não deve se transformar em uma camisa de força (arte a todo custo) que quer obrigar o mediador a determinadas atitudes e ações. A arte deve ajudá-lo a desenvolver perspicácia para situações sociais e flexibilidade para suas ações, sempre em busca do melhor processo de aprendizado dos alunos.

Sugiro como leitura complementar a este conteúdo o capítulo 9 do meu livro *Nova consciência, altruísmo e liberdade*, da p. 73 em diante, que apresenta os elementos básicos para uma nova didática.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Quais podem ser as posturas do mediador diante das possibilidades de abordagens científicas, racionais ou artístico-terapêuticas com os participantes do programa?
2. Por que o mediador pode ser chamado de Artista Social?
3. Quais as principais diferenças entre a didática tradicional e a didática preconizada pela Escola do Altruísmo?

Décima primeira palestra: O pensar vivo

Com o advento da era industrial nos séculos XV-XVI, passamos do desenvolvimento da Alma da Razão para o desenvolvimento da Alma da Consciência e este significa uma nova maneira de pensar as coisas.

Certa vez Rudolf Steiner comparou essa passagem ao processo da criança que faz a passagem da fase do engatinhar para o andar ereto. O engatinhar é seguro; a criança se desloca pelo chão com uma admirável velocidade e segurança, até que chega o momento em que não se satisfaz mais com seu jeito de locomoção e faz todo o esforço para se passar à posição ereta, sobre as duas perninhas, buscando o novo equilíbrio. Apesar dos tombos e das batidas de cabeça, ela não desiste até conseguir manter-se na nova posição e caminhar com segurança. Com isso, ganha uma nova visão e vivência do mundo.

Apesar da semelhança há uma diferença entre as duas situações. A criança tem os exemplos das outras pessoas que pode imitar. O desenvolvimento da Alma da Consciência não tem exemplos para serem imitados, pois nunca existiu sobre a face da terra antes e, devido ao processo de individuação, cada ser humano torna-se um ser único que precisa achar sua própria forma para a sua Alma da Consciência.

Na época da Alma da Razão, que no nosso exemplo corresponde ao engatinhar, o ser humano ainda se encontrava em um meio ambiente cultural e social que lhe facilitava a orientação para a sua vida. A orientação pela religião ainda fornecia regras claras para o comportamento humano, dando segurança interior.

Com o advento da Alma da Consciência a orientação pelas igrejas perdeu a sua autoridade e cada indivíduo passou a buscar sua própria orientação, seus próprios valores e sua própria expressão no mundo, resultando em uma sensação de insegurança e de medo. Paira no ar uma sensação de incerte-

za, de solidão e de impotência para mudar as coisas. Há uma expectativa em relação as más notícias do dia seguinte.

Os líderes não existem mais, simplesmente desaparecera e os que se apresentam como líderes não passam de impositores autocráticos. Podemos verificar um vácuo moral generalizado. Olhando para dentro de nós encontramos na alma o vazio preenchido pela solidão e pelo medo. Há uma sensação nítida de que o mundo velho está desmoronando e o novo ainda não surgiu. Como já dissemos, esse é o preço que pagamos pela conquista da liberdade. De outro lado, podemos perceber um grande número de pessoas que reconhecem a situação calamitosa do mundo atual e buscam novas formas de convivência humana. Em muitas dessas pessoas e grupos há a consciência da necessidade de uma nova espiritualidade, acima das religiões e confissões do passado, que eram adequadas para a época do desenvolvimento da Alma da Razão e da Índole, mas não o são hoje.

O pensar que corresponde ao desenvolvimento da Alma da Consciência e que deve superar a limitação do pensar racional ou cerebral é o pensar imaginativo ou pensar vivo. O pensar vivo é a primeira fase do pensar do coração que consiste em três estágios: pensar imaginativo, pensar inspirativo e pensar intuitivo. Os dois últimos serão desenvolvidos em tempos mais futuros.

O pensar do coração é um assunto que vai nos ocupar por muito tempo ainda e gostaria de encarar o conteúdo a seguir como um papel de trabalho que ainda deve sofrer modificações, pois estou me confrontando com questões ainda não resolvidas e o assunto é grandioso demais para ser tratado com apenas algumas palestras, uma vez que é o fundamento da atuação da Escola do Altruísmo, sem o qual o altruísmo se torna apenas uma falácia ou mais um modismo. Da conquista do pensar do coração depende todo o futuro da humanidade.

Apresento o assunto na esperança de receber contribui-

ções de outras pessoas que se ocupam dele, tal como recebi do livro de Florin Lowndes,⁵⁰ *Das Erwecken des Herz Denkens* (O despertar do pensar do coração).

Conforme Rudolf Steiner:

“A lógica do pensar permite o egoísmo mais exacerbado. A lógica do coração pode superar o egoísmo e tornar todos os seres humanos participantes de uma comunidade humana.”⁵¹

Tal afirmação de Steiner comprova, mais uma vez, que o grupo fundador da Escola do Altruísmo está no caminho certo ao vincular o desenvolvimento do altruísmo ao desenvolvimento do pensar do coração e, conseqüentemente, ao desenvolvimento da Alma da Consciência. Os três aspectos estão intimamente interligados.

Ao longo de toda a evolução da humanidade na Terra, teremos passado por apenas dois tipos de pensar: o pensar cerebral, na primeira metade da evolução, que ancora o egoísmo, e o pensar do coração, que deve ancorar o altruísmo para a segunda metade da evolução. O pensar do coração foi trazido pelo Cristo para a Terra na transição dos tempos, mas só podia ser realizado pelos seres humanos com o início da época de Micael, em 1897 e com o fim do Kali Yuga, em 1899.⁵²

Como já vimos anteriormente, o pensar do coração é o veículo que deve levar a humanidade para as consciências superiores: a consciência imaginativa, a consciência inspirativa e a consciência intuitiva. Essas são perspectivas tão grandiosas que nem conseguimos avaliar sua amplitude e profundidade que se nos apresentam. Mas todo caminho tem um primeiro passo e o primeiro passo é o desenvolvimento do pensar ima-

50 Stuttgart: Freies Geistesleben Verlag, 1998.

51 GA 119, Viena, 31.3.1910.

52 Ver Figura 2, p. 21.

ginativo, cuja realização é a missão da Alma da Consciência que estamos desenvolvendo atualmente, como humanidade.

Em seguida, tentaremos nos aproximar passo a passo dessa nova forma de pensar, começando com uma comparação genérica entre as duas maneiras de pensar, a racional ou cerebral e a imaginativa, que é o primeiro passo do pensar do coração.

Pensar cerebral

- . analítico
- . físico
- . científico
- . espaço
- . quantitativo
- . conteúdo
- . fora
- . mecanismo
- . morto
- . externo

Pensar do coração

- . criativo
- . etérico
- . artístico
- . tempo
- . qualitativo
- . forma
- . dentro
- . organismo
- . vivo
- . interno

Com essa comparação podemos ter uma sensação de qual é a diferença fundamental entre os dois tipos de pensamento. O pensamento cerebral é morto e adequado para conhecer a matéria física; depende das impressões sensoriais e da memória para existir e, nesse sentido, é um pensar passivo. Já o pensar imaginativo é um pensar ativo, que não depende de impressões sensoriais. Sendo o ser humano, um microcosmo que é a síntese das forças do macrocosmo, podemos encontrar o cosmo inteiro dentro de nós.

Podemos dizer que quando criamos, através do nosso pensar cerebral, um conjunto composto de vários elementos, obtemos um mecanismo e que quando criamos, através do nosso pensar imaginativo, um conjunto composto de vários elementos, obtemos um organismo vivo.

Goethe com sua metamorfose das plantas⁵³ deu um passo decisivo em direção ao pensar imaginativo, mas manteve sua descoberta genial no campo da natureza.

Coube a Rudolf Steiner dar o salto da metamorfose das plantas de Goethe para o pensar do coração. Toda a Antroposofia foi escrita ou falada por ele na linguagem da consciência imaginativa, o que explica a dificuldade que muitas pessoas encontram para compreendê-la.

A passagem pelo limiar para dentro da região da imaginação depende do fortalecimento do pensar racional e lógico. O pensar imaginativo é pensar puro, independentemente de qualquer lembrança, percepção sensorial ou outra influência externa. Pelos exercícios de observação, concentração, retrospectiva do dia, pela leitura dos textos escritos e falados de Steiner, o estudo profundo da Filosofia da Liberdade de Rudolf Steiner, fortalecemos o nosso pensar, trazendo vontade nele até se tornar vontade pura.

Atualmente, há um volume enorme de ofertas para a obtenção de experiências suprassensíveis, mas nem todas são positivas para um desenvolvimento espiritual sadio.

Há correntes místicas que contornam o esforço pensante da concentração e entram diretamente na região da inspiração, evitando as vivências no limiar e o encontro com o guardião do limiar, que nos mostra as nossas sombras, aspecto imprescindível para o autoconhecimento. Tais correntes promovem, em vez da observação e da concentração, o vazio interior, esvaziando a consciência de qualquer pensamento para deixar emergir na alma vivências baseadas no sentimento ou no corpo astral. Essa prática leva diretamente a experiências espirituais, porém o meditante nunca saberá quais vivências são subjetivas e quais são realmente objetivas. O meditante não consegue se orientar no mundo suprassensível com segu-

53 *A obra científica de Goethe*. São Paulo: Editora Antroposófica 1994. Trad. Rudolf Lanz.

rança, tornando-se facilmente vítima de ilusões e influências diletantes.

Florin Lowndes dedicou um livro inteiro aos seis exercícios colaterais por meio dos quais ele consegue desenvolver o chacra do coração de doze pétalas e através deste ter acesso ao pensar imaginativo.

O livro de Arthur Zajonc, *Meditação como indagação contemplativa*,⁵⁴ também mostra um bom caminho para avançarmos na conquista do pensar imaginativo.

Agora, gostaria de dar dois exemplos práticos que podem nos aproximar da compreensão do pensar imaginativo, embora, bem entendido, ainda não se trate do pensar do coração, mas já é um passo na direção certa.

1. Exemplo (extraído da nossa experiência imediata)

Como consultores de Desenvolvimento Organizacional podemos olhar para uma organização de maneiras diferentes. Tradicionalmente, olhamos com nosso pensar racional, para a organização com sua estrutura hierárquica, com seus departamentos, com suas definições de competências, direitos e deveres, com seus programas, normas e procedimentos, com seus processos de planejamento, de execução e de controle etc. De outro lado, todos que trabalham em consultoria com base na Antroposofia conhecem o modelo dos quatro níveis de uma organização:

- a) nível dos recursos;
- b) nível dos processos;
- c) nível das relações; e
- d) nível da identidade;

Nessa abordagem tentamos fazer nosso cliente entender

54 Zajonc, Arthur. *Meditação como indagação contemplativa*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2009.

que a organização não é uma estrutura ou um mecanismo, mas um organismo vivo que tem corpo, alma e espírito, uma biografia, da mesma forma que cada ser humano também as tem. A organização é uma criação de seres humanos à sua semelhança. Ela nasce, se desenvolve e morre em algum momento; interage com o mundo que a cerca; tem caráter próprio; pode ser ética ou trapaceira; simpática ou antipática; protetora ou predadora do ambiente natural e social etc.

O consultor que domina o modelo dos quatro níveis, que é arquetípico, que é produto do pensar imaginativo, tem um poder de visão sobre os problemas da organização que ultrapassa de longe a visão do cliente. Podemos concluir, então, que esse modelo é produto do pensar imaginativo e nós, como consultores, o adotamos para podermos compreender a organização de uma forma muito mais imediata e abrangente do que qualquer abordagem puramente racional possa fazer. Um consultor com larga experiência na aplicação do modelo dos quatro níveis vê rapidamente as correlações existentes entre recursos, processos, relações e identidade de uma organização e pode criar soluções criativas e inovadoras para o cliente.

Einstein dizia que a solução de um problema não pode ser encontrada com o pensamento que o criou.

2º exemplo

Nos últimos tempos, entrou em voga o *story telling* como apoio para a solução de muitos problemas do Homem moderno.

Psicoterapia, medicamentos naturais, educação dos filhos, enfim, para as mais diferentes utilidades recorre-se a contos de fada, lendas antigas e outras manifestações arquetípicas no esforço de superar as limitações do pensar racional-cerebral, que não consegue responder às questões que emergem na Alma da Consciência do homem moderno.

Na Escola do Altruísmo começamos a nos interessar pelo

fenômeno na esperança de descobrir um apoio valioso para a nossa busca de uma didática que favoreça a conquista da consciência imaginativa. Será que o trabalho biográfico, como é ensinado pela formação biográfica, não tem todos os elementos para um conto de fadas? A meu ver, o trabalho biográfico em grupos é um bom exemplo para demonstrar a diferença entre pensar racional e pensar imaginativo.

Vamos supor que uma pessoa conta sua história de vida (herói) para outras três, acompanhadas por um coordenador, o que é uma constelação típica para grupos biográficos. O grupo, então, tem duas alternativas para seguir a narração do herói e a escolha da alternativa depende da qualidade profissional do coordenador do grupo, por ser ele o exemplo para os membros participantes.

A primeira alternativa é cerebral. Há esquemas com leis biográficas, com divisão em setênios, com espelhamentos, com pontos críticos, com descrições detalhadas das características típicas de cada setênio etc. Cada participante dos pequenos grupos recebe um tempo para contar sua história e pode focar seu relato em acontecimentos externos e enquadrá-los nos esquemas e nos espelhamentos. Pela idade do herói, o coordenador pode delimitar o tempo disponível, dividindo-o pelo número de setênios e chamar a atenção do orador quando o processo começa a atrasar demais. Os ouvintes não preparados acompanham a história com sentimentos de simpatia ou antipatia perante os acontecimentos narrados, com perguntas para satisfazer a própria curiosidade e, em geral, com julgamentos internos. Uma seção dessas tem o caráter de um processo cerebral. O coordenador está mais preocupado com o procedimento do que com a essência da história e o resultado do trabalho do grupo se assemelha mais a um *curriculum vitae* do que a uma biografia.

A segunda alternativa tem características do pensar do coração.

Ao ouvir uma biografia (jornada do herói), estamos seguindo o rastro de uma individualidade única no mundo. Sem julgamentos internos, simplesmente ouvindo, entramos no fluxo do destino, que marca os caminhos de vida do herói e certamente não podemos deixar de sentir uma admiração perante a grandeza da jornada e a veneração perante a coragem com a qual ele tenta lidar com os desafios de sua vida.

A biografia é um ser vivo cujas forças exercem uma influência enorme sobre o presente e o futuro dessa individualidade.

Algumas perguntas podem ajudar a dar foco à observação:

- a) Qual é a tonalidade desse conto?
- b) Qual é a mensagem que esse conto emite?
- c) Que situações se repetiram ao longo do conto, talvez de cada vez de maneira metamorfoseada, que pode apontar para a tarefa cármica dessa individualidade?
- d) Qual é o “fio vermelho” que orienta essa biografia?
- e) Onde vi pontos decisivos de interferência da providência?
- f) Qual é o sentido mais profundo de certos acontecimentos?
- g) Qual é a busca fundamental do autor dessa história?
- h) Em quais características pessoais ele poderia trabalhar?

Na busca por respostas a essas perguntas o conhecimento das leis biográficas, setênios e espelhamentos etc. pode ajudar bastante, mas agora como auxílio e não como ferramenta. No fim do conto, o coordenador poderia dar um tempo ao grupo para cada participante pintar uma imagem de sua primeira impressão do que ouviu.

Em seguida, cada participante comenta sua pintura, inclusive o herói da jornada e da conversa do grupo pode emergir uma imaginação que frutifica a consciência biográfica de todos os participantes. É claro que os esquemas e as descrições

dos setênios, que contêm muita sabedoria acumulada, não devem faltar. Por esse exemplo, podemos verificar a diferença entre uma abordagem que se mantém exclusivamente aos esquemas e uma abordagem em nível de consciência imaginativa, que transcende o processo puramente cerebral.

Isso vale para o uso de todos os esquemas e modelos em todas as áreas de atuação.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Qual o papel do Pensar do Coração para a segunda parte do desenvolvimento da humanidade?
2. Quais são as diferenças entre o pensar racional-lógico e o pensar do coração?
3. Do que depende a passagem do pensar racional-lógico para o pensar imaginativo?
4. Por que a abordagem imaginativa das situações transcende a abordagem cerebral?

Décima segunda palestra: Estratégia e conteúdo do programa de desenvolvimento do Mediador de Transformação Social

As figuras 17 e 18 sintetizam a estratégia e o conteúdo que o grupo fundador definiu para levarmos para o mundo. Trata-se do Programa de Formação, que considera os aprendizados e as descobertas feitas ao longo de quatro anos de trabalho.

Levando em consideração todo o exposto nos capítulos anteriores, podemos ir para o planejamento do primeiro curso de formação, composto de 12 módulos, de três dias em regime de imersão.

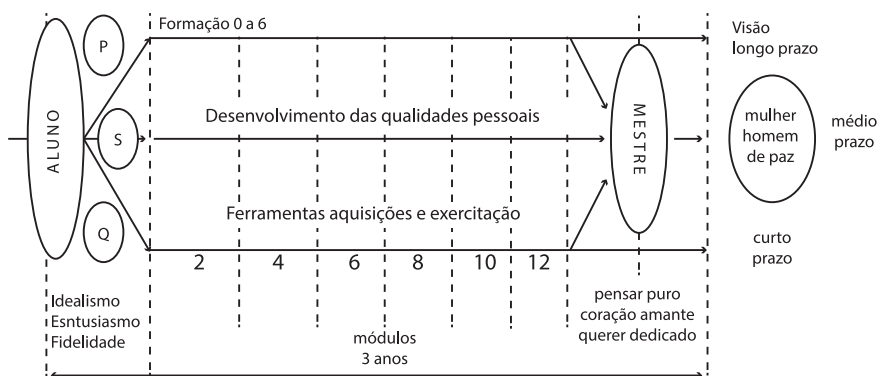


Figura 17

Na figura acima vemos três linhas horizontais representando o nosso pensar, sentir e querer ao longo dos 12 módulos. A primeira, representa a linha do pensar na qual, com a luz do nosso pensamento, iluminamos a grande visão da sociedade humana do futuro. Para alcançá-la passaremos pelo desenvolvimento de grupos, organizações, comunidades, sociedades trimembradas e a evolução da humanidade. É uma visão de longo alcance para o futuro da humanidade que desafia a nossa imaginação.

A segunda linha, a do meio, representa a linha do sentir, que trata do desenvolvimento das qualidades pessoais dos alunos e do mediador. Melhorar as qualidades pessoais exige autoeducação e exercitar-se constante.

A terceira linha, a do querer, representa os instrumentos e as ferramentas desenvolvidas pelo NPI (Nederlands Pedagogisch Instituut), que abrange técnicas de reunião, processo de decisão, modelos para mudanças sociais etc., inspiradas pela ciência espiritual.

- Quem domina os conhecimentos da linha superior traz **luz** ao seu pensar.
- Quem se esforça em seu autodesenvolvimento, conforme indicado na linha do meio, desenvolve o **amor** em seu coração.
- Quem se exercita no manejo dos instrumentos ganha a capacidade de conectar as imaginações e as inspirações espirituais com as realidades terrestres, promovendo **vida** nas situações terrestres.
- Quem consegue equilibrar e integrar os três se torna um verdadeiro mestre.

Na figura 18, a seguir, que oferece mais detalhes dessa estratégia, encontramos novamente as três linhas horizontais e verificamos que só os seis módulos iniciais têm indicações de conteúdos predeterminados, ao passo que os seis módulos da programada segunda metade estão em branco. Isso decorre do fato de a participação dos alunos nas decisões sobre o programa aumentarem gradativamente de 0%, no primeiro módulo, até 100% no sexto módulo. Assim todos os participantes têm tempo de assimilar e praticar os instrumentos de técnicas de reunião e condução de grupos antes de assumir a responsabilidade pelo processo e pela aplicação em seus grupos nas localidades onde atuam.

Os números arábicos coincidem com os números das pa-

lestras apresentadas neste livro até aqui. Os romanos indicam conteúdos relacionados às técnicas de condução de grupos conforme a tabela a seguir:

I – Conteúdo, interação, procedimento.

Procedimento: planejamento, formação de imagem, fase do julgamento, fase de decisão e avaliação.

II – Caminho de análise e caminho de decisão.

III – Procedimento “U”.

IV – Caminho da instrução e caminho da descoberta.

V – A Arte do diálogo (ver Anexo 2)

VI – Processos de desenvolvimento de indivíduos, grupos, comunidades e Humanidade. (Unicidade inconsciente > diferenciação > integração > unicidade consciente).

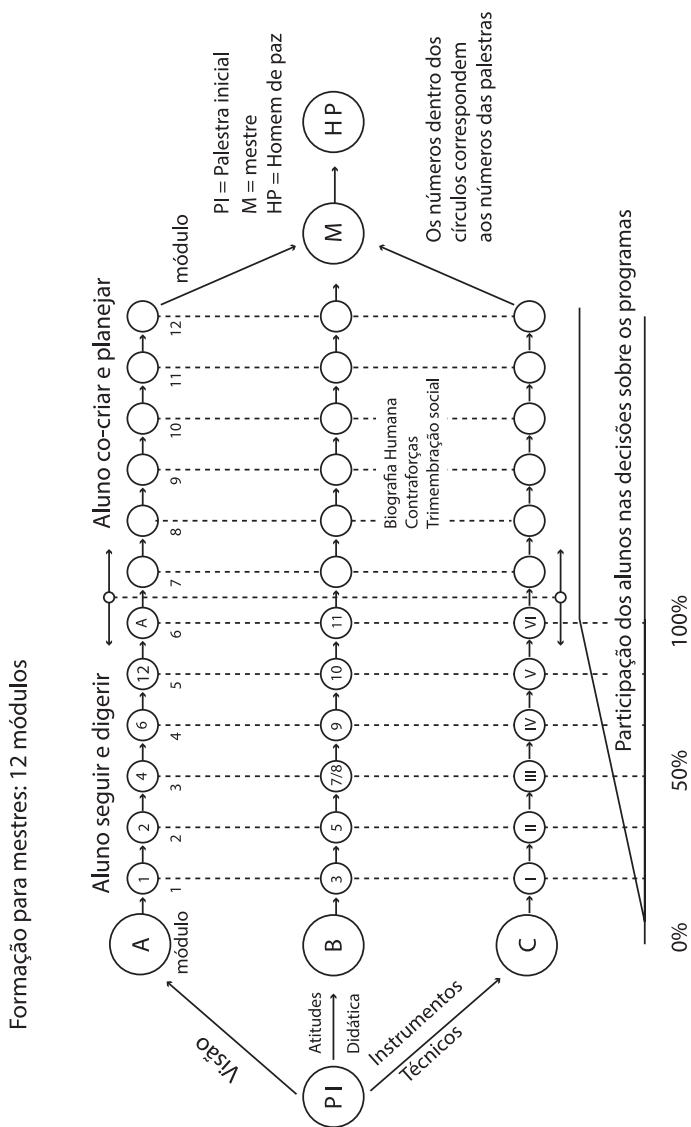


Figura 18

Na linha superior da figura 18, a letra A representa os Anexos 1 a 4.

A título de apoio ao grupo e para facilitar a escolha dos conteúdos da segunda metade do programa, que deverá ser adaptado aos reais interesses dos alunos, seguem algumas contribuições: biografia humana, forças adversas, trimemoração do organismo social, questões do carma.

Que imagem ideal temos do Mestre?

- Ele faz da Antroposofia seu caminho de desenvolvimento espiritual na construção da sua paz interior.
- Ele mostra um caráter firme com atitudes positivas e corajosas e coerência com o que diz.
- Ele sabe fazer a pergunta certa, no momento certo, para si e para os outros.
- Ele compreende a natureza humana.
- Ele ouve muito e fala pouco.
- Ele promove o altruísmo e a paz.
- Ele ensina como melhorar a convivência humana através da elevação da consciência dos fenômenos sociais sem ser missionário.
- Ele ensina e pratica a arte do diálogo.
- A sua presença irradia e transmite paz e disposição para ouvir o outro.

Cada grupo pode descrever a imagem ideal de seu homem ou mulher de paz e, em consenso, estabelecer seu programa de aprendizado para os próximos seis encontros.

O conteúdo dos primeiros seis módulos são transferíveis, replicáveis e escaláveis, conforme havia sido concordado com o grupo fundador da Escola do Altruísmo em um de nossos primeiros encontros. Mas devemos ter clareza de que o que se deixa replicar representa apenas o piso firme que nos fornece a sustentação para podermos vivenciar e fazer avançar o

verdadeiro processo suprassensível que, em sua maior parte, ocorre de maneira inconsciente e não pode ser descrito com nossas palavras profanas. Só quando fazemos uma parada, depois de termos vivenciado alguns módulos e olhamos para trás, podemos ter uma ideia do quanto andamos, do quanto cada participante evoluiu e do quanto o grupo progrediu. Com o grupo fundador passamos por algumas situações críticas e vencemos todas e foi isso que gerou a substância para chegar onde chegamos. Em retrospectiva, podemos dizer que cada crise nos levou adiante mais um trecho do caminho. A força que nos deixou vencer as crises tem um nome muito curto e modesto: amor.

O que se espera para o futuro?

Pressinto que com o advento da inteligência artificial, com a correspondente robotização da cultura, a convivência humana se tornará mecânica e padronizada e a evolução da humanidade seria perdida se não existisse o amor. De amor, sabemos que um robô não entende nada. O amor engloba todos os valores eminentemente humanos: Verdade, Beleza, Bondade, Altruísmo, Fraternidade etc. Temos de lutar para que haja uma cultura do amor paralela, a cultura predominante que se vislumbra para um futuro imediato. A cultura digital fornecerá muita informação e muito conhecimento, porém não saberá lidar com o amor. Haverá uma enorme carência de amor no mundo. Todos irão querer receber amor, mas se sentirão impotentes para dá-lo. Por isso, quero acrescentar a este tópico um trecho de uma palestra de Rudolf Steiner.⁵⁵

Uns tempos atrás, logo após e ainda sob o impacto da publicação do livro de Oswald Spen-

55 GA 214, Dornach, 6.8.1922.

gler, proferi uma palestra na Escola Técnica Superior de Stuttgart sobre a Antroposofia e as ciências técnicas, para mostrar como no mergulho na técnica, o homem desenvolve aquela configuração anímica que o torna livre.

Pelo fato de ele eliminar no mundo mecânico qualquer resquício de espiritualidade, pode sentir, justamente no meio do mundo mecânico, o impulso de buscar a espiritualidade em seu interior. Aquele que compreende o significado de a máquina estar no domínio da nossa civilização, precisa dizer a si mesmo: Essa máquina, com sua impertinente transparência, com sua brutal, angustiante, demoníaca falta de espírito, obriga o homem, quando ele se autoconhece, a buscar em seu interior os germes da espiritualidade que se encontram dentro dele. Pelo contraste, a máquina obriga o homem a desenvolver uma vida espiritual.

Pelas reações posteriores do público, percebi que não fui entendido no que quis dizer.

Desde essa expressão de Rudolf Steiner, em 1922, o domínio da máquina sobre a nossa cultura aumentou de tal maneira que me faz acreditar que, atualmente, será difícil encontrar uma pessoa que não entenda o que Rudolf Steiner quis dizer naquela época. Com o futuro advento da inteligência artificial, o domínio da máquina sobre a cultura humana deverá se tornar quase total. Com isso, deverá aumentar a necessidade de equilíbrio na alma através da busca da espiritualidade.

A questão do tamanho dos grupos

Um aspecto fundamental na formação de grupos é seu tamanho e seu objetivo.

Para transmissão de conteúdo podemos reunir centenas de pessoas. Para tomar decisões, um grupo de 12 pessoas já é considerado grande.

A quantidade de linhas de interação em um grupo cresce exponencialmente ao número de participantes do grupo, conforme esta fórmula matemática:

$$C = n \times (n-1)$$

C = número de possíveis linhas de interação no grupo.

n = número de participantes

Aplicando a fórmula obtemos:

Número de participantes	Número de linhas de interação
2	2
3	6
4	12
5	20
10	90
15	210
20	380

Quando se precisa tomar decisões em grupos grandes, com 20 ou mais pessoas, há uma dificuldade enorme para manter a produção do grupo. E isso será sempre seu “calcanhar de Aquiles”.

Algumas recomendações

Nomear um coordenador e um secretário e fazer as reuniões sempre com um flipchart. Criar um ritual para quem quer fazer uso da palavra: só pode falar quem tiver um objeto simbólico em mãos, como uma pedra ou um bastão, que deve ser passado para quem quiser falar em seguida. Em grupos maduros, o simples sinal de levantar a mão daquele que deseja falar é reconhecido por todos.

Deve-se estabelecer regras de procedimento e interação no início da reunião, subdividindo-se o grupo, sempre que for possível. Buscar decisões sempre por consentimento e não por unanimidade, segundo a máxima: “Vale o poder do argumento e não o argumento do poder”.

Procurar evitar decisões por votação.

Para completar a estratégia da formação, precisamos olhar para a futura expansão da Escola do Altruísmo. A figura 19 apresenta uma ideia básica sobre a questão, explicada a seguir.

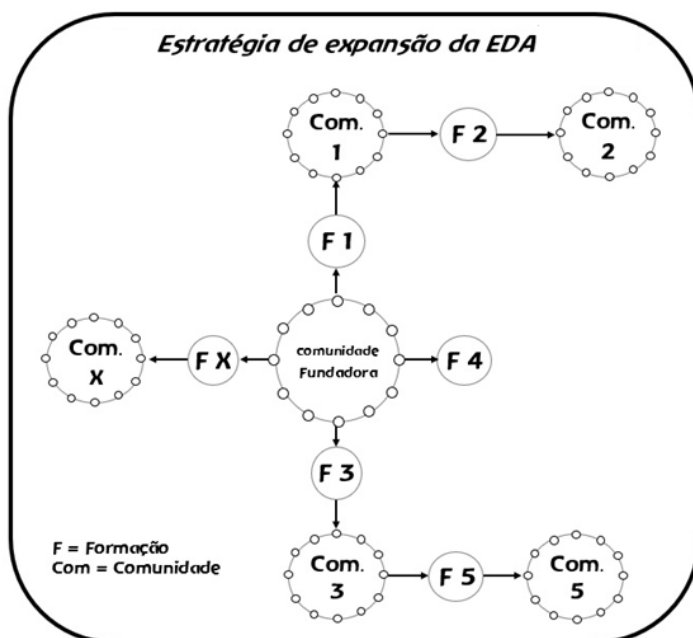


Figura 19

O projeto de formação de comunidades emana da comunidade mãe, constituída pelos membros fundadores da Escola do Altruísmo, que elaborou o primeiro projeto de formação de Mediadores de Transformação Social.

Os alunos de cada curso de formação de 12 módulos podem criar uma nova comunidade, se os membros do grupo

de formação, ou parte dele, assim o desejarem. Cada nova comunidade precisa de um tempo de amadurecimento e de ajustes internos. Quando os seus participantes se sentem aptos e preparados, podem elaborar seu próprio programa de formação em nome da Escola do Altruísmo e nos moldes do que receberam em sua própria formação.

Participantes que fizeram o programa de formação e que não sentem a motivação necessária para participar de uma Comunidade de Formação têm liberdade para se desvincular do grupo e seguir seu caminho, adotando em qualquer situação de sua vida o que aprenderam.

As comunidades que venham a ser constituídas devem eleger dois representantes para participarem dos encontros da comunidade mãe, onde serão tomadas as decisões estratégicas que afetam todas as comunidades e devem ser confirmados pelos membros da comunidade mãe. A duração desse mandato é de dois anos. O primeiro mandato de um representante deve ser de três anos, de maneira que ao fim do primeiro mandato apenas um dos dois seja substituído.

A comunidade mãe tem como seu núcleo permanente os membros fundadores da Escola do Altruísmo, o que significa que recebe um acréscimo de dois participantes a cada nova comunidade que nasce, de modo que teremos de alugar locais de encontro cada vez maiores para abrigar todos os participantes. Quando já não houver local com tamanho suficiente, teremos de reduzir o número de representantes das comunidades de 2 para 1.

Cada comunidade de formação resolve suas questões financeiras, de modo que não há transferência de dinheiro de uma comunidade para a outra, evitando-se ao máximo a burocracia. A única comunidade com CNPJ é a comunidade mãe, para poder receber doações para bolsas de estudo que concederá a alunos individualmente e não a escolas.

Obs.: as duas últimas páginas expressam apenas os princí-

pios da expansão. O processo real será definido por estatuto e regulamento interno da Escola do Altruísmo.

Perguntas para entendimento e reflexão

1. Como podemos trazer “luz ao pensar”, “amor ao coração” e “vida nas situações terrestres” em um programa de formação?
2. Como evolui o papel do participante ao longo dos 12 módulos do programa de formação da Escola do Altruísmo?
3. Como você sente essa estratégia ou esse programa?
4. Qual é imagem ideal de alguém que passou pelo programa de formação?
5. Quais são as consequências do vertiginoso avanço do desenvolvimento e aplicação da tecnologia na cultura humana, segundo Rudolf Steiner?
6. Quais são as recomendações quanto a:
 - a) tamanho do grupo e
 - b) forma de decisão.
7. Quais são as definições-chave para a estratégia de expansão da Escola do Altruísmo?

Palavras finais

“No final de tudo, o bem ainda precisa ser feito.”

Bernard Lievegoed

Querida leitora, caro leitor,
comecei este livro com uma carta convite para um pequeno grupo de pessoas escolhidas para serem os meus parceiros na criação de um berço para um impulso que queria nascer. Era o impulso da Escola do Altruísmo que agora já nasceu, mas que ainda é uma criança e precisa de cuidados para crescer e tornar-se um “Ser” forte, que cumpra a missão para a qual veio a este mundo.

O grupo passou por importantes processos, conseguindo extrair algumas camadas do véu que encobre a realidade do mundo. A realidade do mundo vai além da realidade que conseguimos perceber e compreender com o nosso pensar racional, analítico, ligado à matéria. Para esse pensar, a proposta da Escola do Altruísmo não passa de uma utopia que não pode ser levada a sério. Mas, quem consegue tirar algumas camadas do véu, pode enxergar tendências para o futuro da humanidade bem diferentes daquelas vistas pelo pensar limitante do materialismo, limite que ele mesmo se impôs.

Agora que chegamos ao fim do livro me vejo escrevendo uma nova carta convite. Desta vez a carta é dirigida a você, querida leitora e caro leitor. Se você nos acompanhou até aqui, talvez tenha se identificado com a causa do altruísmo e com a nossa maneira de ver as coisas. Deve haver algumas convergências em nossas buscas.

Você deve ter percebido que a Escola do Altruísmo é orientada para o futuro que ainda não é percebido pela consciência

profana, mas cujas nuvens já aparecem no horizonte e se avolumam cada vez mais.

Você também deve ter percebido que o jeito da Escola do Altruísmo é do fazer, do experimentar, do vivenciar, do mergulho e não da cátedra e do pódio, do glamour ou da pasteurização. Não queremos falar sobre a Escola do Altruísmo, queremos falar a partir da Escola do Altruísmo.

Você também deve ter entendido que o impulso da Escola do Altruísmo, quando levado a sério, modificará positivamente a vida dos membros da Escola e do social no seu entorno.

Se você se sente bem com os conteúdos expostos neste livro e sente o impulso de querer se engajar na causa, entre em contato conosco no site www.escoladoaltruismo.org.br para mais detalhes e, quem sabe, em um futuro breve você estará participando de um grupo que quer formar uma comunidade, com o objetivo de juntos formarem e carregarem uma Escola do Altruísmo, autônoma e apoiada por uma rede de outras escolas.

Anexos

Anexo 1: Homem ou mulher da Paz

Depois de termos trabalhado seis palestras, conseguimos visualizar a direção a seguir com nossa formação de mestres e criar uma visão ideal de um futuro homem ou mulher de paz. “Podemos nos perguntar: Como é o homem ou a mulher capaz de trabalhar publicamente a favor do altruísmo no mundo sem cair na vala comum do missionário religioso?”

Ele não prega nada, mas tem fundamentação espiritual e experiência de vida que lhes permite, em situações sociais, fazer a pergunta certa, no momento certo. Essa é a maior arte que podemos praticar na vida social, pois exige visão de mundo abrangente e interesse real e desprendido pelo próximo.

Como ele é?

- Tem caráter firme com atitudes positivas e corajosas.
- Conhece a natureza humana.
- Tem ampla visão social e espiritual.
- Ouve muito e fala pouco.
- Transmite paz interior.
- Faz da Antroposofia seu caminho para o desenvolvimento espiritual.
- Conhece métodos e técnicas para atuar no social (obrigatórias e de livre escolha para a especialização)
- Sente amor:

pelo planeta;
pela vida;
pela criação/natureza;
pela humanidade;
pelo próximo e por si próprio.

Cada atitude e cada ato são uma expressão de amor.

O que ele faz?

- Promove o altruísmo e a paz no mundo.
- Ensina como melhorar a convivência humana.
- Fornece instrumentos para melhorar a compreensão mútua.
- Ensina a arte do diálogo.
- Ensina o trabalho cooperativo.
- Atua positivamente em qualquer situação social.
- Apoia a formação e a manutenção de comunidades e de redes de comunidades modernas, que podem ter seus objetivos na vida espiritual, social ou econômica.

Anexo 2

A arte do diálogo⁵⁶

Os alunos que praticam os exercícios, as atitudes e a mudança de hábitos apresentados na quinta palestra, no subtítulo: As condições preliminares para o desenvolvimento espiritual, reconhecerão imediatamente nas dez competências fundamentais para o diálogo aquelas que eles já vêm treinando em sua jornada de autodesenvolvimento.

Podemos afirmar que as dez competências fundamentais para o diálogo são uma aplicação prática do que o aluno já exercita.

AS 10 COMPETÊNCIAS FUNDAMENTAIS PARA O SUCESSO DO DIÁLOGO

1. Assumir uma atitude de querer aprender

- NÃO se colocar como entendido no assunto.
- Mostrar interesse em novos pontos de vista.

2. Mostrar respeito

- Aceitar o outro em sua maneira de ser.
- Tentar visualizar o outro da perspectiva dele.

3. Falar a partir do coração

- Falar do que realmente lhe toca e não do racional.
- Evitar ensinamentos, teorias e generalidades.

56 Extraído de Hartkemeyer, Johannes F. & Hartkemeyer, Martina. Die Kunst des Dialogs - Kreative Kommunikation entdecken. [A arte do diálogo] Stuttgart: Klett Cotta Verlag, 2005.

4. Ouvir generativamente

- Ouvir com atenção é empatia, de modo que o outro possa descobrir a si mesmo e o ouvinte possa observar-se ao incorporar e ordenar o que ouviu.

5. Manter qualquer julgamento suspenso

- Interiormente, distinguir percepção de avaliação ou julgamento.

6. Informar-se

- Fazer perguntas verdadeiras e não retóricas, com genuíno interesse.
- Tentar verdadeiramente entender o outro.

7. Pleitear produtivamente

- Expor a visão pessoal sobre o tema com suas razões, inclusive as dúvidas.
- Mostrar a origem da própria opinião de modo que os outros participem de meu processo pensante, para não os confrontar com o produto pronto.

8. Franqueza

- Ser transparente em relação à própria motivação e respeitar a motivação alheia.
- Livrar-se da própria convicção.

9. Aceitar o *slowdown*

- Ao respeitar as competências aqui descritas, o *slowdown* ocorre normalmente.
- Aceitar o *slowdown* externo causado por quem fala devagar ou pelo uso da pedra ou “bastão da fala” (só fala quem tem a pedra ou o bastão na mão).

10. Observar o observador

- Observar o observador dentro de nós, que vê tudo pelas lentes do convencional.
- Conscientizar-se de que sentimentos e preconceitos determinam nossa atitude diante do outro.

AS 10 INCOMPETÊNCIAS FUNDAMENTAIS PARA O FRACASSO DO DIÁLOGO

1. Querer impressionar com conhecimento de causa

- Ter atitudes de não poder existir dúvida a respeito dos meus conhecimentos. Chegou a hora de “eu mostrar todo o meu conhecimento”.

2. Depreciar os outros

- “Quanta bobagem o cara está dizendo. Nem vale a pena entrar nesse papo.”

3. Manter-se impessoal e abstrato

- Por que devo expressar os meus verdadeiros sentimentos e pensamentos?
- Não pretendo fazer “*strip-tease* anímico”, porque os outros vão se aproveitar disso.

4. Cortar ou sequestrar a palavra do outro

- Devo aproveitar o tempo para marcar minha posição.
- Cortar a palavra do outro quando possível, não o deixando formular um pensamento coerente.

5. Identificar-se com a própria opinião

- Minha opinião é firme como uma rocha.
- Portanto, é claro que não pode ser questionada.

6. Fazer perguntas capciosas

- Deixar o outro inseguro fazendo-lhe perguntas capciosas.
- Não interessa conhecer o caminho que o outro fez para chegar a essa bobagem.

7. Insistir no próprio ponto de vista com firmeza:

- Esconder as razões que me levam a ele, caso contrário só entregaria o ouro ao bandido, tornando-me objeto de manipulação.

8. Blindar-se para

- Não mostrar sentimentos seria um erro tático grave, pois só abriria a guarda para eu ser atacado pelos flancos.
- Mostrar sentimentos fornece munição ao inimigo.

9. Ser rápido

- Não permitir pausas, nem para si, nem para o outro. Reflexão é coisa para velho (é perda de tempo). A vida pune quem chega tarde.

10. Nunca se autoquestionar

- Posso confiar em meu instinto, pois me permite descobrir os pontos fracos do outro. É esquizofrênico querer observar a si mesmo.

Anexo 3:

Preparando a Sexta Época⁵⁷

Como Grupos Antroposóficos se preparam para a Sexta Época

Estamos aqui, hoje, para a abertura do grupo fundado por nosso amigo o professor C. Este grupo deseja dedicar-se à vida espiritual do presente e do futuro, como é usual em nosso Movimento. Em uma ocasião como esta é sempre bom lembrar porque nos associamos em grupos e nos questionarmos por que razão fundamos grupos e cultivamos neles o tesouro espiritual ao qual dedicamos nossas forças.

Se quisermos verdadeiramente responder a essa questão, devemos perceber que fazemos uma distinção, ainda que só em pensamento, entre o trabalho em um grupo como este e nosso outro trabalho no mundo.

Quem não tem disposição para penetrar profundamente nas mais íntimas verdades conectadas com o progresso espiritual da humanidade poderia perguntar se não seria possível cultivar a ciência espiritual sem nos reunirmos em grupos, mas apenas organizando palestras que oferecessem às pessoas contato com o tesouro espiritual de que falamos. Naturalmente, podemos agir dessa forma. Mas, tanto quanto for possível estabelecer associações de seres humanos que se conheçam uns aos outros e se reúnam sobre uma base de amizade e fraternidade nesses grupos, continuaremos a fundá-los com a plena consciência de que essa é uma atitude de alma, que é parte e parcela da ciência espiritual.

Não é sem significado que entre nós haja homens e mulheres que queiram sinceramente cultivar o lado mais íntimo do conhecimento espiritual, trabalhando em fraternidade e harmonia. Não são apenas os relacionamentos e a comunica-

57 Palestra proferida por Rudolf Steiner em Düsseldorf, em 15.6.1915, GA 159.

ção que são afetados por falarmos diferentemente entre nós, sabendo que falamos às almas conscientemente associadas a nós. Não se trata apenas disso, mas de algo mais que deve ser lembrado. O estabelecimento de grupos individuais está conectado com toda a concepção de nosso Movimento, se é que entendemos sua natureza essencial.

Todos devemos estar conscientes de que este nosso Movimento é importante não só para a existência conhecida dos sentidos, para a existência que pode ser captada pelo homem, cuja mente se volta para o mundo externo, mas porque é através desse Movimento que nossa alma busca um genuíno vínculo com os mundos espirituais. Reiteradamente e em plena consciência, deveríamos sempre nos lembrar que pelo cultivo da ciência espiritual nos transferimos às esferas habitadas não só por seres da Terra, mas também pelos seres das mais altas hierarquias, os seres dos mundos invisíveis. Devemos reconhecer que nosso trabalho tem significado para os mundos invisíveis, que estamos verdadeiramente dentro desses mundos. No mundo espiritual, o trabalho feito por aqueles que se conhecem uns aos outros nesses grupos é bem diferente do feito por um grupo que depois se dispersa no mundo. O trabalho que é mantido em fraternal harmonia em nossos grupos tem um significado completamente distinto para o mundo espiritual daquele outro. Para melhor compreendermos isso, lembremo-nos de verdades que já estudamos nos últimos anos.

A primeira época pós-atlântica foi aquela da Antiga Índia, seguida pela Antiga Pérsia, depois veio o período egípcio-caldaico, em seguida o greco-romano e, finalmente, chegamos à nossa época cultural. Cada uma dessas épocas tinha de, por um lado, cultivar uma forma particular de cultura e vida espiritual comprometida, primariamente, com o mundo externo e visível. Mas, ao mesmo tempo, devia preparar, como que a semente do que apenas floresceria no período vindouro.

Desde o ventre, por assim dizer, da época Índica, a Antiga Pérsia era preparada; na antiga cultura protopersa, a época egípcio-caldaica era preparada, e assim sucessivamente.

Nossa tarefa na ciência espiritual não é apenas adquirir tesouros espirituais para nós mesmos, para a vida eterna da alma, mas preparar o que constituirá o conteúdo, o trabalho externo específico da sexta época. Assim tem sido com cada época pós-atlântica.

Os centros de Mistérios eram lugares em que a forma da vida externa do período seguinte era preparada. Os mistérios eram associações de seres humanos que cultivavam outras coisas além das que eram próprias da cultura de seu tempo.

A Antiga Índia ocupou-se do cultivo do corpo etérico; a Antiga Pérsia, do cultivo do corpo astral; o Antigo Egito, da alma da sensação; e a Grécia, da alma do intelecto e da índole. Nossa época, ao longo de toda a sua duração, desenvolverá a alma da consciência. Mas o que dará à cultura a ser manifesta na sexta época, seu conteúdo e caráter, deve ser preparado antecipadamente.

Muitas características da sexta época serão inteiramente distintas daquelas de nosso tempo. Três delas podem ser mencionadas e devemos reconhecê-las como algo que devemos levar em nosso coração para cumprir nossa tarefa de prepará-las para a sexta época cultural.

Hoje, a sociedade humana carece de uma qualidade que, no futuro, será uma característica de todos os homens que alcançarem a meta da sexta época. Naturalmente, tal qualidade não poderia ser encontrada entre os que, embora vivendo na sexta época, ainda se mantêm como selvagens ou bárbaros. Um dos mais significativos atributos dos homens viventes sobre a Terra no auge da cultura da sexta época será certa qualidade moral. Sua expressão na humanidade moderna é bem pequena. Um homem hoje tem de ser muito delicadamente organizado para que sua alma sinta dor ao ver outros seres

humanos no mundo em circunstâncias menos felizes que as suas próprias. Se eles virem um homem faminto, sentirão a fome como experiência física e tão aguda e intensamente, que a fome do outro será para ele insuportável. A característica moral indicada aqui é que na sexta época cultural o bem-estar do indivíduo dependerá inteiramente do bem-estar do Todo.

Assim como em nossos dias o bem-estar de um único membro depende da saúde de todo o corpo e quando o corpo adoce o membro não está em condições de fazer seu trabalho, assim também na sexta época uma consciência tomará conta de toda a humanidade civilizada e em um grau ainda mais elevado, de modo que o indivíduo sentirá o sofrimento, a necessidade, a pobreza ou a riqueza do todo. Esse é o primeiro traço moral que caracterizará a humanidade na sexta época.

A segunda característica será que tudo que hoje chamamos frutos da crença dependerá muitíssimo mais do que hoje é o caso da individualidade. A ciência espiritual expressa isso dizendo que na esfera da Religião da sexta época uma completa liberdade de pensamento e um desejo por ela reinarão. Tudo em que o homem quiser acreditar, as convicções religiosas que quiser manter, estarão inteiramente em poder de sua individualidade. Crenças coletivas, hoje existentes em tão diversas formas entre as várias comunidades, não terão mais influência sobre aqueles que constituam a porção civilizada da humanidade na sexta época cultural.

Cada um sentirá que a completa liberdade de pensamento no domínio religioso é um direito fundamental do ser humano.

A terceira característica será que apenas se considerará o homem portador de um real conhecimento quando ele reconhecer que o espiritual compenetra o mundo e que as almas humanas devem unir-se com o espiritual. O que hoje é tido como ciência, com toda a sua visão materialista, certamente não será honrado com o nome de ciência na sexta época. An-

tes, será considerado superstição antiquada, capaz de impressionar apenas àqueles que permaneceram aquém da consciência da época. Hoje consideramos superstição quando, digamos, um “selvagem” crê que se alguma parte de seu corpo for separada, tal fato lhe tornaria impossível entrar no mundo espiritual depois da morte como um homem inteiro. Alguém que assim creia, ainda conecta a ideia de imortalidade com o puro materialismo. Ele pensa materialistamente, mas crê na imortalidade.

Atualmente, sabemos pela ciência espiritual que o espírito tem de se separar do corpo e que só aquele passa a regiões do mundo suprassensível; consideramos esse tipo de crença materialista sobre a imortalidade uma superstição. Os homens no futuro só aceitarão como ciência as formas de conhecimento baseadas no espiritual, fundamentadas na pneumatologia.⁵⁸

O propósito de toda a ciência espiritual é preparar, nesse sentido, a sexta época cultural. Esforçamo-nos para cultivar a ciência espiritual para superar o materialismo, preparando um tipo de ciência que deverá existir em tal época.

Fundamos comunidades de pessoas entre as quais não deve haver qualquer crença dogmática, tampouco a tendência a aceitar ensinamentos simplesmente por emanar de uma pessoa ou outra em particular.

Fundamos comunidades de seres humanos onde tudo, sem exceção, deve ser edificado sobre o livre assentimento, reconhecimento, da alma pelos ensinamentos. É dessa maneira que preparamos o que a ciência espiritual chama Liberdade de Pensamento. Ao nos reunirmos amigavelmente em associações com o propósito de cultivar a ciência espiritual, preparamos a sexta cultura, a civilização da sexta época pós-atlântica.

58 Ciência ou tratado dos espíritos, dos seres intermediários que formam a ligação entre Deus e o homem. Estudo da doutrina do Espírito Santo, parte da metafísica que trata dos espíritos.

Mas precisamos olhar mais profundamente para o curso da evolução humana se desejamos compreender plenamente as reais tarefas de nossos grupos e associações.

Na primeira época pós-atlântica, também, nas comunidades que naqueles dias estavam conectadas com os mistérios, os homens cultivavam o que subseqüentemente prevaleceria na segunda época. Nessas associações ocupava-se do cultivo do corpo astral, que deveria ser a tarefa externa específica da segunda época.

Teríamos de ir muito longe para descrever o que, em contraste com a cultura externa daquele tempo, era desenvolvido no âmbito dessas associações seculares da Antiga Índia, a fim de preparar a época seguinte. Mas isto pode ser dito: quando aqueles homens se reuniam para preparar o que era necessário à segunda época, eles sentiam: “Nós ainda não alcançamos, não está ainda em nós o que estará quando nossa alma se encarnar na próxima época. Isso ainda paira acima de nós.” E verdadeiramente assim era.

Na primeira época cultural, o que deveria descer dos céus à Terra na segunda época ainda pairava sobre as almas dos homens.

O trabalho atingido na Terra pelos homens, em íntimas assembleias conectadas com os mistérios, era de tal natureza que forças se elevavam até os espíritos das altas hierarquias, permitindo-lhes sentir e cultivar o que irradiaria para dentro da alma dos homens como conteúdo do corpo astral na segunda época – a Antiga Pérsia.

As forças que desceriam às almas encarnadas em corpos da antiga civilização persa, em um futuro estágio de maturidade, eram como pequenos germes na primeira época. As forças que ascendiam do trabalho dos homens na Terra, em preparação para a época seguinte, eram recebidas, acolhidas e nutridas pelo mundo espiritual acima. Assim deve ser em cada época cultural.

Em nossa época, é a alma da consciência ou alma espiritual que se tem desenvolvido através da nossa civilização e cultura. Começando com os séculos XIV, XV e XVI a ciência e a mentalidade materialista se apoderaram do ser humano e isso gradualmente se acentuará até que ao fim da quinta época seu desenvolvimento estará completo.

Na sexta época, entretanto, é a personalidade espiritual que deve “fundamentar” a existência, na alma humana, das três características sobre as quais falamos: vida social – na qual prevaleçam fraternidade, liberdade de pensamento e pneumatologia. Essas três características são essenciais em uma comunidade de seres humanos em que a personalidade espiritual se desenvolva, assim como a alma da consciência se desenvolve nos homens da quinta época.

Podemos, portanto, imaginar que nos unindo fraternalmente em grupos de trabalho, algo como que paira invisivelmente sobre nós, algo que é como o germe das forças da personalidade espiritual – forças nutridas pelos seres das hierarquias superiores para que elas possam descer às almas quando estas estiverem novamente sobre a Terra na sexta época da civilização.

Em nossos grupos geramos a substância que, elevada àquelas forças, contribui para a preparação da Personalidade Espiritual.

Como se pode ver, é apenas pela sabedora da Ciência Espiritual que compreendemos o que estamos realmente fazendo com respeito à nossa conexão com os mundos espirituais ao nos reunirmos nesses grupos. O pensamento de que fazemos esse trabalho não só por nossos próprios egos, mas para que possam ascender forças aos mundos espirituais; o pensamento de que esse trabalho está conectado com os mundos espirituais; esse pensamento é a verdadeira consagração desse grupo.

Acalentar tal pensamento é permearmo-nos com a consciência da consagração, fundamento de um grupo de trabalho

dentro do Movimento. É, portanto, de grande importância captar este fato em seu verdadeiro sentido espiritual. Nós nos reunimos em grupos de trabalho que, além de cultivar a ciência espiritual, são baseados na liberdade de pensamento. Eles não podem ter nada a ver com dogma ou coerção de crenças e sua atividade deve ser a natureza da cooperação entre irmãos.

O que mais importa é tornar-se consciente do verdadeiro significado da ideia de comunidade, dizendo: a despeito do fato de, como almas modernas, pertencermos à quinta época cultural e nos desenvolvermos como indivíduos, elevando a vida individual acima da vida da comunidade, devemos nos tornar conscientes de uma forma superior de comunidade, fundada em liberdade e no amor entre irmãos, que, como um sopro mágico, inspiramos em nossos grupos.

O profundo significado da cultura europeia ocidental está na tarefa da quinta época pós-atlântica, o desenvolvimento da alma da consciência. A tarefa da cultura europeia ocidental, em particular da Europa Central, é o desenvolvimento de uma cultura individual, especialmente da consciência individual. Essa é a questão desta época. Comparem nossa época à greco-romana. A cultura grega exibiu em uma forma particularmente notável, em especial entre os gregos civilizados, uma consciência de viver em uma alma grupal. O homem que nascia e vivia em Atenas sentia-se, antes de mais nada, um ateniense. Sua comunidade entre a cidade e o que pertencia à cidade significava algo diferente para o indivíduo do que significa comunidade entre os seres humanos hoje.

Em nosso tempo, o indivíduo luta para crescer além da comunidade e isso está certo para a quinta época pós-atlântica. Em Roma, o homem era primeiro e, acima de tudo, cidadão romano, nada mais; já em nossa época, lutamos com todas as forças para sermos, acima de tudo, seres humanos e nada mais. É uma dolorosa experiência em nossos dias assistir a homens lutando uns contra os outros. Mas isso é apenas uma

reação à perpétua luta da quinta época pelo livre desenvolvimento do “humano universal”.

Pelo fato de hoje diferentes nações e povos se fecharem uns contra os outros em hostilidade é necessário desenvolver, para resistir, a força que permita aos seres humanos serem homens em todos os sentidos, a ponto de crescerem acima e além da comunidade. Em contrapartida, o ser humano deve, em plena consciência, preparar-se para comunidades nas quais ele entre inteiramente por sua livre vontade na sexta época. Isso porque sobre nós paira, flutua, como grande ideal, uma forma de comunidade que abarcará, na sexta época cultural, os homens civilizados que, naturalmente, se encontram como irmãos e irmãs (FRATERNIDADE).

Por palestras dadas em anos passados, sabemos que a Europa Oriental é habitada por um povo cuja missão particular – que se cumprirá na sexta época e não antes disso – é trazer à expressão forças elementares que jazem dentro deles.

Sabemos que os povos russos não estarão prontos antes da sexta época para desenvolver as forças, ora latentes neles, de forma elementar. A missão da Europa Central e Ocidental é introduzir nos seres humanos qualidades da Alma da Consciência.

Essa não é a missão da Europa Oriental, pois essa terá de esperar até que a Personalidade Espiritual possa descer à Terra e permear a alma dos seres humanos. Isso deve ser compreendido corretamente. Caso contrário, pode facilmente conduzir ao orgulho e à arrogância, sobretudo no Leste. O apogeu da cultura pós-atlântica é alcançado na quinta época. O que se seguirá na sexta e na sétima épocas será uma linha (curva) descendente, de declínio da evolução. Não obstante, essa evolução descendente na sexta época será inspirada pela Personalidade Espiritual.

Hoje, o homem do Centro Europeu sente, frequentemente, que isso é assim, embora, na maior parte das vezes, sua consciência disso seja confusa.

A frequente ocorrência do termo “O Homem Russo” é bem característica. O Gênio se expressa na linguagem quando, em vez de dizer como fazemos parte do Ocidente: o inglês, o francês, o italiano, o alemão – na Europa Oriental se diz “O Homem Russo”.

Muitos da inteligência russa atribuem importância ao uso da expressão “O Homem Russo”. Isso está profundamente ligado com o gênico dessa cultura particular.

O termo refere-se ao elemento de humanidade, de fraternidade, que está disseminado na comunidade. Uma tentativa de indicá-lo é a inclusão da palavra que traz humanidade ao termo. Mas também é óbvio que o grau a ser alcançado em um futuro longínquo não o foi, ainda, uma vez que a expressão inclui também outra palavra que contradiz o nome. Na expressão “O Homem Russo” o adjetivo realmente anula o que está expresso no nome, pois, quando o verdadeiro humano universal for alcançado, não haverá qualquer adjetivo que sugira um elemento de exclusividade.

Porém, em um nível muito, muito mais profundo, vive nos membros da inteligência russa a percepção de que a concepção de comunidade, de fraternidade, deve prevalecer nos tempos que ainda estão por vir. A alma russa sente que a personalidade espiritual está para descer, mas que só pode fazê-lo em uma comunidade de homens permeados pela consciência da fraternidade, que essa não poderia jamais se fazer presente em uma comunidade onde não haja a consciência da fraternidade.

Eis porque os intelectuais russos, como eles próprios se chamam, fazem a seguinte advertência à Europa Central e Ocidental, e dizem: “Vocês não valorizam a vida de uma verdadeira comunidade, só cultivam o individualismo. Todos querem ser alguém por si mesmos, ser um indivíduo. Vocês levam o elemento pessoal, por meio do qual cada homem se sente como individualidade, ao seu extremo máximo.” Isso é

o que ecoa do Leste para o Oeste e o Centro europeus, em muitas reprimendas quanto a barbarismos e coisas similares. Os que tentam perceber como as coisas são realmente acusam a Europa Central e Ocidental de ter perdido todo o sentimento pelas relações humanas.

Confundindo presente e futuro como fazem agora, tais pessoas dizem: “É só na Rússia que há uma verdadeira e genuína comunidade de vida entre homens, uma vida em que todos se sentem irmãos uns dos outros, como um pequeno pai ou uma pequena mãe do outro.” A inteligência russa diz que o cristianismo no Ocidente Europeu não conseguiu desenvolver a essência da comunidade humana, mas que a Rússia ainda sabe o que uma comunidade é.

Alexander Herzen, um excelente pensador que viveu no século XIX e pertencia aos intelectuais russos, concluiu: “Na Europa Ocidental não pode haver nunca felicidade.” Não importa que tentativas sejam feitas, a felicidade nunca virá à civilização Europeia Ocidental. Lá, onde só o caos pode prevalecer, a humanidade jamais encontrará contentamento. A única salvação está na natureza russa e na forma russa de vida, em que os homens ainda se separam da comunidade, onde em suas vilas ainda há algo da natureza da alma principal à qual se apegam – o que chamamos de alma de grupo, da qual a humanidade gradualmente emergiu e na qual o reino animal ainda vive –; isso é reverenciado pela inteligência russa como algo de grande importância e significado para seu povo.” Eles não podem se elevar até o pensamento de que a comunidade do futuro existe como um alto ideal, um ideal que ainda está por ser realizado. Eles aderem firmemente ao pensamento “Somos o último povo da Europa a reter e manter essa vida na alma de grupo. Os outros já saíram dela; nós a mantivemos e devemos mantê-la por nós mesmos.”

Sim, tal vida na alma principal não pertence em realidade ao futuro. Ao contrário, é a velha forma de existência na alma

principal. Se ela insistisse em continuar, seria uma alma-grupo luciférica, uma forma de vida que permaneceu em um estágio anterior; já a forma de alma de grupo pela qual é justo lutar é aquela que tentamos encontrar na ciência espiritual. De qualquer forma, o sentimento dos intelectuais russos serve para mostrar como o espírito de comunidade é necessário para trazer a personalidade espiritual à manifestação. E, assim como se tem lutado lá por esse espírito, embora ao longo de um caminho falso, também se deve lutar por ele na ciência espiritual ao longo do caminho verdadeiro.

O que gostaríamos de dizer aos do Leste é: é nossa tarefa superar inteiramente o que vocês estão tentando preservar em uma forma externa, a qual seja uma antiga forma luciférico-arimânica de comunidade. Em uma comunidade de caráter luciférico-arimânica haverá coerção de crenças tão rígida quanto à estabelecida pela Igreja Católica Ortodoxa na Rússia. Tal comunidade não compreenderá a verdadeira liberdade de pensamento. Menos ainda poderá elevar-se ao nível em que a completa individualidade está integrada a uma vida social na qual a fraternidade prevalece. Essa outra forma de comunidade gostaria de preservar o que permaneceu como uma fraternidade de sangue, uma fraternidade pura através de laços de sangue. Uma comunidade fundada não no sangue, mas no espírito, em uma comunidade de almas é o que se deve buscar ao longo dos caminhos da ciência espiritual.

Devemos tentar criar comunidades nas quais o fator sangue não mais tenha voz ativa. Naturalmente, o fator sangue continuará existindo – viverá em nossos relacionamentos familiares, pois o que deve ser mantido não será erradicado. Só que algo novo deve emergir! O que é significativo em uma criança será preservado nas forças do idoso, mas, em seus últimos anos, o ser humano deve receber novas forças.

O fator do sangue não está destinado à sustentação de grandes comunidades no futuro. Esse é o equívoco cometido

pelos representantes da Europa Oriental; pelos representantes da Europa Oriental nos desastrosos acontecimentos de hoje. Uma guerra irrompeu sob o comando da comunidade de sangue entre os povos eslavos.

Nesses tempos decisivos, fazem-se presentes todos os elementos que, em realidade, têm em si o núcleo adequado, qual seja, o sentimento instintivo de que a personalidade espiritual só pode se manifestar em uma comunidade onde a fraternidade prevalece. Entretanto, não se trata de uma comunidade de sangue, mas, antes, de uma comunidade de almas. Aquilo que cresce como uma comunidade de almas é o que desenvolvemos, em seu estágio infantil, em nossos grupos de trabalho. O que mantém a Europa Oriental tão apegada à alma grupal a ponto de considerar a alma do povo eslavo algo que não quer abandonar, como algo que, ao contrário, considera o próprio fundamento para o desenvolvimento do Estado, isso, sim, deve ser superado.

Um grande e terrível símbolo coloca-se diante dos olhos do mundo. Pensem nos dois Estados em que a guerra teve seu ponto de partida. De um lado, a Rússia, com o mundo eslavo em geral, declara que a guerra é baseada em uma irmandade de sangue; e, de outro, a Áustria, que compreende treze povos distintos e treze línguas diferentes. A ordem de mobilização na Áustria tinha de ser dada em treze idiomas, porque a Áustria abrange treze etnias: alemães, tchecos, poloneses, húngaros, romenos, eslovacos, sérvios, croatas, eslovenos (entre os quais há um segundo e separado dialeto), bósnios, italianos e dalmácios. Treze etnias, além de todas as diferenciações menores, estão unidas na Áustria. Se as implicações desse fato são compreendidas ou não, o fato é que obviamente a Áustria consiste em uma coleção de seres humanos entre os quais uma comunidade baseada no sangue jamais poderá existir; o Estado mais complexo na Europa coloca-se em oposição ao Estado que luta mais intensamente pela vida na alma grupal,

pela conformidade. Mas esta luta por uma vida fundada na alma-grupo traz uma série de outras coisas em seu esteio, o que nos leva à outra questão, cujo significado deve ser objeto de nossa reflexão.

Na palestra pública de ontem, mencionei o grande filósofo Soloviev, um dos mais importantes pensadores da Rússia. Soloviev é um eminente pensador, mas, antes de tudo, um pensador russo; uma mente difícilíssima de compreender do ponto de vista europeu-ocidental. Antropósofos, no entanto, deveriam estudar seu trabalho e tentar compreendê-lo. Proponho falar partindo da nossa mais íntima opinião a respeito da ideia central de Soloviev, um filósofo bom demais para adotar o princípio da vida na alma grupal sem questionamento. Ele tem dificuldade com isso e em muitos aspectos chega a discordar. Mas há uma ideia que predomina nele; não tão conscientemente, é verdade, e que é tal como se ele desejasse ser clarividente para antecipar o que sua alma teria de esperar para ver quando estivesse encarnado na sexta época. A seguinte concepção, extremamente difícil para os homens da Europa Central e Ocidental, tornou-se a principal ideia na mente de Soloviev. Na Europa Ocidental, como preparação para a sexta época, tentamos, entre outras coisas, captar o significado da morte para a vida. Tentamos entender como a morte é a manifestação de uma forma de existência; como a alma é transformada, na morte, em outra forma de existência. Descrevemos a vida do homem em seu corpo e modo de vida entre a morte e um novo nascimento. Nós nos esforçamos para compreender a morte, para sobrepujá-la pela compreensão de que é apenas aparência exterior, de que a alma, em verdade, segue vivendo quando passamos pela morte. Para nós, conquistar a morte pela compreensão constitui uma meta essencial. Aqui chegamos a um dos pontos, de fato, ao mais vital dentre eles, em que a ciência espiritual se desvia completamente da ideia central sustentada pelo grande pensador russo, Soloviev. Sua

ideia é: há mal no mundo; há perversidade no mundo. Se nós, com nossos sentidos, contemplamos o mal e a iniquidade no mundo, não podemos negar que o mundo esteja repleto de ambos. Isso, diz Soloviev, refuta a divindade do mundo, pois, quando contemplamos o mundo com nossos sentidos, como podemos acreditar em um mundo divino, uma vez que um mundo divino não pode certamente exibir o mal (Soloviev). Mas os sentidos percebem o mal em toda parte e o mal extremo é a morte. Porque a morte está no mundo, o mundo se revela em todo o seu mal e perversidade. O arquétipo do mal, o arque-mal é a morte!

Assim, Soloviev caracteriza o mundo. Ele diz – e cito quase palavra por palavra: observem o mundo com seus sentidos ordinários; tentem compreender o mundo com sua mente comum. “Vocês jamais poderão negar a existência do mal no mundo e desejar entender a morte seria absurdo.” A morte existe. O conhecimento adquirido pelos sentidos revela um mundo de perversidades, um mundo do mal. Podemos acreditar, pergunta Soloviev, que este mundo é divino quando nos mostra que está cheio do mal, quando nos mostra a morte a cada passo? Jamais poderemos crer que um mundo que nos apresenta a morte é um mundo divino. Pois em Deus não pode haver mal, nem iniquidade, e, acima de tudo, não pode haver o arque-mal, a morte. Em Deus não pode haver morte. Portanto, se Deus viesse ao mundo (eu repito as palavras de Soloviev), se Deus aparecesse, nós seríamos capazes de crê-lo Deus? Não, não seríamos! Ele teria de estabelecer sua identidade primeiro. Se um ser clamando ser Deus aparecesse, não acreditaríamos nele. Ele teria de provar sua identidade pela produção de alguma coisa da ordem de um documento mundial para que o reconhecêssemos como Deus. Nada desse tipo existe no mundo. Deus não pode provar sua identidade através de algo que pertença ao mundo, pois tudo quanto há no mundo contradiz a divina natureza. Por quais meios, então,

pode Ele provar sua identidade? Só demonstrando, quando vem ao mundo, que Ele conquistou a morte: que a morte não pode ter poder sobre Ele. Jamais acreditaríamos em Cristo como Deus se Ele não tivesse provado sua identidade. Mas Cristo assim fez, uma vez que ressuscitou, demonstrando que o arque-mal, a morte, não estava Nele.

Isso é que Soloviev diz. Trata-se de uma consciência do divino baseada apenas no fato histórico e real da ressurreição de Cristo, o qual, como Deus, prova sua identidade. Soloviev continua: “Nada no mundo, exceção feita unicamente à Ressurreição, nos permite realizar que Deus existe. Se Cristo não tivesse ressuscitado, toda a nossa crença seria vã e tudo que disséssemos sobre a natureza divina no mundo também seria em vão.” Soloviev cita sempre essas palavras de São Paulo.

Tal é, portanto, a visão fundamental de Soloviev. Se olharmos para o mundo, encontraremos nele somente o mal, a perversidade, a degeneração, a insensatez. Se Cristo não tivesse ressuscitado, o mundo seria sem sentido. Por isso, Cristo ressuscitou! Notem bem essa sentença, pois é uma expressão fundamental de um dos maiores pensadores da Europa Oriental: “Se Cristo não tivesse ressuscitado, o mundo seria sem sentido; por isso Cristo ressuscitou.” Soloviev também disse: “Há pessoas que, talvez, julguem ilógico o que digo quando afirmo tal coisa, mas isso é muito mais lógico do que qualquer coisa que possam dizer contra mim.”

Em tal curioso exemplo do documento como prova da divindade de Deus, que encontramos entre os escritos de Soloviev, procurei ilustrar para vocês a peculiaridade do pensamento do Leste Europeu. Curiosos pensamentos afloram na tentativa de compreender por que meios Deus revela incontestavelmente que Ele é Deus. Como é diferente na Europa Central e Ocidental! Qual é a meta da ciência espiritual? Tentem rever e comparar o que buscamos cultivar na ciência espiritual. Qual é a sua meta? Qual a sua direção? É nossa meta

e nosso desejo reconhecer, a partir do conhecimento, que o mundo tem sentido, significado e propósito; e que o mundo não é apenas mal e degeneração: é nossa meta perceber por meio do conhecimento direto que o mundo tem sentido. Com essa percepção, tentamos nos preparar para a experiência do Cristo. Desejamos compreender o Cristo vivo, aceitando todas essas coisas como dádivas, como graça. Sentimos o portento das palavras: “Eu estarei convosco até o fim do mundo.” Aceitamos tudo o que o Cristo continuamente promete, pois Ele nos fala não só nos Evangelhos, mas dentro de nossa alma. E é isso o que Ele quer dizer com essas palavras: que Ele pode ser sempre encontrado como o Cristo vivo. Queremos viver n’Ele, recebê-Lo em nós. “Não eu, mas o Cristo em mim.” De todos os dizeres de São Paulo, esse é o mais significativo para nós. “Não eu, mas o Cristo em mim.” Pois por meio Dele reconhecemos: para onde quer que nos voltemos, sentido e propósito são revelados. Fausto expressou a mesma verdade quando revestiu tal filosofia de vida com estas palavras:

Sublime Gênio, tens-me dado tudo,
Tudo o que te pedi. Não me mostraste
Em vão, dentro do fogo, o teu semblante.
Por reino destes-me a infinita natureza,
E forças para senti-la, penetrá-la.
Não me outorgastes só contato estranho e frio,
Deixastes-me sondar-lhe o fundo do seio,
Como se fosse o peito de um amigo.
Expões-me à multidão de seres vivos,
E a conhecer, na plácida Silveira,
Nos ares, na água, os meus irmãos, me ensinas.
E quando o furacão no mato ruge,
Desmoronando, o gigante pinho
Vizinhos troncos e hastes despedaça,
E, trovando, o morro a queda o acompanha;

Então me levas à tranquila gruta,
Revelas-me a mim mesmo e misteriosos
Prodígios se abrem dentro do meu peito.

Tais palavras indicam um entendimento espiritual dos mundos interno e externo, do propósito universal, do significado da morte e o reconhecimento de que a morte é a passagem de uma forma de vida para a outra. Ao buscarmos o Cristo vivo, também O seguimos através da morte e da ressurreição. Nós, diferentemente dos homens do Leste Europeu, não tomamos a ressurreição como nosso ponto de partida. Seguimos o Cristo, deixamos sua inspiração fluir para dentro de nós, recebendo-O em nossa imaginação. Seguimos o Cristo até a morte. Nós O seguimos não apenas dizendo: “*Ex Deo Nascimur*”, de Deus nascemos, mas também dizendo “*In Christo Morimur*”, em Cristo morremos.

Nós examinamos o mundo e reconhecemos que é ele próprio o documento por meio do qual Deus expressa sua divindade. À medida que tentamos entender e experimentar o poder da urdidura espiritual, nós, no Ocidente, não podemos dizer que se Deus viesse à Terra necessitaria de um documento para estabelecer Sua identidade, mas, antes, buscamo-lo em toda parte, na natureza e na alma dos homens.

Assim, esta quinta época pós-atlântica da civilização necessita do que desenvolvemos e cultivamos em nossos grupos. Necessita do cultivo consciente da aura espiritual que paira acima de nós, acalentada pelos espíritos das mais altas hierarquias e que fluirá para dentro da alma dos homens quando viverem na sexta época. Não faz parte de nosso caminho, como no Leste Europeu, voltarmo-nos para a alma de grupo que está morta, à forma de comunidade que é meramente sobrevivente de outra mais antiga. Nossos esforços são para nutrir e cultivar uma realidade viva desde sua infância, tal é a comunidade de nossos grupos. Não é nosso caminho olhar para o

que há no sangue, clamando pela união dos que têm o mesmo sangue, para que cultivem isso em comunidade. Nossa meta é congregar seres humanos que resolvem ser irmãos e irmãs e sobre os quais paira algo porque eles querem lutar para desenvolver, através da dedicação, a ciência espiritual, sentindo o bom espírito da fraternidade cobrindo-os como asas.

Neste momento de abertura de um dos nossos grupos, essa é a dedicatória que receberemos. Por meio dela consagramos o grupo em sua fundação. Comunidade e vida renovada! Buscamos a comunidade acima de nós e o Cristo vivo em nós. O Cristo que não precisa de qualquer documento nem tem de ser autenticado porque nós O experimentamos dentro de nós. Nesta hora, tomamos este como nosso lema à consagração: Comunidade acima de nós, Cristo em nós.

Além do mais, sabemos que se dois ou três ou sete ou muitos estiverem reunidos em nome do Cristo, Cristo viverá neles verdadeiramente. Todos aqueles que, nesse sentido, reconhecem a Cristo como seu irmão, são eles próprios irmãos e irmãs. Pois Cristo reconhecerá como Seu irmão aquele homem que reconhecer outros homens como seus irmãos.

Se formos capazes de receber tais palavras de consagração e fazer nosso trabalho de acordo com elas, o verdadeiro espírito do nosso Movimento se manifestará não importa o que façamos. Mesmo nestes tempos difíceis, amigos de fora têm-se associado àqueles que fundaram o grupo. Esse é sempre um bom costume, pois, desse modo, aqueles que estão trabalhando em outros grupos podem levar a outros lugares as palavras de consagração. Eles se comprometem a pensar constantemente naqueles que assumiram trabalhar juntos, em grupo, de acordo com o verdadeiro espírito do Movimento. A comunidade invisível, que gostaríamos de encontrar por meio dessa forma de trabalho, irá crescer e prosperar. Se essa atitude, unida ao nosso trabalho, se espalhar mais e mais, teremos em alta conta as necessidades da ciência espiritual em nome

do progresso da humanidade. Então, poderemos acreditar que aqueles grandes mestres de sabedoria, que guiam a evolução humana, estarão entre nós. À medida que vocês, aqui, trabalharem no sentido da ciência espiritual, nessa mesma medida, sei muito bem, que os grandes mestres que inspiram nosso trabalho desde os mundos espirituais estarão presentes entre vocês.

Invoco sobre o vosso trabalho o poder, a graça e o amor daqueles mestres de sabedoria que guiam e dirigem o trabalho que cumprimos em fraternidade em tais grupos. Invoco a graça, o poder e o amor dos mestres da sabedoria que estão diretamente conectados com as forças das hierarquias superiores. Possa estar com esse grupo o espírito do bem que está em vós, grandes mestres; e possa também prevalecer a atuar neste grupo o verdadeiro espírito do Movimento!

Anexo 4:

A Escola do Altruísmo e a Trimembração do Organismo Social

Ao falar sobre a Trimembração do Organismo Social em relação à Escola do Altruísmo não chegamos a discutir o “conteúdo” dos conceitos referentes ao assunto. A proposta da Escola do Altruísmo é descobrir os caminhos que devem levar à Trimembração do Organismo Social.

Como já dizia Goethe, reflita sobre o “que”, mas reflita mais sobre o “como”.

A ideia da Trimembração do Organismo Social foi lançada por Rudolf Steiner em 1917, perto do fim da Primeira Guerra Mundial, quando a derrota da Alemanha já era previsível. A Europa toda vivia o caos social, com enorme sofrimento. A população mundial não passava de 1,6 bilhão de almas. O motor a explosão fora recém-descoberto. A Rússia sofria com a revolução bolchevista. Era um momento da história da humanidade que possibilitava uma transformação da estruturação social, no sentido da Trimembração. A ideia, porém, não foi entendida. A oportunidade passou e foi perdida.

Hoje, o mundo é muito mais complexo e a estratégia adotada a partir de 1919 jamais poderia ser repetida. Rudolf Steiner e seus colaboradores dependiam de uma estratégia do topo para a base, de cima para baixo. Tentaram convencer os representantes dos governos de vários países da Europa. Atualmente, tal estratégia é totalmente inviável porque em praticamente todas as democracias o topo distanciou-se da base. A burocracia substitui e domina as relações humanas e os povos não se sentem mais representados pelos seus respectivos governos. Há uma grande desconfiança de tudo que vem de cima.

Tais condições são um claro indício de que a estratégia moderna é a de baixo para cima, a base criando fatos. Se a estratégia antiga, do topo para a base, vai da cabeça para os

membros, a nova estratégia deve fluir dos membros para a cabeça, passando pelo coração. A burocracia que cada vez mais aperfeiçoa o controle do Estado sobre o cidadão deve ser substituída pela confiança mútua e a confiança mútua só pode ser criada no contato direto entre seres humanos, para juntos criarem um ambiente de confiança.

O instrumento para a realização da estratégia de baixo para cima consiste na construção de comunidades, comunidades onde os valores que sustentam a ideia da Trimembração do Organismo Social são cultivados muitas vezes de maneira inconsciente ou instintiva, pelo simples fato de juntos quererem fazer o bem. Todo ser humano sadio, no âmago de sua alma, quer fazer o bem e fica feliz quando lhe é oferecida uma oportunidade para isso.

Hoje mesmo presenciei um exemplo nesse sentido. Foi na praia com minha esposa. Preciso andar mais rápido do que ela pode, então marcamos, como de costume, o encontro dentro de 45 minutos no pé da rampa de saída da praia. A rampa é realmente ruim para se subir. Ao me aproximar dessa vejo que minha esposa já estava lá tentando subir a rampa. Um homem percebeu sua dificuldade e veio correndo ajudá-la, lhe oferecendo o braço, que ela aceitou e se deixou conduzir até o topo da rampa. Observei o brilho no rosto daquele homem.

Olhando ao meu redor encontro inúmeras iniciativas de grupos e comunidades em todas as áreas da atividade humana que trabalham e experimentam novas formas de convivência. A meu ver correspondem ao impulso do espírito do tempo que é Micael.

Precisamos ter consciência de que no mundo há muitas pessoas que sentem dentro de si o impulso do espírito do tempo. Para todas elas a Escola do Altruísmo com sua expertise no desenvolvimento de grupos e comunidades pode dar um grande apoio. O impulso da Escola do Altruísmo, difundindo a ideia do altruísmo, é um trampolim para a formação da sociedade do futuro que, certamente, terá como fundamento de

sua estruturação a ideia da Trimembração do Organismo Social. Posso expressar essa certeza porque a Trimembração do Organismo Social é consequência natural da trimembração do organismo humano e só essa analogia pode ser o fundamento de uma forma social orgânica com a qual todos, como indivíduos livres e conscientes, possam se realizar. De certa maneira, ela já existe nas sociedades modernas, porém, de forma deturpada, sobretudo pelo egoísmo predominante.

Faz-se necessário certo equilíbrio entre altruísmo e egoísmo para a trimembração do organismo social prosperar. Por enquanto estamos lutando contra a predominância absoluta do egoísmo. A corrupção é o egoísmo mais imoral, traiçoeiro e perigoso. Ele afeta a todos, é disfarçado, destrói o senso moral das pessoas e inviabiliza a democracia. Qual é a confiança que o cidadão pode ter na justiça, por exemplo, quando não sabe se o juiz foi comprado? Qual é a democracia em que os direitos podem ser comprados, dependendo só do preço?

Todos esses pensamentos passaram pela minha cabeça quando decidi denominar o nosso impulso de “Escola do Altruísmo” e não “Movimento para a Trimembração do Organismo Social”, por exemplo. Ao ouvir falar da Trimembração do Organismo Social a primeira reação do ouvinte necessariamente é querer entender o conceito. Apelamos para a cabeça. Ao falar sobre a Escola do Altruísmo todo mundo sabe imediatamente do que se trata. Atingimos o coração das pessoas, despertando a vontade de querer participar. Assim a Escola do Altruísmo estimula as pessoas para a Trimembração do Organismo Social através do fazer altruísta.

No Brasil, apesar do ambiente adverso, há muitas iniciativas no sentido de uma economia fraterna e, certamente, chegará o momento em que a Escola do Altruísmo deverá atuar e falar de maneira explícita da Trimembração do Organismo Social. Quando sentirmos que esse momento chegou, deveremos estar preparados.

Bibliografia

BURKHARD, Daniel & MOGGI, Jair. *O capital espiritual da empresa*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2009.

BURKHARD, Daniel. *Nova consciência, altruísmo e liberdade*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2015.

BURKHARD, Gudrun. *Tomar a vida nas próprias mãos*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

FRANKL, Victor. *Em busca de sentido*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2009

HARTKEMEYER, Johannes & HARTKEMEYER, Martina. *Die Kunst des Dialogs*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 2005.

LIEVEGOED, Bernard. *O homem no limiar*. São Paulo: Editora Antroposófica, 1999.

_____. *Rumo ao século 21*. São Paulo: Editora Antroposófica, 1997.

LOWNDES, Florin. *Die Belebung des Herzchakra*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1997.

_____. *Das Erwachen des Herzdenkens*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1998.

MOGGI, Jair & BURKHARD, Daniel. *Como integrar liderança e espiritualidade*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2004.

_____. *O espírito transformador*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

ROSENBERG, Marshall B. *Comunicação não violenta*. São Paulo: Ágora Editora, 2006.

SCHARMER Otto & KAUFER, Katrin. *Liderar a partir do futuro que emerge*. Rio de Janeiro:

Editora Alta Books, 2019.

SPITTA, Dietrich. *Der Soziale Organismus als Mysterium*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 2015.

STEINER, Rudolf. GA 10, *O conhecimento dos mundos superiores*. São Paulo: Editora Antroposófica, 7ª Edição, 2007.

_____. GA 11, *A crônica do Akasha*. 3ª ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2017.

_____. GA 13, *A ciência oculta*. 6ª ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2006.

_____. GA 23, *Os pontos centrais da questão social*. São Paulo: Editora João de Barro, 2011.

_____. GA 58, *Metamorphosen des Seelenlebens 1º Teil*, Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1984.

_____. GA 59, *Metamorphosen des Seelenlebens 2º Teil*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1984.

_____. GA 152, *Vorstufen zum Mysterium von Golgatha*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag 1980

_____. GA 159, *Das Geheimnis des Todes*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1980.

_____. GA 168, *Die Verbindung zwischen Lebenden und Toten*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1995.

_____. GA 185, *Geschichtliche Symptomatologie*. 3ª ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1982.

_____. GA 190, *Vergangenheits – und Zukunfts impulse im sozialen Geschehen*. 3ª ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1980.

_____. GA 214, *Das Geheimnis der Trinitat*. 3ª ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1999.

_____. GA 233, *Mysterienstätten des Mittelalters*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1962

_____. GA 257, *Antroposofische Gemeinschaftsbildung*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1989.

ZAJONC, Arthur. *Meditação como indagação contemplativa*. São Paulo: Editora Antroposófica,

2009.

